FON FON
ANNO XXIV — N.º 40
Rio, 4 de Outubro de 1930
— PREÇO: 1$000 —

Esposa feliz

Ser uma esposa feliz, — que mulher não o desejará? Pois bem. Saúde e cuidados hygienicos são as condições fundamentaes para que um casal viva feliz e permaneça unido. Como são desagradaveis e incommodas certas irregularidades produzidas pelas molestias das vias urinarias! As dôres no baixo ventre e na região lombar são geralmente os primeiros signaes de affecções graves da bexiga e dos rins. A esposa prudente deve, pois, na defesa da sua saúde e da sua felicidade, observar as menores irregularidades do seu organismo, e tomar, no momento opportuno, os

Comprimidos de
Helmitol

que não só previnem, mas tambem curam rapidamente as molestias das vias urinarias. É garantida a sua acção desinfectante sobre esse apparelho. O uso, a tempo, desse preparado evita muitos transtornos que, especialmente nas pessôas edosas, costumam trazer grandes dissabores e soffrimentos, perfeitamente evitaveis.

COÇANDO A BARBA

A moda masculina da barba raspada parece que se firmou. Não se comprehenderia a volta das costelletas, dos cavaignacs, das grandes melenas a Francisco José. No seculo do aeroplano, do cinema-falante, da hygiene quintessenciada, não são cabiveis mais as barbas severas que se usavam no seculo passado. Não ha mais tempo a perder em pentear e em aparar barbaças. Toda gente se raspa, pela manhã, apresentando-se remoçada, com a idéa de assim prolongar a mocidade. Convém, entretanto, não coçar a barba com as mãos polluidas, afim de evitar que ella se infeccione. A' noite recommenda-se lavar o rosto com Sabão Bayer de Afridol, que além de desinfectar, amacia e conserva a pelle.

APERTA E DESAPERTA

Ha muita gente atrapalhada neste mundo por causa de um simples "abre" e outras por causa de um simples "fecha". Tanto as do "abre" como as do "fecha" não passam de pobres mortaes escravisados aos prosaicos orgãos da economia, denominados "intestinos", os quaes por isto ou aquillo não funccionam com a necessaria regularidade. A's vezes tudo depende de um *desaperta*, e outras vezes de um *aperta*.

Afim de beneficiar as victimas desses dois estados oppostos, eis um conselho: aos que necessitarem de um "abre" lembrem-se dos comprimidos Bayer de Isticina, e aos que necessitarem de um "fecha", lembrem-se dos comprimidos Bayer de Eldoformio.

ANNUNCIOS

DE CONCHITA CID

CAVALHEIRO

istincto deseja proteger senho-ita como sua dactylographa. Car-as para a caixa... deste jornal.

Espirito brincalhão, Rubenita ensou: "E si fosse alinhado? Vale pena responder."

E, tomando de uma folha de pa-el ordinario, escreveu á machina:

"Respondendo ao s/annuncio, fferece-se: moça branca, nova e iscreta. Remuneração: 1:000$000 ensal. Resposta a — "Protegi-a" — neste jornal."

No dia immediato:

PROTEGIDA

Apresente-se á rua... n.º...

Rubenita estremeceu. Deveria ir? ão correria nenhum risco a sua mutação de *jeune fille*? A curio-idade, a sêde de ineditismo que anto attrae as mulheres, foi mais orte que os preconceitos de Ru-enita.

E ella sahiu, linda, na sua *toi-lette* escura de inverno.

O numero do annuncio não exis-ia.

Em vez delle, um descampado edroso.

Desanimada com o bôlo irrisorio que lhe pregára o tal cavalheiro, ella ia voltar, quando um vulto de homem se approximou.

— Protegida?

Ella não respondeu. Tremia ao medir o seu atrevimento.

Elle continuou:

— Como deve ter percebido, eu não seria tão tolo a ponto de me expôr a qualquer brincadeira de mau gosto. Dei um numero sup-posto e fiquei á espera.

Falava sorrindo. Era moço. Ali-nhado como o desejara Rubenita.

— Não fala, *mademoiselle*?

— Está frio...

— Ora, deixemos o tempo em paz. Não comecemos tão burguezmente o nosso idyllio. Diga-me: como se chama?

— Rubenita. E... o senhor?

— Senhor, não: você. Eu me cha-mo Danillo. Você será a minha "Princeza dos Dollares". Quer?

Conversando, tinham chegado ao fim da rua. Danillo preparou-se para tomar um *taxi*.

— Aonde me leva?

— Pretendo convidal-a para fazer um passeio commigo. Tem mêdo?

— Não. Confio no seu cavalhei-rismo.

— E' gentil, Rubenita.

— Não, não tomo automovel.

— Por que? Não seja ingenua. Não quer? Então, voltemos.

E voltaram.

— Não comprehendo, *mademoi-selle*, não comprehendo a sua atti-tude — disse elle, um pouco frio e desapontado.

— Adeus, senhor. Obrigada pelo seu cavalheirismo.

— Já vae? Assim? Nem um beijo?

Rubenita, atordoada, offereceu o rosto fresco. Elle beijou-lho quasi castamente.

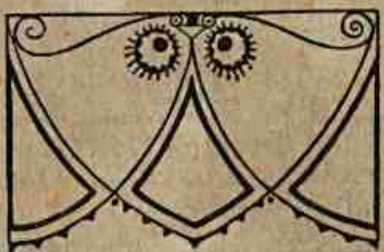
— Adeus, senhor...

— Já?

Ella sentia a nobreza de todos os gestos delle.

Não a constrangia a nada.

Num gesto espontaneo, estendeu-lhe os braços e os labios.

E foi só.

— Rubenita!

— Hein?

— Prepara um jantar para seis, ouviste? Convidei uns patricios para jantar comnosco.

E o marido burguez, um cigarro barato entre os dêdos callejados e grosseiros, lia um matutino qual-quer.

— Pois sim...

* * *

E, emquanto depennava a gorda gallinha, a mais bonita do poleiro, Rubenita pensava:

"E o cavalheiro alinhado dos meus sonhos, que será feito delle?

"Tola que fui! Por que não te-ria eu aproveitado, naquella noite fria, os momentos de amor que elle me offerecia? Si eu tivesse a cer-teza da bestialidade dos maridos, com certeza não teria sido tão im-becil...

"Mas, eu era apenas uma *jeune fille* que queria casar. E julgava que os maridos fossem umas "fé-ras"... Seria tão facil..."

Depois da noite de amor com o cavalheiro alinhado e sympathico, ella teria, a garantil-a, os maridos burguezes, que se contentam em ler, commodamente sentados na ca-deira de balanço, um matutino qualquer...

* * *

A gallinha já estava depennada. Rubenita concluia:

— Não, desta não me conformo eu. Ter perdido uma aventura da-quellas... Si eu soubesse o que sei hoje... Si eu soubesse o idiota que é um marido... Não, não me conformo.

* * *

O marido, pobre e innocente bur-guez, lia um drama emocionante e fumava, calmamente, o seu cigarro barato...

A ARCA HENRIQUE IV

CLAUDE MARSEY

M. Gavotte poderia ter sido o mais feliz dos homens. Levava uma boa vidinha, bem tranquilla, ganhando, como marceneiro, dias lucrativos e fazendo seus ganchos na modesta officina que possuia na rua Bolivar, perto de Buttes-Chaumont. Uma bella manhã, instituiu-se antiquario.

Que querem? Feria-lhe o coração ver que um bello movel, de madeira novinha, bem limpo, bem luzidio, bem solido, vendia-se infinitamente menos caro do que um velho movel, cahindo aos pedaços, todo carunchoso. Moveis antigos... decidiu-se a fabrical-os tambem.

Exercitou-se logo no mistér. Ao clarão do dia, não, absolutamente! Conheciam-no muito no quarteirão. Num puxado que se encontrava por detraz da sua officina, um puxado illuminado por uma janella do tamanho de um lenço de algibeira, e no qual se entrava por uma porta tão estreita que um homem de forte corpulencia não a poderia transpôr. Em poucas palavras: um verdadeiro antro de moedeiros falsos!

Tudo o que lhe era necessario, em summa, para trabalhar longe de olhos indiscretos. M. Gavotte fabricou, em primeiro logar, cadeiras antigas, que vendeu muito bem. O successo animou-o, e o acaso, trazendo-lhe o conhecimento de um amador, offereceu-lhe os seus serviços.

O amador, um rico banqueiro de nome M. Brock, procurava, sobretudo, peças muito antigas, velhas mesas, velhas poltronas, velhas arcas Henrique IV. M. Gavotte não o contradisse; declarou, ao contrario:

— Uma velha arca Henrique IV! Mas, senhor Brock, sei de uma soberba, admiravel, unica. Pertence a um marquez do arrabalde de Saint-Germain, que, tendo necessidade de dinheiro, talvez consinta em desfazer-se della. E' uma peça de authenticidade indiscutivel. Se quizer estipular o preço, estou certo de que a teremos.

— Irei até vinte mil francos — disse M. Brock.

— Por vinte mil francos, nós a adquiriremos, acredito — falou M. Gavotte.

E o marceneiro antiquario poz immediatamente mãos á obra. Comprou madeiras de demolições, bem estragadas, bem manchadas pelo tempo; cortou desta madeira o que necessitava para fabricar sua arca; encerou-a, envernizou-a, raspou-a para encerar de novo, untou-a com substancias fortemente amarelladas, esborcionou-a em alguns pontos, salpicou-a de pó, perfurou-a com a broca, encaixou-lhe fragmentos de outras côres e, para terminar, crivou-a de furos de cupim, descarregando sobre ella cinco ou seis cartuchos de chumbo miúdo.

De tempos a tempos, M. Brock, ansioso, vinha visitar M. Gavotte e informava-se:

— Em que ponto está o negocio? O seu marquez decidiu-se?

E, de cada vez, M. Gavotte respondia:

— Um pouco de paciencia, senhor Brock! O meu marquez faz-se difficil. Imagine! E' um movel de familia! Mas nós o teremos nas mãos, juro-lhe!

Afinal, quando M. Gavotte deu os ultimos retoques na arca da rua Bolivar, quando acabou de fabricar a mais authentica das arcas Henrique IV, avisou M. Brock de que o movel tinha sido comprado. M. Brock accorreu, de auto. O outro o conduziu ao puxado e, mostrando-lhe a sua obra, exclamou:

— Está aqui a maravilha! Trouxe-a hontem, com toda a precaução, e occultei-a aqui, para que ninguem, com excepção do senhor, lhe deitasse os olhos em cima. Como a acha, sr. Brock?

M. Brock estava encantado. Nunca encontrara uma arca Henrique IV mais bella! Como todos os collecionadores apressados, não tinha senão um pensamento: transportar, sua curiosidade artistica. Mas quando M. Gavotte quiz levar a arca para collocal-a no auto, não o conseguiu: a porta do puxado era muito estreita para deixar passar uma arca tão volumosa.

Houve um momento de silencio angustioso. M. Brock murmurou, afinal, com um sorriso ironico e desabusado:

— Diga-me, senhor Gavotte, se não pode fazer sahir este movel hoje, como o fez entrar hontem?

A Pobre Annita

de Marianic.

NÃO era mais que uma guardiã de vaccas. Uma noite de fevereiro, seu pae, o Francisco, ébrio notario da communa, a havia atirado no lodo de um regato, como a um rato morto. Apanhada por Francisca, rica fazendeira dos arredores, Annita conhecera no Kervoat o asylo do quente armario onde, sob a cortina de florinhas, ella dormia com Maria Luiza, a ultima dos doze filhos. Esses doze eram um rosario de cabeças feias e bonitas: desde o mais velho, João Pedro, agora com vinte annos, até a forte menina de um pouco menos de tres.

No meio dessa gente, a pobresita, depressa acclimatada, levava para saldar a sua fatia de pão um coração novo e sem rugas.

— Ella não rejeita trabalho, diziam della, e está sempre contente.

Feliz? Ella ignorava a palavra; mas, ás vezes, uma alegria a fazia sorrir. Um assobio atravessando o campo, um chamado do alto de um apanhado de feno.

— Bom dia, Annita. E hoje, ao meio dia?

E a saudação de João Pedro? Era um motivo para que subisse até aos céos...

Aos dezeseis annos, era uma linda rapariga que auxiliava os homens no seu labor.

Terminado o serviço do campo, ella servia a mesa e ria para João Pedro, que brincava com Maria Luiza. Agora, uma flamma brilhava no fundo dos seus olhos, e numa terça-feira, em que ambos conduziam uma *charrette*, elle disputava uma alga marinha que Annita mordiscava, e trocaram os seus primeiros beijos...

Então, João Pedro partiu para o regimento. Quando elle voltou, Francisca se fazia velha e falava em abandonar a fazenda.

— Marivonne olha para aqui, insinuava ella, sem contar que fazia bem...

E João Pedro acceitou o adeantamento dos Kergazec, porque os dominios se tocavam, e Marivonne, fresca sob as rendas da coifa, não era daquellas que se desdenham.

Foi um bello casamento. Durou perto de tres dias. Os jovens foram cantando pelos caminhos, a sua alegria doida, como as folhas do outomno, que voavam longe. Apenas Annita, perdida no immenso chalé que a envolvia, não ia com o grupo feliz.

— Então, Annita, não queres rir? Vê que isto é um noivado!

Mas Annita permanecia triste e alguma coisa se apagava no seu olhar.

* * *

E' uma boa joven e não se queixa do seu soffrimento.

Assim a havia recommendado Francisca a Marivonne, porque agora a fazenda era dos jovens esposos e a velha mãe se retirava para Pont-Cruz, onde possuia uma casa.

Nada mudou para Annita. Ella continuou a ser aquella que era, "a moça sempre disposta para tudo".

Comtudo, uma vez, carregando as batatas, os seus hombros enfraqueceram.

— Como? Tu, a forte, estás fraquejando? — zombou João Pedro da joven.

Elle não viu que ella chorava. Pelas suas faces, uma lagrima escorreu. A fadiga? Ella não conhecia essa doença do rico. Pára ella seria um absurdo recusar alguma coisa.

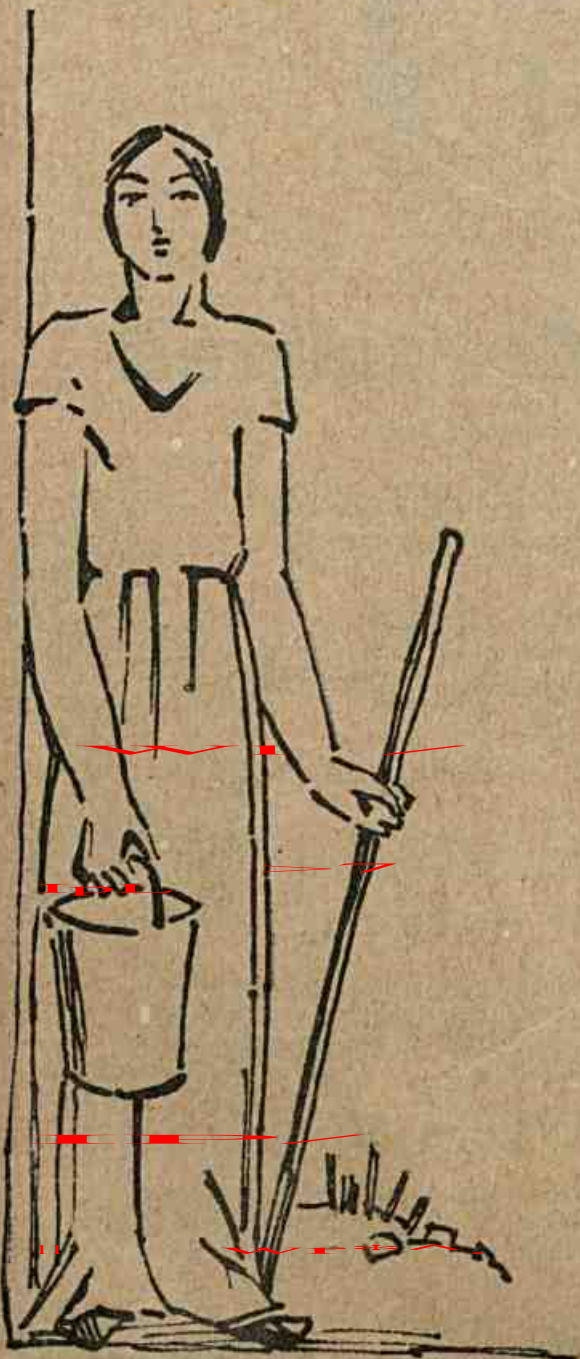
* * *

Com a chegada do inverno, a agua corria pelo interior das paredes, e Marivonne, tendo frio, metteu-se nos lençóes: doente.

O medico diagnosticou uma grippe infectuosa, complicada com uma congestão pulmonar. Depois, dirigiu-se a Annita:

— Infusões quentes de tilia, de sabugueiro, e eu te vou mostrar como se applicam ventosas.

Mas, como ella tossiu-se, ao passar-lhe uma vela, elle se inquietou:

— Como? Tu te constipaste?

— Oh, não, doutor! To-

lices... Não dê attenção a isso.

— Olha, vês este copo? E' preciso viral-o assim.

— Sim, doutor.

Marivonne gemia. O seu queixume, que não era habitual naquella rudeza de vida, perturbava a atmosphera serena da casa. João Pedro perguntou:

— Doutor, isso lhe fará mal?

— Fará bem, apenas. Ah! queres ficar calado?

Annita tossia de novo. E admirou-se então: "Era coisa tão má?" E desculpou-se:

— Doutor, não é minha a culpa, eu lh'o asseguro.

— Oh, eu o sei bem, minha filha!

No momento de partir — agora que ella o precedia com a lanterna — elle parou perto da porta.

— Não vás até lá fóra! O auto está ali. Já o vejo. Recommendo-te as ventosas. Não fiques em volta do leito. E' mau para ti.

— Annita! Annita! — chamavam do quarto.

Era João Pedro que a reclamava. Marivonne precisava della. Ella tudo arranjou, de modo que João Pedro estava muito satisfeito.

Noites se escoaram assim. E Annita não abandonava a enferma. Talvez julgasse ella a alegria culpada que a obsedava muitas vezes, com o pensamento de que Marivonne não escapasse.

Então, com os dedos crispados, ella se ajoelhava:

— Meu Deus! Si quereis uma vida, tomae a minha!

Ao sabbado, o doutor declarou:

— Ella está fóra de perigo.

E tendo permittido uma sopa, foi-se embora, contente.

Quando elle voltou, tres dias depois, Marivonne se havia levantado. João Pedro se agitava em torno do fogão.

— Annita não está? — informou-se o medico.

— Deve estar deitada. A sua doença se complica, penso eu.

Ao fundo, no quarto escuro, onde havia uma imagem piedosa e o altar, a pequena guardiã de vaccas agonizava.

* * *

Fizeram-lhe um bello enterro. As mulheres, reunidas na casa, diziam, em voz baixa:

— E' uma desgraça!

— A pobresita não divulgava a sua molestia. Ella preferiu morrer, sem incommodar ninguem.

— Mesmo assim, foi um bello serviço. De resto, ella não era nada do casal.

A' noite, João Pedro ganhou a fazenda. Lá, do lado do rio, a tempestade clamava e a chuva, que lhe fustigava o rosto, tinha um gosto de algas. Reviu elle a joven, enlaçando-o com um ramo de flores? Uma lagrima tombou sobre as suas mãos.

— Como tardas a vir!

A voz ansiosa de Marivonne cortou o ar gelado. Ella appareceu á soleira da porta, trazendo a lampada á altura dos olhos. Saltando do carro, elle beijou-a, com enternecimento.

— Havia muita gente?

— Todos os Kergazec, Kerbu e Mesmen.

Elle sacudiu a sua capa de borracha e entrou:

— Que tempo este!

E como ella tomasse sopa:

— Falei com a Marianna para substituir Annita.

— Ah! — disse elle, accendendo o seu cachimbo.

Ella não era nada. Nada mais que uma guardiã de vaccas.

O que nem todos sabem

A primeira geographia da America é um livro rarissimo e bastante velho. Faz affirmações que deram motivo a muitas troças. Foi escripta por Martin Fernández de Euciso, fundador de colonias e heroe de mil aventuras americanas, no anno de 1517. O sabio Humboldt tomou o trabalho de fazer averiguações, e confirmou tudo o que escrevera Euciso(e que tanto riso causára, por se suppôr se tratasse de fantasias.

* * *

Esmarch inventou, no anno de 1873, a vendagem hemostatica.

* * *

Os pescadores chinezes sustentam que não se pode realizar nada bom durante o dia, si previamente não se desorientam os máos espiritos do mar. Como consequencia dessa superstição, os tripulantes de barcos de pescadores, ali, os fazem passar deante da prôa de um navio grande, suppondo que desse modo fica desorientado o deus Vento.

* * *

O pato é um dos poucos animaes que sabem pescar e engulir as abelhas, sem ser attingido pelo ferrão desses insectos.

* * *

Por que os gatos têm medo da agua? Ha uma razão muito simples que o explica sufficientemente. Como esses felinos não têm graxa na pelle, se humedecem e ensopam muito facilmente, e levam depois tanto tempo em seccar, que, instinctivamente, evitam molhar-se, e assim fazem da agua como do peor inimigo.

Ao extrahir do peito de um soldado que cahiu ferido na Mesopotamia, a bala que lhe causára o ferimento, o cirurgião ficou surprehendido. O projectil era de prata. O caso, aliás, não é unico na historia, pois em outras guerras se encontraram no corpo dos soldados feridos balas de ouro, prata, aluminio, cobre e até de latão.

* * *

Um celebre medico inglez, o doutor Guilherme Gull, dizia que recuperava a força depois de trabalhar, comendo uvas. E aconselhava a todo mundo seguir esse methodo, em vez de ingerir vinho ou cognac, como faz a maior parte das pessoas ao sentir-se fatigada.

Por causa de uma galá

De R. Raimundo Calcagno

DUSMENIL morava num apartamento que dava para a rua de um bairro suburbano, onde as chaminés das fabricas esboçam no ar os seus perfis negros e altos.

Não tinha outros amigos que não fossem os seus livros. Só Germano, o rude e bom Germano, costumava ir arrancal-o á sua solidão, áquell estado de abolia, como elle o chamava.

— Mas, si sou feliz — objectava Dusmenil, sorridente. — Quando estou só, imagino as coisas com um brilho e um encanto sempre novos Com intelligencia bastante para me convencer de que o mundo me nega o direito de viver entre as coisas bellas,eu as vivo com a imaginação

E ajuntava:

— O livro, por outro lado, é uma viagem economica.

Germano não podia conter-se:

— Aos vinte annos, esse systema de renascimento é um absurdo. Viver é agir.... E' sahir para a rua em busca de emoções.

— Sim, sim — interrompeu Dusmenil. — Para que a vida nos vá despojando de todas as nossas illusões? Não dizes que as illusões são mil vezes mais formosas do que a realidade? Eu amo a belleza, Germano. Prefiro viver de enganos, conhecendo o engano.

E' verdade que Dusmenil era um grande intuitivo. Desde pequeno, a intuição foi povoando o seu cerebro de visões prematuras. Era como si muitas das scenas que via, um cinematographo inverso as houvesse reflectido com antecedencia no seu cerebro.

Aos quatorze annos, em seu caminho, encontrou uma linda joven de sua idade, que o fitava com demasiada inquietação. Elle ia para a escola.

"Enamorei-me della — declarou elle. — Breve, ella me abandonará; e, na minha desillusão, poderei fazer esses versos tristes, que tanto me apaixonam."

E foi justamente como havia previsto, que a coisa se deu. Com a unica differença de que, no transcorrer do seu idyllio, não pensou, jamais, que chegaria a ser real o seu engano prophetico. Porque, quando se está enamorado, a intelligencia soffre, geralment uma ausencia brusca.

* * *

De dois, ou de tres em tres dias, *Celina* lhe apparecia pela porta do pateo, para lhe pedir um pouco de comida. Não tinha dias fixos: era capaz de passar semanas inteiras sem vir.

Celina era a gata do vizinho, uma gata vulgar, de pello branco, salpicado com manchas amarellas e negras.

Era mistér que Dusmenil se achasse em um momento de bom humor para tratal-a com carinho.

Os gatos não lhe mereciam sympathia, desde que lera "O passaro azul", de Maeterlinck. *Tylette*, a gata hypocrita e traidora, que acompanhava com as suas perfidias os meninos que iam em busca da ave milagrosa, foi para elle o retrato de todas as gatas do mundo

Celina tinha poucos annos. A epicurea serenidade dos gatos antigos não se havia crystalizado ainda nas suas pupillas avermelhadas. Apesar de tudo, toda vez que ia visital-o, Dumesnil lhe dava leite e biscoitos em um pequeno prato.

* * *

Naquella tarde, contava com a visita da gata. Ella veiu. Mas, depois de lhe dar o seu almoço, sentiu desejos de ler, e foi buscar a sua cadeira de vime para se sentar no pateo.

Celina seguia-o por todas as partes, miando prodigiosamente. A sua cantilena o exasperava; mas julgou que a comida, naquelle dia, fosse insufficiente para ella.

Dirigiu-se á cozinha, e viu que o prato estava cheio.

— Que queres, então? Não tens ahi a tua comida? — gritou, emquanto abria a porta do pateo. — Vae-te embora daqui, hypocrita.

Ia dar-lhe um pontapé, quando uma voz feminina o interrompeu com um grito forte: "Selvagem!"

O moço, surpreso, levantou a cabeça para ver o que se passava. Quem seria? Quem tivera aquelle atrevimento?

Por cima do muro da casa visinha assomava a cabecita infantilmente grave da dona daquella que parecia uma doce musica, uma melodia. Mesmo proferindo uma palavra tão áspera: "Selvagem!"

* * *

Foi assim que Dumesnil póde conhecer aquella que iria modificar, bruscamente, o curso da sua vida fazendo-o esquecer as suas viagens economicas, pelos livros, para convertel-as em nocturnas sortidas pelo muro do quintal.

Todas as noites, á hora combinada, sentava-se ao pé do muro, e abria o seu livro de versos. Queria levar áquella alma doce a divina comprehensão das coisas ethereas, si bem que, para falar a verdade, Maria Esther — que assim se chamava a joven — fosse de genio superficial e inquieto. A ella talvez agradasse mais que, em logar de occupar-se de coisas tão afastadas, como as estrellas e as nuvens, tratasse de dar um bello laço á gravata com mais cuidado.

* * *

Uma noite, porém, como a força da natureza póde mais do que a do cerebro, succedeu uma coisa imprevista.

Dumesnil lia as "Rimas", de Becquer, o seu autor preferido, emquanto o violino monocordio do grillo se fazia ouvir, estridentemente, e até elles chegava o perfume fugitivo das rosas brancas e frescas de seu jardim.

Ella não escutava a poesia. Os olhos fixos, ella acompanhava o movimento dos labios do rapaz.

Dumesnil sentia que, pouco a pouco, o ia envolvendo um perfume inquietante. O braço della, desnudo e morbido, roçava-lhe os hombros.

O moço ergueu os olhos. Viu perto delle, mais do que nunca, aquella bocca sangrenta, aquelles labios tremulos...

O livro rolou pelos joelhos do sonhador. Dumesnil perdeu a cabeça. E emquanto o poeta ia tombar sobre as hervas, as suas boccas se collavam no dulçoroso prazer de um beijo longo. O primeiro beijo de amor...

MATHUSALÉM (3) — Li attenciosamente a sua carta e, já agora, não tenho a menor duvida em consideral-o, pelo menos, um bom camarada de letras.

Fico contente de ouvil-o dizer que não me considera um inimigo e sim um amigo. Espero saber retribuir, com enthusiasmo, a sua bôa amizade. Lamento sinceramente a sua enfermidade; e como sei que soffre, muito me esforçarei para lhe ser util, no sentido de que os seus padecimentos se attenuem — já que os não póde evitar.

Meu caro. Eu sou um desses sujeitos cujo temperamento é cheio de altos e baixos. De surpresas, accrescentemos. Si o sr. fosse são, forte de physico o quanto é de cerebro, eu não hesitaria em offerecer-lhe qualquer especie de luta. (Isso sem ser um espadachim, um D'Artagnan de fancarias, ou um ridiculo D. Quixote...) Mas sei que o sr. soffre; e só essa circumstancia é bastante para que lhe offereça a minha sympathia e amizade.

Curioso, não é? Mas que quer? Eu sou assim. Questão de temperamento. Gosto de contradizer, de estar com a minha opinião e a minha consciencia.

Imaginemos que eu seja inimigo de A. Movo-lhe uma guerra de morte. Mas si amanhã esse A soffrer um infortunio qualquer, e todas as opiniões se voltarem contra elle, — immediatamente elle me terá como seu amigo, prompt a defendel-o no opprobrio.

Alguem, que me não conhece de perto, diz que sou incoherente, absurdo e mesmo *détraqué*.

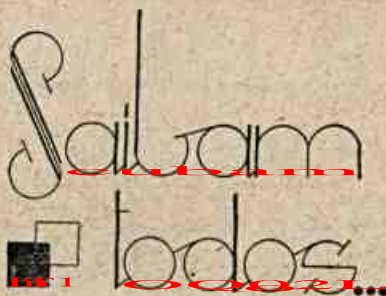
"Je m'en fiche"...

EGILBERTO BARROSO (S. Paulo — O sr. é pessimista. Antes de ouvir a minha opinião, o sr. declara resoluto: "Cesta p'ra um!"

Não é tanto assim. O sr. exagéra. Aqui só vão para a cesta a collaboração *irremediavel*, ou a que está abaixo de mediocre. Mas o poemeto que me enviou não offerece margem a um estudo da sua producção, e muito menos da sua arte. São versos de toda gente, sem uma caracteristica, versos apenas palavrosos, sonoros, mas que pouco dizem e suggerem.

Tenho a impressão de que já os li em milhares de poetas, e que, pelo menos, qualquer delles poderá escrevel-os.

P. A. COSTA (Bahia) — A Gerencia do *Fon-Fon* me entregou a sua carta, em que nos envia um retalho de jornal, onde ha um plagio de uma nota deste semanario, publicada na secção *Guizos*.

Emquanto não tratamos palmas ao plagiario — pois é sempre revoltante a semceremonia com que um individuo se apodera do esforço mental de outrem — não nos sentimos dispostos a abrir luta por tão pouco, — inglorlamente — com um pobre jornalista em difficuldade de assumpto.

Saibam Todos...

De resto, o crime do plagiador de São Gonçalo dos Campos está no facto de haver elle assignado o respectivo plagio. Sim, porque aqui no Rio esses assaltos á producção alheia, pelos jornaes, na sua parte editorial, são verdadeiramente vandalicos. Ha jornaes que estampam, quasi na integra, reportagens, noticiarios que muito custaram a outros. E nem por isso ha duellos entre os seus directores, nem mesmo uma bôa troca de sopapos — o que é infinitamente mais commodo...

Assim, aconselhamos ao illustre sr. P. de A. Costa a retirar o apito da bocca, deixando, assim, que o plagiario da sua prospera e formosa cidade escape á vaia a que faria jús.

Si o nosso heroe reincidir, — ahi então, nós lhe estamparemos o nome com todas as suas 22 letras...

ROMEU (R. G. do Sul) — Aqui vae a carta que me dirige:

"Illmo. Snr. Yves. Saudações. Leitor assiduo do "Fon-Fon" como já vos mandei, em carta, certa vez dizer, tenho notado que a secção "Saibam Todos"..., tambem desempenha o papel de "bureau" de informações, pelo qual venho a presença de V. S. para solicitar o obsequio de, caso seja possivel e não vos tome tempo, prestar-me as seguintes informações, que de ha muito, isto é, desde a vez que solicitei a V. S. o estudo de minha lettra e que não fizestes, onde poderei encontrar o segundo livro: Instituto de Sciencias Hermeticas, curso por correspondencia de Psychologia Experimental — Graphologia, qual seu preço e qual livraria.

Abuzando da gentileza, pediria ainda a V. S. que me aconselhasse a respeito de, como estreante que sou nessa Sciencia, si o livro solicitado desempenha bem o papel de guia.

Varios amigos indicaram-me os livros de Crépieux Jamain e de C. Streletski, mas como não os tivesse encontrado, solicitava de V. S. a fineza, si caso os dois ultimos preencherem melhor, para o estudo de graphologia, de dar-me as informações solicitadas.

Pedindo a V. S. innumeras desculpas por te-lo inportunado, firmo-me de V. S. gaucho sincero que mais feliz sentir-se-ia em vos servir".

Resposta:

1.º — Quanto ao primeiro livro o melhor é escrever á Livraria Alves, á rua do Ouvidor 166, onde poderá encontral-o. Si ella não o possuir, sem duvida terá o cuidado de mandar procural-o noutra livraria.

2.º — Quanto aos dois ultimos, o que posso informar é o seguinte: a graphologia não se aprende senão depois de compulsar uma variedade de autores, pois a sciencia é vasta. Ha tratadistas que escrevem toda uma monographia sobre este ou aquelle typo de letra. Portanto, não é com um livro que um cidadão se faz graphologo: é com uma bibliotheca. Isso theoricamente. Sob o ponto de vista pratico, elle necessita de uma secção como esta, para fazer as suas observações, pois em graphologia só se pode estudar uma letra atravez de uma carta, onde geralmente se estampa, na sua amplitude, a personalidade psychica da pessoa estudada. Em outras palavras: a letra deve ser estudada nas palavras que exprimem os verdadeiros sentimentos de quem escreve. Dado esse criterio, uma copia de livro não se presta para estudo, pois o espirito não trabalha, não vibra, não crea, não produz; quando muito, reproduz, machinalmente, o que outro produzia. Esse o meu conselho. Si está disposto a adquirir uma bibliotheca sobre graphologia e dispõe de uma secção como esta para qual muitas pessôas escrevem despreoccupadamente, no qual pensam e sentem — acho que dentro de quatro ou cinco annos estará apto para definir um caracter.

CESARIO DE MELLO (Pernambuco — Sou-lhe muito grato pelas palavras amaveis com que me distingue. Infelizmente, não posso aproveitar o seu soneto. Faltam-lhe certos requisitos, sem os quaes esse difficil genero poetico não póde ser praticado.

E' verdade que o sr. fez um soneto de versos endecasyllabos; mas a fórma classica exige dez ou doze: decasyllabos ou alexandrinos. Ha ainda outras formas consagradas: os de oito, sete, seis e quatro.

Rubem Dario escreveu aquelle famoso *Margarita* de quatorze syllabas.

Stuart Merril tem *Solitude*, soneto em verso polymetrico — si é que póde ser soneto, essa fórma poetica. São notaveis os chromos

(liquido)

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

de B. Lopes, (sonetos de sete syllabas). Mas não me recordo de um soneto de onze syllabas, que possa ser citado como lavor literario.

Nem eu creio que num metro tão pouco sonóro se ajuste bem um motivo destinado a um soneto de forma classica. E o seu *Nuevo Ensuéno* é uma prova do que venho de affirmar. Elle é mesmo um soneto mediocre. Muito mais, certamente, porque não se adapta ao metro que escolheu.

Vejamos si não estou com a razão. Eis o *Nuevo Ensuéno:*

Era o meu coração templo abandonado,
Deserto de esperança, ermo de illusão,
De funereos phantasmas sempre povoado
Onde jamais se ouvira o vosear da oração.

O seu triste recinto, em tempo passado,
Velhos sonhos buscaram como habitação...
Foram loucas phantasias de um sêr ousado
Em horas sacrosantas de enlevação.

Chegaste um dia... E ao te ver, assim formosa,
Sob o encanto de teus olhos seductores,
Encheu-se o templo de uma gloria radiosa.

E ao transpores os seus porticos risonhos,
Foram-se dos velhos sonhos os albôres
E em teu louvor o povoei de novos sonhos.

Sente-se, no emtanto, que o sr. é capaz de fazer uma poesia mais bella, mais rica de matizes, mais viva pelo seu sentimento.

THEOGENES DURVAL PEREIRA LIMA (Capital) — Uff! Deus do céo! Que epidemia terrivel, a dos poetas! Só desejava saber aonde que esses vates pretendem ir buscar leitores para as suas enxurradas poeticas! Si todos os brasileiros são poetas... Si todos falam rimando...

Aqui, sobre a minha banca, as pilhas de poetas se amontoam como

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

saccas de café nos armazens reguladores de Santos. E' allucinante! E' assoberbante! E' formidavel! E' caudaloso! E' terrificante! E' pavoroso! E assombroso! E desconcertante esse assalto de poetas, de poetastros e poetões!

Livrae-me delles, Nossa Senhora das Candeias! Illuminae-lhes o caminho, para que elles se vão depressa, para... a cesta!

Amen!

Mas, fóra de brincadeira, poeta, cujo nome parece um trem de suburbio: Theogenes Durval Pereira Lima! Os seus versos estão metricamente certos. Mas que pobreza de idéas! Que mediocridade!

Creia que tive a maior bôa vontade para com o sr., mas não consegui salvar nenhum dos seus trabalhos.

RUTH MAMEDE (?) — Foram os consulentes desta secção os culpados de que eu tomasse a deliberação de me fazer remunerar pelos estudos de graphologia.

Explica-se: dantes, eu nada cobrava por isso. Fazia exames calligraphicos de todos os que me procuravam. A recompensa eram descomposturas que me enviavam — quando acontecia o resultado não ser favoravel.

Deante disso, — e attendendo a que "tempo é dinheiro", e, ademais, sendo forçado á acquisição de livros sobre o assumpto — resolvi cobrar 30$000 por estudo. Menos por profissionalismo do que para não ser assediado por pessôas que pediam os meus estudos. Por esse preço, eu me compromettia a enviar os meus trabalhos em correspondencia particular.

Muitos dispensavam essa formalidade, e pediam que lhes enviasse os seus estudos por intermedio desta pagina, — o que me forçou a cobrar 20$000. Mas devo declarar que não faço profissão da graphologia; nem me considero graphologo, e sim um vago amador.

No emtanto, si os meus estudos valem alguma coisa, é claro que devo exigir uma remuneração pelo tempo perdido com elles.

De resto, sou o primeiro a informar que não faltam, por ahi, secções graphologicas, nos jornaes onde os exames graphicos são feitos gratuitamente.

Quanto ao mais, sou-lhe grato pela gentileza das suas bôas palavras, e fico á espera de lhe poder dizer as mesmas amabilidades, quando algum dia conhecel-a pessoalmente.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 4-10-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

De Todos os Pontos do Globo

V. S. Receberá em seu Lar, Musica, Desportes, Noticias, por meio da maravilhosa

ELECTROLA-VICTOR com RADIO

Electrola-Victor com Radio RE-45
Preço 4:500$000

EXPERIMENTE, sem sahir de sua casa, a emoção profunda de estar sentado junto ao quadrilatero onde estão luctando dois pugilistas famosos . . . extasie-se ouvindo as descripções vividas dos grandes acontecimentos desportivos do dia. Como? Com a Nova Electrola-Victor com Radio.

Este magnifico instrumento lhe offerece toda a musica do mundo, extrahida do ar ou reproduzida por meio dos Discos Victor Orthophonicos. Deleite-se ouvindo sua musica predilecta *a qualquer momento* que V. S. deseje.

O preço deste instrumento é tão modico que está ao alcance de qualquer bolsa.

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.

A venda em todas as boas casas do ramo

A Nova

Electrola-Victor com Radio

(MICRO-SYNCHRONICO)

VICTOR DIVISION, RCA VICTOR COMPANY, INC., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

NO TEMPLO DO CÉO

(Aspectos sagrados da China)

De ABEL BONNARD

...Avido de conhecer a alma desse novo mundo, em um logar onde ellas se reunem, eu me dirigi ao Templo do Céo.

E' lá, como se sabe, que, até ao fim da monarchia, o imperador vinha, por occasião do solsticio do inverno, fazer o sacrificio ao Céo, o mais puro de todos, — aquelle em que se perpetuava o espirito grandioso e abstracto da primeira religião chineza.

E' cedo ainda. A poeira não apaga ainda a grande luz de Pekim, a qual, vasta, fina, ideal, parece feita para banhar o espirito dos sabios.

O recinto sagrado, uma vez franqueado, nos mostra um bello parque. Thuyas, Sophoras no verde empoeirado das folhas, bordam as alamedas. A herva é alta e pouco florida; a herva de São João levanta as suas hostes esbranquiçadas. Um vegetal esquisito ergue para o sol as suas campanulas como taças.

Chego a dois pavilhões, de um só andar, de tectos quadrados, pintados dessa faustosa côr vermelha que é, aqui, a da potencia da felicidade.

Elles serviam de cozinhas, de matadouros, de armazens para os sacrificios — vasios, ôcos, presentemente — não tendo guardado senão a riqueza dos seus tectos de esmalte. Têm esse aspecto de ruina tranquilla, propria das obras da Asia, onde as coisas, como as pessôas, parecem ter menos que em qualquer outra parte, a existencia que devem possuir.

Meu passeio displicente vae de uns aos outros, para obedecer, emfim, ao appello de um triplice tecto redondo: é o de um edificio que se eleva sobre tres terraços de marmore — o templo da prece para todo o anno.

O imperador officiava ahi, durante a primavera, para pedir ao Céo bôas colheitas. E tudo, então, era azul: as porcelanas empregadas, os vestidos de brocardos dos assistentes, os reposteiros de vidro, suspensos das janellas, que molhavam o dia de uma côr fria e sideral.

Construcções mais baixas reinam em redor. Pateos modestos. Pequenos porticos. Nada que procure fazer effeito: mas as proporções dessas construcções são tão exactas, entretêm, entre ellas, relações tão estreitas, justas e differentes, que o seu conjuncto tem o ar de uma cerimonia immovel.

Por toda parte, na sua apparencia, sem que se possa distinguir como, o lindo se confunde com o augusto. Não falam de um Creador pessoal; testemunham apenas uma sociedade e uma ordem.

As partes que ahi foram recentemente restauradas não se distinguem, em nada, das antigas. O mesmo plano as contêm sempre

E' uma architectura feita pelos dignitarios e os philosophos e regulada sobre uma harmonia tão subtil, que depois de tel-a contemplado bastante, a gente curva a cabeça, como para escutal-a.

Os chinezes, bem como os antigos, não amavam a enormidade inutil: não é mais que o supremo recurso do mau gosto.

Entre nós, costumamos ampliar as dimensões dos nossos monumentos, como si sentissemos que nada os assignalaria mais, e como si não usurpassem muito logar. Para elles, ao contrario, assim que faziam a escolha, preferiam as dimensões mediocres, e mesmo as reduziam de bom grado, até esse começo estranho de pequenez, onde os olhos se podem estreitar e contemplar, a seguir, a massa inteira do edificio.

Os tectos são cobertos de telas esmaltadas, umas de um azul espesso, outras de uma tinta turqueza, morta, que se associa á do céo, por influencias tão doces quanto carinhosas...

* * *

Eu devia ver agora o altar insigne.

Semelhante á base do templo vizinho, elle é de marmore branco, todo elle, e formado de tres terraços circulares, um atraz do outro, com escadas que olham os quatro pontos cardeaes, as balaustradas candidas.

Elle não é muito alto.

Sem espantar, elle não se faz respeitar senão pela maneira por que se impõe ao espirito.

Na vespera do solsticio, o imperador havia deixado o seu palacio, e a pompa que o seguia manifestava qualquer coisa que não fosse um fausto material.

Cada detalhe commemorava alli a antiguidade veneravel. Elle mesmo, levava uma veste negra, de pelle de cordeiro, adornada de renard branco e recoberta de um sobretudo onde se viam o dragão, o sol, a lua e as estrellas.

Chegado ao recinto, elle consultou os antigos sacerdotes e recebeu as suas ordens. Elle se havia recolhido ao pavilhão do jejum. Emfim, na luz fria e doce de uma manhã de inverno, elle offerecia ao Céo as carnes escolhidas, os rôlos de sêda e tela, um bezerro, um disco de lapis-lazuli; mas essas oblações não seriam nada, si elle não honrasse, sobretudo, a pureza do coração.

Quando elle chegava ao terraço supremo, onde o circulo do horizonte e a abobada celeste parecem completar e servir o monumento, tudo era significativo em torno a elle. As lapides de marmore o rodeavam de nove circulos concentricos; o numero nove se repetia por toda parte, em relações perfeitas, e assim exaltado, sobre esse altar, de uma elevação mediocre, mas symbolicamente mais alta que nenhuma montanha, o pontifice imperial devia se sentir offertado ao Céo, do qual elle exercicia um mandato, e que não trata senão de fazer justiça sobre a terra...

CREME DENTAL SQUIBB

Quando apparece a pyorrhea, começa sempre na Linha do Perigo . . .

PODERÁ parecer-lhe hoje que a sua brilhante dentadura, o seu sorriso captivante, estão a salvo de todos os damnos. Mas muitas pessoas pensam com receio numa infecção que pode chegar mais tarde: a pyorrhea—suppuração nas gengivas. E a pyorrhea começa na *Linha do Perigo*—essa borda delicada da gengiva no ponto em que se encontra com os dentes.

O descuido será prejudicial para a *Linha do Perigo*. No sulco estreito que existe entre as gengivas e os dentes ficam particulas de alimento que fermentam, produzindo acidos nocivos, e se a *Linha do Perigo* ficar infectada e abrandecerem as gengivas, a pyorrhea *pode* começar.

Existe felizmente um dentifricio que protege a *Linha do Perigo*. É o Creme Dental Squibb, que contem mais de 50% de Leite de Magnesia Squibb, reconhecido universalmente como o anti-acido mais efficaz e inoffensivo. O Leite de Magnesia penetra nas cavidades dos dentes e obsta ao effeito dos acidos da bocca.

Se a sua drogaria preferida não tiver Creme Dental Squibb, sirva-se dirigir-se directamente aos agentes abaixo indicados.

Representantes Geraes:
M. BARBOSA NETTO & CO.
144 Rua Theophilo Ottoni
Rio de Janeiro

E. R. SQUIBB & SONS, NOVA YORK

Fabricantes Chimicos
Estabelecidos no Anno 1858

PATRIOTISMO

(EPISODIO HISTORICO)

De SOFIA ESPINDOLA

PELOS fins do anno de 1811, a situação dos revolucionarios se tornou perigosa.

Depois do desastre soffrido pelos patriotas em Huaquim, as tropas realistas avançavam semeando o panico com os seus poderosos canhões e as suas ferozes audacias.

Os que podiam fugir, preparavam, ás pressas, como podiam, as suas casas, temerosos da vingança suas casas, temerosas da vingança que os dirigentes espanhóes tomavam daquelles que por patriotismo ou por ignorancia insistiam em não responder ás suas terriveis perguntas.

A esposa e a filha de um chacareiro designado capitão, pela sua brilhante actuação, na batalha de Suipacha, se preparavam para subir á carreta que, á porta da chacara, esperava, quando a escrava, uma joven de dezesete annos, se arrastou a seus pés, supplicando-lhe:

— Não me abandone, amiga. Não me deixe sozinha!

Porém o conductor, repondendo á ordem da bella senhora, se poz em marcha.

Então, a negra, arrastando-se tambem, chegou até o pateo, e ali se atirou, chorando desesperadamente. Todos haviam podido fugir. Menos ella.

Rachando lenha, havia dado um largo talho na perna.

Foi então que um soldado, enviado por um capitão, veio trazer uma carta e uma ordem.

A chacara devia ser abandonada e as pessoas deviam unir-se ás tropas revolucionarias que se interpunham entre os refugiados e o exercito realista como um escudo de ferro.

E a escrava foi rechassada pelos seus companheiros de côr. Estava ferida... Seria um estorvo para todos...

Ella, porém, perdoava todos do fundo do coração. Eram sêres submissos, atados ao jugo de uma escravidão legendaria, almas vasias, a quem os brancos haviam retirado o direito até de pensar.

O seu rancor, um rancor selvagem, que lhe queimava o peito, ruminava a vingança contra a sua ama, essa mulher despótica, que depois de uma vida de sacrificios e de servidão animal, abandonava-a á mercê daquellas turbas, de cujos desmandos, exaggerados ou reaes, havia ouvido commentar com terror.

Nem um gesto de piedade para esse pobre despojo que sempre havia sido castigado cruelmente por ella. 6em uma palavra de commiseração para esse corpo maltratado e ferido.

Ia-se reunir ao capitão, sem sentir pena por aquella que ficava urrando de dôr e de medo.

Deixou-se estar muito tempo sobre as frias pedras do pateo. Uma estranha somnolencia a deixava numa doce languidez. Já não sentia dor. O seu cerebro se povoava de raras imagens. O seu coração palpitava com suave rythmo.

Lentamente, os ultimos resplendores do sol se deixaram envolver entre os crepes do crepusculo outomnal.

Despertou do seu lethargo quando dois braços robustos a ergueram. Em frente a ella, os realistas esgrimiam tições. Sob a luz avermelhada, os seus semblantes se tornaram duplamente ferozes para a pobre escrava.

Porém, passado o primeiro momento de surpresa, sentiu em seu coração uma força de vontade que a manteve erguida, sem um tremor de olhos.

— Tu eras escrava do capitão que morava nesta casa?

— Sim, senhor — respondeu com firmeza.

— Dize-me: para onde foi a tua senhora? Tu o deves saber?

Os olhos da escrava se illuminaram, de repente. Sim, ella o sabia. Emquanto todos fugiam, havia ouvido alguns dizer o logar onde o seu amo se achava. A occasião de vingar-se poz uma selvagem ansiedade no seu peito. Seria explicita com esse homem, delatal-a-ia aos seus verdugos, e esse odio, alimentado, durante annos, por fim seria satisfeito.

— Fala! — ordenou o general espanhol, cravando nos seus olhos o seu olhar duro e penetrante. — Sabes onde está o capitão?

— Sim, senhor, sei.

— Dil-o, então.

A escrava sorriu. Abriu os labios para falar, quando uma idéa surgiu na nevoa do seu cerebro. Si delatasse o capitão, denunciaria ás tropas revolucionarias, trairia os seus, a sua patria, o solo que ella tanto amava. Denunciaria ao inimigo a posição dos seus compatriotas, poria nas suas mãos a vida do heroe dos seus sonhos, o nobre general Belgrano que, em certa occasião, quando esteve de passagem na chacara, se dignou acaricial-a... Não! não! Não falaria! Antes a morte que trair o seu unico bem, o seu unico amor que punha um pouco de luz nas sombras rancorosas de sua alma, o santo amor a esse solo que a viu nascer, o ardoroso amor a essa patria que gemia, escrava como ella, entre pesadas cadeias de infortunio...

— Então? — perguntou o general. — Falas ou não falas?

— Não.

A surpresa deixou o general perplexo.

— Por que?

— Por que sou criolla. E jamais denunciarei os meus.

Dez soldados a rodearam com os seus fuzis. A um gesto do general se retiraram.

— Si falas, te darei liberdade.

— Não a quero!

— Vês esta bolsa? — disse elle arrancando-a do bolso. — Está cheia de ouro. Será tua, si falares.

— Não preciso della.

O general se poz firme, grave, pallido de odio. Fez um signal. Os dez soldados que antes a ameaçavam cairam sobre ella com uma sanha feroz.

— Não falas?

— Não! — declarou com voz firme e clara, a escrava ferida em cem partes distinctas.

— Dêem-lhe dez pontaços na perna já ferida! — ordenou o militar revoltado.

A escrava mordeu os labios para não gritar. O sangue corria pela negrura das feridas.

— Não falas?

— Não! — exclamou ella, desfallecendo.

— Vinte pontaços mais!

A escrava lançou um grito de dôr.

— Basta! Basta!

— Falas, então? — perguntou o hespanhol esperançado.

— Não! Não!

— Trinta pontaços mais! — gritou fóra de si. — Cadella! Não falas?.

— Sim, sim... falarei, — disse desfallecendo.

Os olsdados a puzeram de pé.

Era um trapo humano, cheio de feridas e sangue. Apoiou-se a uma arvore; e fazendo um poderoso esforço, murmurou:

— Sim, falarei, para que todos saibam que morro pela minha patria! Por meu unico amor!

Os soldados a puzeram de pé, ella com uma colera surda, dispostos a despedaçal-os. Porém a escrava, dirigindo o seu ultimo olhar ao horizonte, rendeu ao solo querido o despojo de sua vida. A sua alma sacrificada talvez abandonasse o envolucro que a envolvia e, convertida num passaro branco, se iria para o céo...

— Morta? — indagou o general. A pobre creatura, murmurou:

— Era uma heroina! Por culpa dessas bravas creaturas, a Hespanha perderá a sua soberania na America...

Na nossa terra

AQUI, destas columnas, já tivemos occasião de criticar a maneira pouco escrupulosa por que se baptizam certas ruas da cidade, ora com nomes exoticos, ora com nomes estrangeiros difficeis de pronunciar, ora com denominações longas.

Infelizmente, não é só com os nomes das ruas que temos que implicar; é, tambem, com os dos povoados, villas, cidades, etc., deste nosso vasto Brasil. Cremos que, por mais vasto que seja elle, não será por escassez de palavras ou falta de intelligencia que existem, por ahi, villas, cidades e povoados com os mesmos nomes e fazendo confusões, ás vezes, prejudiciaes.

E' sómente por falta de orientação e quiçá por preguiça dos nossos dirigentes.

A coisa é a seguinte:

Um nucleo de individuos localiza-se em uma brenha qualquer e, naturalmente, baptiza essa brenha com um nome que lhe vem no momento, e que não poderá ser uma belleza, mesmo porque não são os poetas e literatos que costumam desbravar sertões para nelle crear nucleos de habitantes.

Esses nomes, dados ás taperas e ranchos, passam, futuramente, a ser os de povoados, elevados depois a villas, cidades, municipios e, ás vezes, capitaes.

Desse modo chega-se ao ponto de chamar-se a uma cidade Curral!

Não falando nos diversos Curraes e sómente citando a esmo os lugares chamados Curralinho (!) veremos: uma povoação em Alagôas, um districto, um municipio e tres povoações na Bahia, duas povoações no Ceará, uma cidade em Goyaz, uma villa e uma povoação em Maranhão, duas estações e cinco cidades em Minas, uma cidade no Pará, uma cidade em S. Paulo, duas povoações em Sergipe, isso sem contar um Curralinho Velho em Minas e um S. João do Curralinho em S. Paulo!

Convenhamos que, patriotismo á parte, é triste ter uma pessôa que confessar que nasceu, vive ou vae para Curral Velho, Curral Queimado, Curral Grande, etc!

Que delicia ter a gente, por exemplo, que passar um telegramma urgente para um parente ou amigo que resida em Capim Branco do Rio das Velhas — Minas Geraes ou para Bom Jesus da Cachoeira Grande!

E que nome esplendido para uma *miss*, por exemplo: "*Miss* Contagem do Gallinheiro" (Minas)...

Que terrivel confusão na correspondencia, que porção de enganos poderão se dar quando se tratar do nome "Bôa Vista"?

Vejamos, rapidamente e sem esmiuçar, quantas Bôa-Vistas poderemos contar.

Achamos simplesmente cento e doze! Cento e doze lugares de um paiz que têm o mesmo nome!

Uma em Alagôas, quatro no Amazonas, sete na Bahia, tres no Ceará, uma no Espirito Santo, uma em Goyaz, cinco em Maranhão, quarenta e quatro (!) em Minas, uma no Pará, duas no Paraná, tres em Pernambuco, uma no Piauhy, uma no Rio Grande do Norte, cinco no Rio Grande do Sul, cinco no Rio de

De ASTAROTH

. . .

Janeiro, uma em Santa Catharina, oito em S. Paulo, duas em Sergipe, devendo-se contar mais doze que não são apenas Bôa Vista, como sejam Bôa Vista das Salinas, etc.

Por ahi se vê que no Estado de Minas ha grande falta de nomes para os lugares; um Estado, onde ha quarenta e quatro lugares com o mesmo nome, mostra bem que os locaes não perdem muito tempo na procura de uma outra denominação.

Por muito favor, ás vezes distinguem uma das Bôas Vistas, como por exemplo: Jesus Maria José da Bôa Vista (povoação em Ouro Preto).

Ha outros nomes que fazem rir. Exemplo: Lambe Mel (povoação em Minas), Lagôa de Montanhas (R. G. do Norte), Mosquito Trombudo (Santa Catharina), Nossa Senhora da Conceição de Carrancas (Minas), etc, etc.

Não falaremos em S. Benedicto da Corôa Grande, nem em S. Sebastião das Tres Orelhas, porque já chega a parecer irreverencia aos santos do céo.

Quizessemos nós mostrar algumas dezenas de nomes como esses, e encheriamos columnas.

Cremos, porém, que basta o que ahi fica, para mostrar o quanto sômos indifferentes ás coisas sérias.

Acceitamos, perfeitamente, que seja o Jéca analphabeto e curto de intelligencia quem dê o nome ás futuras cidades do nosso paiz; deixamos esse nomes criarem raizes e depois gravamos em cartas geographicas e nas chorographias e diccionarios geographicos essa porção de asneiras que são as denominações caipiras das localidades do nosso interior.

Infelizmente, não nos é possivel chegar aqui, no *Fon-Fon*, a citar nomes indecentes e obscenos de localidades do interior; ficaremos, porém, ás ordens daquelles que desejarem saber onde ellas se encontram.

Entretanto, o meio de evitar que essa pratica continuasse, é facillimo: Nenhum logarejo, tapéra, nucleo, fazenda ou quer que fosse, deveria ser considerado povoado, enquadrado em municipio, comarca, freguezia ou districto, sem que o nome primitivo fosse julgado e mudado no caso de ser assim necessario.

Evitariamos que Minas augmentasse ainda mais o numero das suas Bôs-Vistas e que cidades florescentes se chamassem Curralinho, Riachão do Bacamarte ou Quiteria do Emboranenga.

A ignorancia do pobre caipira que vive devastando, desbravando esta terra immensa, deve cessar no momento em que elle entrega o trecho desbravado nas mãos da civilização.

A ignorancia delle é a prova da sua innocencia e, mais, a prova de que ainda não conseguimos levar um pouco de luz e instrucção a esses pobres patricios. Quando elles a recebem é tão pouca, que, longe de os beneficiar, os prejudica.

Um dia, deram a um matuto uma folhinha muito bonita.

O kalendario era em francez e o pobre diabo, que mal sabia soletrar, "cortava uma vórta" para lêr o nome do mez e o dia da semana em francez.

Um dia, um caixeiro viajante pousou na tapéra do caboclo e elle apresentou-lhe a mulher e a filharada.

— Essa é Barbina, minha mulé; agora a fiarada é Pedro, Lesbão, Crodina, Nastaço, Fidenço, Legaria e a mais pequena é Mercrédi.

— Mercrédi?

— Sim, sinhô.

— Mercrédi é nome?

— E' nome de santo.

— Onde é que você viu isso?

— Naquella folhinha; ali todas quarta feira é dia de Santa Mercrédi...

O casamento da fonte

É uma pequena fonte. Ella corre. Corre. Docemente... O seu murmurio produz menos ruido que uma creança que dorme.

Ao fundo desse fresco valle, que é como um bello parque, onde não deviam morar, parece, senão nymphas bellas, ella, a fonte, é tão suave, no seu deslisar pelo tapete de verduras, de flores e de areia, que se podia passar por alli, durante mezes, sem descobrir a sua existencia.

O cardo gigante parece montar guarda á pequena fonte. Humildes myosotis, botões de ouro, malvas silvas, lhe fazem uma pequena côrte de honra. As espessas folhagens de carvalho, de castanheiros velhos, a envolvem numa sombra profunda.

Essa linda fonte terá tido a sua aventura. Certamente.

Não sorriam.

Porque uma fonte não pode ter tido a sua aventura, o seu romance, como uma joven.

Melhor que uma joven, não é ella a graça e a frescura naturaes?

Um dia, pois, um dia de primavera, acontece que a minha fonte se sentiu...

Um estranho languor a havia dominado. Ella tinha apenas coragem para viver. E sobre o seu leito de areia fina, perfumado do olor dos bosques dos arredores, ella se estirava e gemia: "Eu me aborreço... Eu me aborreço... Ah, como sou desgraçada!"

Ella não se queixava muito alto, mas os passaros possuem bom ouvido. Alguns a ouviram. Elles diziam entre si:

— Que tem a fonte para se lamentar? Estará enferma?

Um bello cuco informou:

— Ella diz que se aborrece. Que ha de extraordinario nisso? Ella está sempre sozinha. Sei bem o remedio que a curará.

— Que remedio é?

— E' muito simples: é preciso casal-a.

A essa idéa, todas as aves bateram as azas e sacudiram as suas pennas, pipilando do melhor modo. E todos entraram a procurar um marido para a pequena fonte.

Foi um rouxinol esse esposo. Só elle poderia conquistal-a. Pela belleza do seu canto.

Olho vivo, bico fino, collo erguido, o rouxinol foi ao encontro daquella que se lamentava.

— Que teus, bella fonte?

— Não sei.

— Não sabes? Pois bem: eu te vou dizer: tu morres de amor. Eu te amo ha muito tempo. Mas não ousava confessal-o a ninguem. Nem mesmo a ti. Tu és tão mysteriosa... Escuta: queres casar commigo? Eu te cantarei as mais lindas arias, e nunca mais te aborrecerás.

A fonte hesitou um instante. Depois respondeu:

— Gentil rouxinol, eu te agradeço. Tu cantas maravilhas, é verdade, mas não sei que não fazer de um musico. Minha propria canção me basta. E depois, tu és tão pequeno, tão pequeno... Adeus, gentil rouxinol.

A ave, vexada, foi contar o seu insuccesso aos companheiros:

— A orgulhosa fonte desdenhou os meus cantos e não me acha bonito.

PIERRE ALCIETTE

Um corvo que passou por lá, declarou: "Talvez eu tivesse mais sorte. Não perco meu tempo em coisas inuteis. Sou grande e tenho uma veste negra." E bateu azas em direcção á fonte. Esta acolheu-o mal:

— Meu pobre corvo — e sacudiu o seu vestido espelhante, onde rolavam perolas de crystal — como podes tu suppor que eu... Mal a gente te avista, tem vontade de fugir. Tu és tão triste! Ora, tenho necessidade de alegria.

O corvo fez meia volta.

Com uma voz que elle ensaiou tornar agradavel, semeou, por toda parte, o seu despeito.

Outros candidatos se apresentaram á fonte. Mas nenhum conseguiu o coração da fonte orgulhosa.

Chegou a vez dos animaes de quatro patas. Muitos delles estavam apaixonados pela fonte.

Um tamanduá, trazendo altivamente a sua cauda, tentou seduzil-a. Como ella, elle era lindo e findo. Mas reflectindo, achou que elle comia muito.

Veio uma raposa, que poz em pratica todos os ardis para seduzil-a.

Mas a fonte, desconfiada, viu bem o seu jogo e mandou-a passear como os outros.

Em seguida, vieram os reptis, que têm tambem os seus ardis. Elles deslisavam pela herva, como a fonte, sem fazer ruido. Mas isso era apenas uma semelhança physica. O coração de uma fonte é de outra qualidade que o de uma serpente, mesmo sendo esta inoffensiva.

A fonte os desprezou.

Veio o Vento do Sul. O Vento do Sul, em paiz basco, é um senhor importante, que põe muitas cabeças tontas. Elle beijou a fonte, docemente. Ella teve um ligeiro *frisson*. O seu sopro calido a inquietou. Ella ficou tão commovida, que as flores proximas, curvadas, sobre ella, se interrogavam. E o grande cardo se curvou com angustia. As folhas se agitavam. Um grande murmurio circulou por todo o bosque. E a fonte, entre dois suspiros: "Ah! si elle quizesse!"

Tel-a-á ouvido? E' provavel. Porque logo o Vento do Sul se approximou della, e embalou-a com bellas palavras e beijos. A fonte se abandonou a elle. — "Sim. E' a ti que eu amo", disse ella. — "Caro Vento do Sul, leva-me comtigo, nas tuas azas, atravez o espaço claro e o céo azul, mais terno e suave, no meio das nuvens brancas e douradas, que são as tuas nuvens queridas"...

E o vento do Sul levou-a nas suas azas. Ah! que bella viagem elles fizeram! No meio das nuvens e das estrellas!

Mas o Vento do Sul é um cavalheiro volúvel e frivolo.

A's vezes, elle é mau. E' um grande seductor, que acha bellas phrases para seduzir. Depois, se mostra violento e algoz. Com elle, a felicidade não podia ser duradoura.

Outras fontes eguaes elle já havia seduzido e abandonado, em seguida.

E' por isso, sem duvida, que, após a sua passagem, o céo deita tantas lagrimas...

* * *

Assim aconteceu com linda fonte. A sua aventura me foi contada pelas suas damas de honor: violetas, myosotis, madresilvas e outras flores delicadas, gentis, encantadoras, que a rodeavam. Mas, por mais que eu deseje e me esforce, não sei contar, como ellas, esse episodio de amor.

As pilherias de tio Mosto

DE FERNANDO JAUREGUI

NAQUELLE dia, o tio Mosto — dono de uma das tavernas mais importantes do logar — estava como um verdadeiro cacho de uvas. Os que sabem a razão deste conto, quando lêem o nome de tio Mosto, logo têm vontade de rir.

O tio Mosto era amigo do canto e do vinho. Não podia cantar si não refrescava a garganta; e o homem cantava todo dia, tendo por cumplice uma velha guitarra, que era mais um tambor disfarçado; e faziam os dois — o tio e a tia — um ruido infernal. Os seus parentes, fingindo cuidados com a sua saude, aconselhavam:

— Si você continúa a beber, morrerá muito cêdo.

Elle respondia:

— Sim... Morrer eu por causa da bebida? Que gente invejosa! Morrer por que?

•

Emfim, naquelle dia, o novo Baccho havia tomado uma bôa indigestão de "succo de uva", como elle chamava ao vinho.

Que quantidade de vinho não havia elle posto no estomago para julgar que a sua ultima hora ia chegar! E sobre a cama, mais sério que uma marcha funebre, pensava elle: "Pepito... que te vás, que te vás, que te vás... Tens que fazer o teu testamento! E com um fio de voz, essa mesma voz que havia rasgado os tympanos do povoado todo, chamou a sua mulher, que se havia convertido em uma Magdalena (Magdalena devido ao pranto, porque, quanto ao corpo, ella era um monumento).

Ao débil chamado, appareceu a corpulenta senhora, e depois de enxugar os olhos com um lenço, disse com uma voz dolorosa:

— Tu me chamaste, querido?

— Si não me engano, sim.

— Que desejas?

— Vou-me...

— E onde vaes?

— Creio que ao theatro, não?

— Pepe!

— Necessito de fazer o meu testamento.

— Estás sonhando?

— Não. Não estou sonhando. Sonharei bastante. Quero fazer o meu testamento. E' tudo quanto peço.

— Mas... por que?

— Mulher, não ha de ser para passar o tempo. Si desejo fazel-o, é porque já se estraga a machinaria.

— Não digas isso, Pepe, não digas isso.

— A corda está acabando...

— Não! Não!

— Isto sim... Está lindo... Queres saber? Tu mais que eu...

— Não, Pepito, tu não morres...

— Mulher, eu morro, sim... Aposto a minha cabeça.

— Tu te enganas! Si o medico disse que a tua doença dentro de quatro ou cinco dias...

— Não são momentos para discutir. Dolores. Corre e avisa ao padre, ao escrivão e ás testemunhas... E avisa tambem aos tres *queridos* parentes, que estão sonhando com o grande premio que ganharão hoje...

— Trarei tambem o medico.

— Não. Sei morrer sosinho. Não preciso que me ajudem.

A mulher saiu de casa, para cumprir a ordem do esposo. E eu, leitor, saio do primeiro capitulo para entrar no segundo.

•

Na habitação do moribundo já se encontravam: o cura, sua mulher, o seu irmão, o seu primo e o seu cunhado. Testemunhas e o escrivão. Este esperava com a penna erguida. O irmão, o primo e o cunhado podiam representar tres quadros intitulados: Interesse, Angustia e Impaciencia. O enfermo falou:

— Como não sou mais nada, e sinto que estou sobrando na vida; como me vou converter em anjo, si é que o sr. m'o consente, quero deixar constancia no meu testamento, das coisas que legarei a cada um de vocês...

Tomou alento, e proseguiu:

— Não sou joven; não sou velho; sou um meio termo; e quando si é meio termo, têm-se idéas logicas, sempre que no cerebro não se tenha installado d. Loucura. Quem quizer entender-me...

O escrivão interrompeu:

— O sr. vae se cançar, falando tanto...

Ao "senhor José" fugiram os passaros, e tenhamos pena do escrivão que recebeu como premio da sua interrupção, o que se vae ler abaixo:

— Sr. escrivão, e com maiscula: antes, o que me fazia mal era cantar e beber; agora, é falar. Aqui quem manda sou eu; e si me dá vontade, sou capaz de não morrer, não podendo o sr. cobrar nada pelo seu trabalho, e ficando sem herança todos esses que se são mais nervosos do que uma joven á espera do noivo. Comprehende o sr.?

Perturbado, o escrivão se apressou em pronunciar umas palavras conhecidas:

— Perdão... desculpe-me...

— Sim, isso me faz lembrar um sujeito que me deu uma pisadella tremenda e me disse depois: "Desculpe-me!... como si com esse "desculpe-me" me evitasse a dôr que soffri. Vê, pois, o desastre que pode occasionar aos meus parentes e ao seu bolso? Não tratemos mais do assumpto... e escreva sem juntar nada do que eu lhe diga...

E em seguida:

— Deixo para a egreja a metade do dinheiro que ha no bahú em que estão sentados as testemunhas.

As testemunhas estavam serias, e moveram a cabeça, approvativamente. Um tossiu; o outro passou a lingua pelos labios, e ficaram quietos, depois.

O candidato a anjo continuou a dictar:

— A minha mulher, deixo esta casa. Ao meu querido irmão — e ao dizer "querido", o contemplou como a dizer o contrario — a minha inseparavel guitarra.

O irmão quasi teve um desmaio.

O primo e o cunhado se perguntaram com o olhar: "Que nos deixará elle?"

— Deixo ao meu bom primo este retrato meu, e que será um consolo para elle, quando eu morrer.

O primo estava desapontado. O cunhado esfregava as mãos. E dizia com os seus botões: "Resta agora a taverna; e si não me engano, ficará para mim". E esperou impaciente.

— Deixo ao meu "amado" cunhado — "amado" queria dizer: "Vae para o diabo!" — deixo ao meu "amado" cunhado a *Taverna*, de Blasco Ibañez... que está bem conservada...

O cunhado quasi desfalleceu. Ficou pallido e tremeulo de odio.

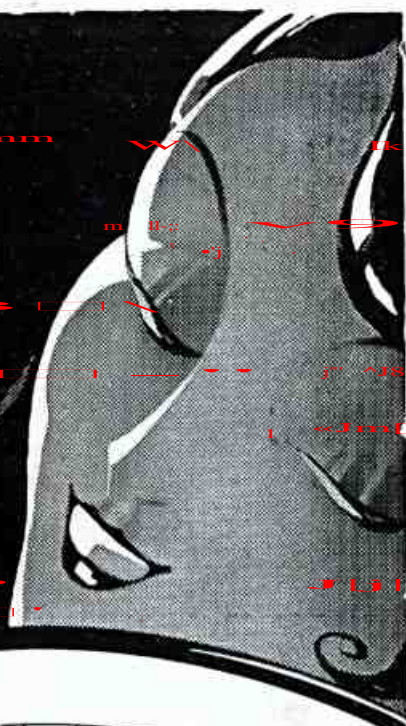
E o testador que já se preparava para dar o ultimo suspiro sorriu contente das suas pilherias e de haver sido um grande propagandista de Baccho. Depois, emquanto o cura rezava, o tio Mosto deixou de ser tio e de ser Mosto, ficando mudo para sempre.

Aprendam... para saber

Todo o moço de bom gosto,
Toda a donzella de escol,
Devem lavar o seu rosto
Com sabonete Eucalol.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

A conceituada Livraria Odeon, da firma Soria & Boffoni, teve a amabilidade de nos offerecer os ultimos numeros das revistas Chiffons, *e* La Femme de France, *de* Paris; Weldon's Ladies' Journal, *de* Londres, *e* Caras y Caretas, *de* Buenos-Aires, *que alli sempre se encontram á venda.*

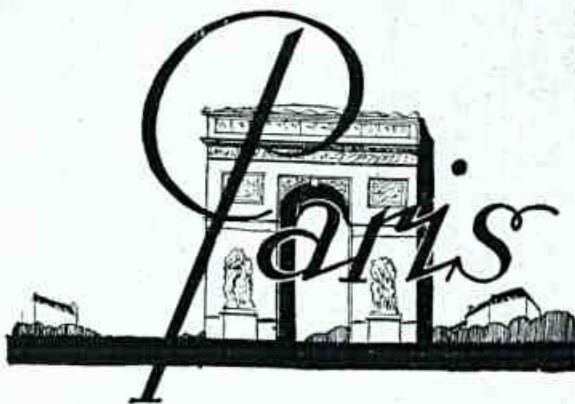
MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE

KOHOUT
Escrava voluntaria
Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.
Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".
Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio
A SAUDE DA MULHER
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 40

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1930

Paris

MARTINS CAPISTRANO

UM amigo estheta e artista, que passeia a sua sensibilidade pela civilização européa, escreve-me de Paris dizendo-me que a metropole delirante é, no começo, quasi uma decepção. Tudo o que a gente pensa encontrar, saltando do trem na Gare du Nord ou em Saint-Lazare, como que desapparece, pregando um *bluff* perfeitamente latino (sem embargo do vocabulo inglez...) na nossa opulenta imaginação americana. A elegancia franceza, a cidade-azul, a agitação oceanica dos *boulevards*, o tumulto da vida bizarra dos *cabarets*, a alegria, a inquietação, a vertigem moderna... E o que se desdobra aos nossos olhos, embebidos na voragem parisiense, é uma cidade quasi sem encanto, quasi triste e quasi desoladamente romantica. Aquella Paris que nós fantasiamos é apenas um sonho do nosso optimismo brasileiro. O azul das chronicas literarias é cinza disfarçado... A melancolia invade as ruas. Ha pouco movimento. E é precaria e relativa a propalada elegancia dos *snobs*.

Tal é a primeira impressão que temos de Paris quando ainda não conhecemos Paris, embora estejamos dentro da cidade maravilhosa onde desabrochou e scintillou o espirito do ironista amavel de *Thais*.

Depois, a cidade de Musset e de Voltaire se vae, lentamente, transformando aos nossos olhos e, lentamente, se vae azulando na nossa retina. Os seus encantos vão surgindo maciamente, luminosamente, para acabar deslumbrando-nos, seduzindo-nos, dominando-nos. E o forasteiro, que, a principio, fica desolado deante da physionomia banal da metropole franceza, acaba gostando de Paris, com a sua immensa fascinação e o seu immenso fulgor internacional. Acaba gostando das suas luzes nocturnas, dos seus poetas de todas as horas, da sua bohemia sentimental, das suas mulheres languidas e esguias, dos seus monumentos que se miram nas aguas placidas do Sena... Acaba gostando de tudo o que póde apreciar ao contacto daquelle tumulto e daquella vibração do seculo.

Paris, por dentro, diz o meu amigo, é maravilhosa. Mas é lentamente que ella vae penetrando na nossa admiração. E' lentamente que ella vae tomando conta dos nossos sentidos. E' lentamente que ella nos envolve no seu deslumbramento francez. Com a volupia dosimetrica dos toxicos que fazem dormir e sonhar: a cocaina, a morphina, o opio...

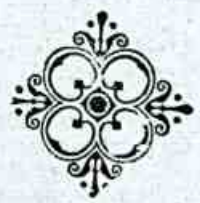
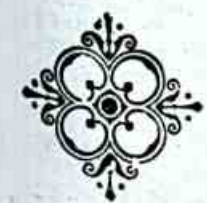
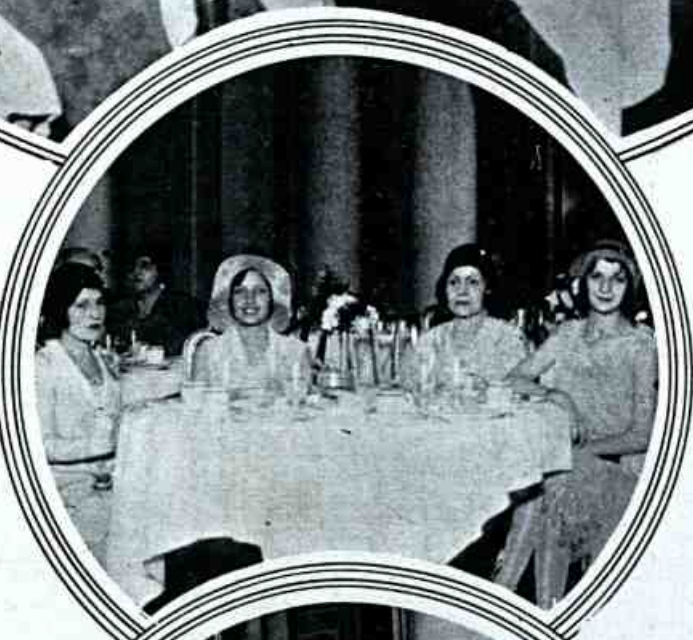
Depois, torna-se um vicio perigoso. Quem a viu uma vez, quem bebeu uma vez o licôr doirado da sua civilização, quer vêl-a sempre, quer beber sempre esse licôr.

As noites impetuosas, floridas de todos os sorrisos, illuminadas de todos os peccados, sacudidas por todos os anseios e todas as illusões humanas, dominam facilmente a vontade inquieta do estrangeiro que visita Paris. Esse delirio nocturno, vertiginoso e intenso, que tão bem caracteriza a vida e os habitos mundanos daquelle pandemonio scintillante, é, na opinião do meu amigo estheta, o maior encanto de Paris. Empolga. Desconcerta. Fulmina. Quasi se poderia dizer que mata. Mata o nosso dominio sobre nós mesmos, porque nos arrasta, rutilantemente, femininamente, para o seu epicurismo luminoso.

Por isso mesmo, é que eu tenho médo de Paris. Tenho médo de Paris como de uma linda mulher caprichosa e voluvel. Uma linda mulher que usasse, como Paris, o disfarce humilde da melancolia, mas que, por dentro, fosse, como Paris, radiosamente, voluptuosamente alegre...

E eu, que não conheço Paris, mas acredito muito nesse amigo estheta, que me escreve de lá, bemdigo a decepção que colhe o forasteiro que salta do trem na Gare du Nord ou em Saint-Lazare. Porque, ao menos, quando elle chega, não sente o perigo feminino que o espera no desencanto das primeiras horas. E não sente, quando chega, esse desejo môrbido, inquietante, de sorver a cocaina de Paris...

Em homenagem á senhorita Yolanda Pereira («Miss Universo»), a Sociedade Sul-Riograndense realizou, na séde do Club Germania, um sumptuoso baile, que teve o comparecimento da nossa alta sociedade. Nos amplos salões do palacio da praia do Flamengo movimentaram-se, desse modo, as mais destacadas figuras do «grand monde» carioca, mantendo-se o ambiente na maior alegria e cordialidade. Os aspectos que estampamos nesta pagina dão uma idéa precisa do que foi essa festa elegante.

Num ambiente de fina e rutilante elegancia, o Automovel Club do Brasil commemorou a passagem do anniversario de sua fundação, offerecendo um chá paulista aos seus associados e familias. Foi essa uma reunião de alto cunho elegante, que teve a prestigial-a o esplendor da nossa «élite» social. Para isso, muito concorreu a directoria daquella distincta agremiação, onde se destacam os nomes illustres dos drs. Carlos Guinle e Nelson Pinto. São flagrantes dessa tarde «chic», decorrida nos salões luxuosos do Automovel Club, que a nossa gravura focaliza.

BOCCAS E BEIJOS

Não gosto dos labios finos.

Porque me dão a impressão de não saber beijar.

Tambem não gosto do homem que possua bocca pequena e bem talhada.

Porque me dá a impressão, quando me beija, duma bocca feminina.

Não gosto dos beiços duma bocca de dentes pouco limpos.

Porque essas, com certeza, não beijam nunca.

Gosto, sim, dos beijos das boccas quasi grandes, de labios grossos, sensuaes.

Porque essas sabem beijar.

Porque essas sabem nos dar a impressão do infinito num beijo.

Porque sabem fazer calafrios no corpo da gente.

Porque é assim a bocca do homem que eu amo...

Conchita Cid.

Baton & Rouge

"AD IMMORTALITATEM"...

A' primeira vista, parece deslocado tratar-se aqui, numa secção de natureza essencialmente "galante", como é esta, de assumptos graves, da mais alta significação intellectual, como deve ser o do triumpho, da victoria magnifica de uma candidatura á Academia Brasileira de Letras.

O nome, porém, victorioso, nesse nobre cenaculo da Intelligencia nacional, onde acaba de ingressar, é um nome de élite e uma expressão da mais fina galanteria diplomatica — o do sr. Octavio Mangabeira.

Pelo exercicio mesmo das suas funcções, á frente da Chancellaria Brasileira, cujas tradições de fastigio e esplendor Rio Branco tanto ennobreceu, o sr. Octavio Mangabeira — que tem sido o mais authentico e autorizado continuador da obra do Grande Chanceller, nestes ultimos trinta annos — ha quasi um quatriennio, traz, tambem, seu nome preso ao custoso e caro rendilhado da cortezia, da finesse diplomatica, da galanteria fidalga que a "carrière", só por si, impõe e exige.

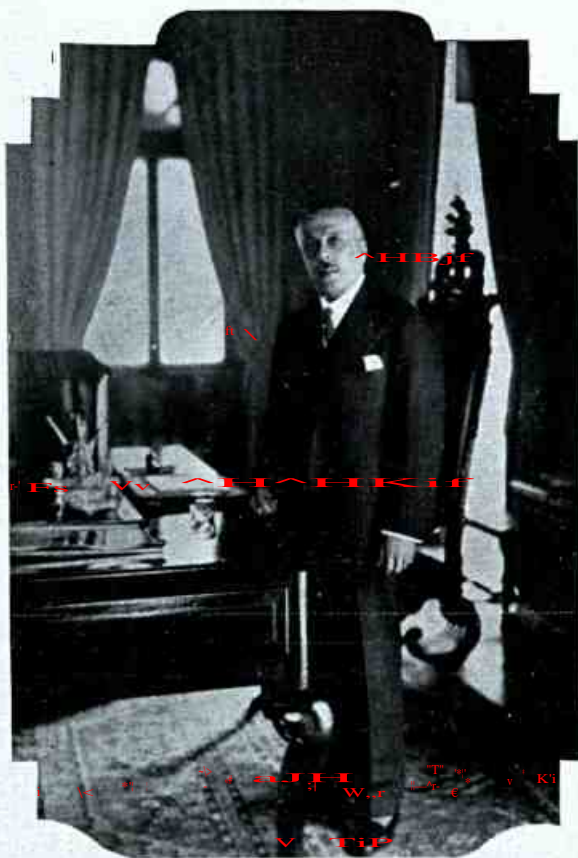
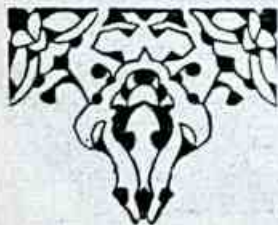
Homem de Estado e, tambem, parlamentar de grande cultura, a figura austera e grave do ministro não poderia prescindir de duas condições indispensaveis á sua mais larga projecção no scenario das letras e do mundanismo — o merito, o valor intellectual e l'esprit de finesse — a altitude de l'homme du grand monde.

O sr. Octavio Mangabeira, reunindo todas essas qualidades — era o homem de Estado doublé de literato e de gentleman.

Sua personalidade attrahiu, assim, desde logo, as attenções da nossa élite cultural, que já o admirava, dos circulos diplomaticos estrangeiros que lhe prestigiavam a acção intelligente e serena, e dos nossos altos meios mundanos, que lhe rendiam, indistinctamente, as menagens da sua admiração.

Esse, o nome illustre que figura, hoje, em meio ao Baton & Rouge desta pagina de Fon-Fon — pagina de galanteria — que não exclúe, porém, do seu programma de elegancia mundana, o ponto de honra de "honra ao merito".

E, ninguem, como o eminente Chanceller, que o Petit Trianon, sous sa coupole, sagrará, por estes dias, ad immortalitatem, melhor faria as honras desta pagina tecida para a filigrana de oiro do rendilhado dos punhos que despetalam rosas e sorrisos e para os que trabalham, como artifices primorosos da Intelligencia, a arte difficil da palavra escripta ou falada — coisa que o sr. Octavio Mangabeira tem o dom, rarissimo, de fazer com uma linha, impeccavel, de excelsa e nobre galanteria espiritual.

FRAGONARD

A vaga de Alfredo Pujol, na Academia Brasileira de Letras, foi preenchida, na penultima quinta-feira, com a expressiva victoria de um nome de eleição — o do dr. Octavio Mangabeira, actual ministro de Estado das Relações Exteriores. A noticia da victoria dessa candidatura foi recebida nos circulos mais representativos da intellectualidade patricia, com as mais justas demonstrações de regosijo. E' que o nome do sr. Octavio Mangabeira — expressão forte da intelligencia e da cultura brasileira — se projectara, por tal fórma, na vida nacional, com o pragmatismo de sua acção patriotica e fecunda no Itamaraty — de que é exemplo, entre outros, o do prestigio que deu á lingua portugueza, fazendo-a adoptar nos congressos internacionaes — que nenhum outro, no momento, seria capaz de facilmente sobrepujal-o.

FILIGRANAS

Senhor, que estás no fim e começo de tudo, que sois o absoluto e o definitivo, tende piedade de meus pobres pés feridos na aspereza dum longo caminho! Não me obrigueis mais a caminhar! Senhor misericordioso, fechae-me os olhos. Elles não verão mais a luz do sol, porém não verão mais as trevas da noite. Elles jamais contemplarão as maravilhas da Natureza, porém jamais contemplarão as miserias do Homem. E o espirito que viu por elles abrirá a porta da libertação.

Senhor, que estás no fim e começo de tudo, que sois o absoluto e o definitivo, tende piedade de meus pobres pés e de meus pobres olhos! Senhor!...

O Praia Club festejou a passagem do anniversario da sua fundação com um animado baile, em que tomaram parte as figuras mais representativas do nosso mundanismo. Nessa mesma «soirée», foi coroada a «Rainha de 1930» daquelle elegante «cercle». As nossas gravuras mostram dois dos mais expressivos aspectos dessa encantadora festa.

ROSAS de VELLUDO

MINHA esplendente amiga. — Mando-lhe, hoje, um livro amargo e lindo como o nosso amor. Um livro que parece ter sido feito para nós, tão grande é a analogia existente entre as Mias paginas e as paginas da nossa vida. Um livro melancólico, mas profundamente subtil e profundamente saturado dessa ternura resignada que illumina e perfuma o seu coração de mulher.

Hermes Fontes, esse poeta tão grande para ser comprehendido pelos pygmeus intellectuaes do seu século, escreveu *A fonte da moita* — que é este o livro que lhe mando, minha torturada amiga — pensando, naturalmente, nos desconsolos e nas angustias, nas inquietações e nos tormentos, nos desenganos e nos desejos insatisfeitos de todos aquelles que amam e soffrem só porque não sabem occultar os anseios impossíveis do coração.

E o poeta canta, nos seus rythmos atormentados e excelsos:

Só os que têm amado e têm soffrido,
e, quanto mais soffrido, mais amado,
podem mostrar no coração ferido
o seu altar... o seu apostolado...

Suave apostolado... Suave consolo para quem conheceu o amor e não poude alcançâl-o na sua volúpia sentimental... Você, minha esplendente amiga, ha de sentir, commigo, toda a verdade dolorosa dessas estrophes em que se debate, luminosamente, a alma serena e fulgurante de um poeta de raça. Você ha de sentir, commigo, e com Hermes Fontes, que

Soffrer é o menos... A difficuldade
é soffrer sem protesto e sem rancor;
é morrer, sem tristeza e sem saudade...

Sim, soffrer calado e morrer na alegria depois de ter atravessado melancolicamente a vida... Porque, diz o illuminado artista,

Todos têm sua cruz ou seu cajado
— cruz de dôr, ou cajado de dever...

A nossa cruz, minha distante amiga, é esse tantalismo cruel que, materialmente, nos separa. E' essa angustia que nos acompanha em todos os passos da existencia. E' essa esperança estéril, que o poeta define como a *mentira mais innocente e mais perturbadora* de todos os mundos. E' esse destino que nos flagella com as suas negaças e os seus supplicios tranquillos. E' essa fatalidade que nos dá uma alma e um coração e nos nega um instante de felicidade. E' esse impossível, é esse irremediável que destróe todos os nossos sonhos de amor. E' essa tortura de podermos pensar um no outro e vivermos tão longe um do outro...

(Conclúe na pagina seguinte).

Mauro de Alencar

MARCELO ROBERTO

O Atlantico Club realizou, na noite de sabbado, a sua festa dos athletas, tradicional e brilhante, e que resultou numa reunião da mais fina elegancia, pelos elementos que se movimentaram nos salões do prestigioso «cercle» de Copacabana. Durante a «soirée», foi eleita a nova «madrinha» dos athletas do Atlantico Club, senhorita Livia Bardy, que na presente photographia apparece com outras galantes figurinhas que povoaram a séde da Avenida Atlantica.

ROSAS DE VELLUDO

(Conclusão)

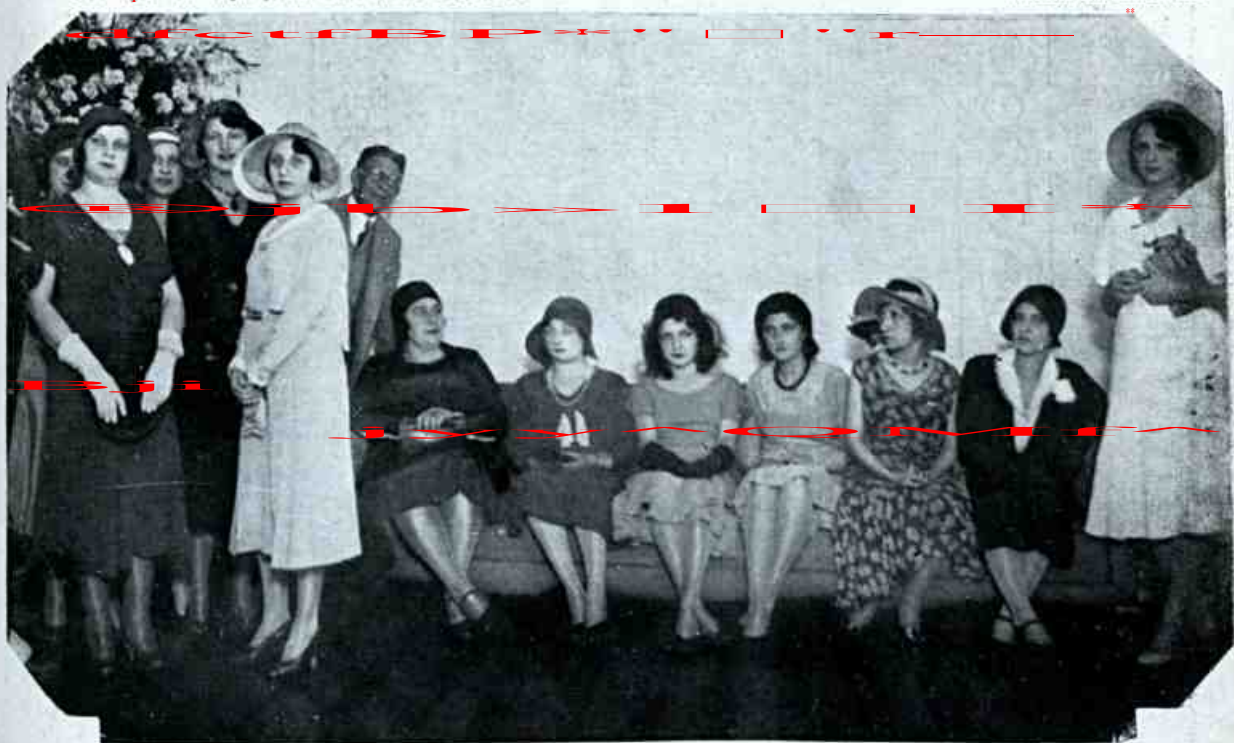
A mesma, ou quasi a mesma, cruz do poeta de *A fonte da matta*, quando elle diz com o coração liberto:

> *Penso, ás vezes, que alguém tenha lançado*
> *a maldição na minha vida! Alguém*
> *que, ainda depois de haver-me desgraçado,*
> *— nem desgraçado, nem descrido, nem*
> *assim, de coração desencantado,*
> *quer que eu seja feliz com mais ninguém.*

O nosso coração, querida, não pertence a ninguem. Nem mesmo a nós proprios. Porque, de certo, alguem lançou, tambem, a maldição na nossa vida. E, assim, temos o coração liberto e delle não podemos dispôr á nossa vontade.

Um coração desencantado. Um coração desilludido. Um coração de onde fugiu o amor. Um coração cheio de desolação e amargura. Mas talvez ainda mais infeliz do que o do poeta. Porque este ao menos póde transformar em versos as magoas e as tristezas da sua desventura...

E nós?... Nós só podemos ter o consolo de ler os seus versos e chorar...

MACEDO DE ALENCAR

Silhuetas femininas que deram uma nota de graça á festa dos athletas, no Atlantico Club.

«VOCÊ ME CONHECE?»

AS montras das nossas livrarias já se enfeitam, ha alguns dias, com um lindo e interessante volume em cuja capa, trabalhada pelo traço fidalgo e fino de M. Constantino, uma figurinha de melindrosa, fechada no brejeiro mysterio de sua alma de mulher, parece perguntar, numa vozinha de falsete, aos que lhe põem os olhos em cima — Você me conhece?

E é esse o titulo do novo livro de Mario Poppe — o bizarro chronista de A Cidade do Amor e Do que ellas gostam...

Apesar, porém, do colorido vivo da capa e do gesto garóto da linda soubrette que nol-a apresenta, o ultimo livro de Mario Poppe nada tem de propriamente carnavalesco, a não ser o que o carnaval da propria vida, da vida em continuo bal masqué, nos offerece a todo momento.

Ha mais de dois annos, no convivio espiritual da "familia" de Fon-Fon, tive o prazer de conhecer Mario Poppe. Aqui já o encontrei como um dos "veteranos" do corpo redactorial de que sou eu o mais novo, no tempo de serviço, já se vê...

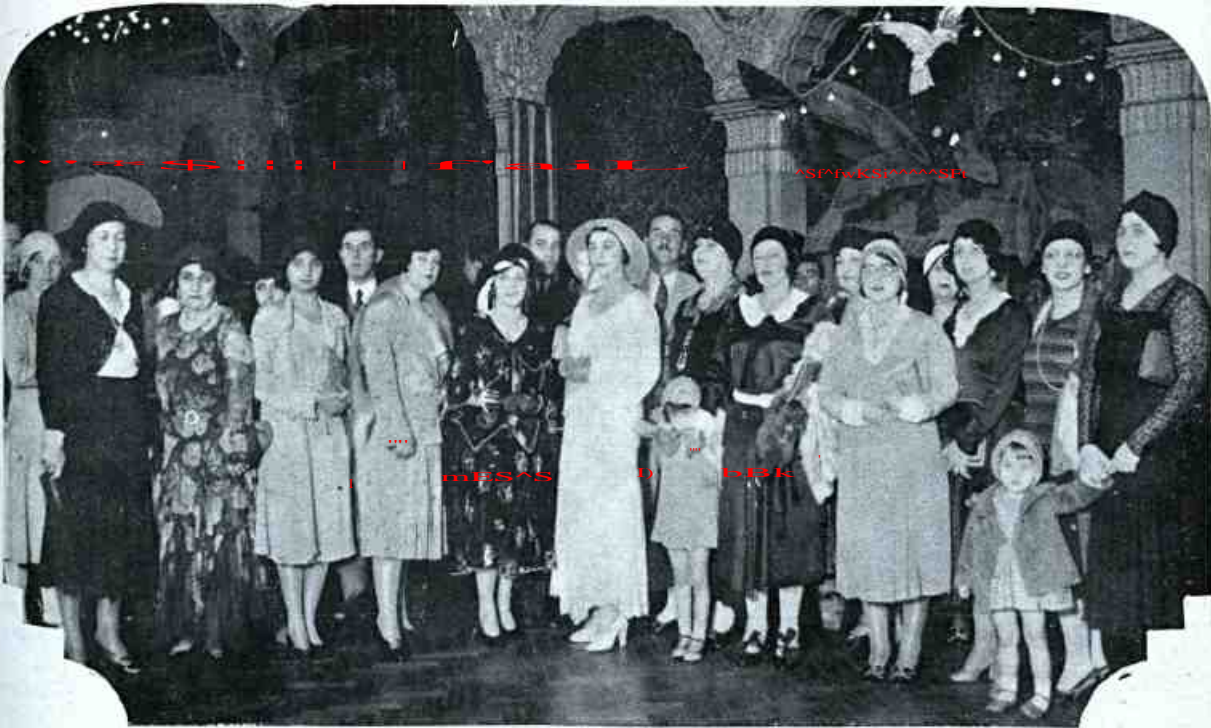
Fizemo-nos amigos, e, na intimidade de um convivio gratissimo ao meu coração, melhor conheci o bello espirito desse escriptor de raça, desse luminoso chronista da cidade, de sorriso suave e gestos macios, cujas paginas — as de blague, em que a verve esfusia, scintillante, ou as de sentimento, de emotividade, de arguta observação psychologica — têm algo da doçura dos bombons, de finos e saborosos marrons-glacés.

Mario Poppe é, sem favor, um dos mais primorosos escriptores da nova geração brasileira. Sua arte de raffiné, doseada por um perfeito e equilibrado senso de proporção, é simples, de uma simplicidade encantadora, pittoresca, ás vezes, sóbria e grave, de outras, mas de uma gravidade que mal disfarça o sorriso illuminado e brincalhão que lhe vae por dentro.

Lendo-o, tem-se sempre a impressão de se estar a ler as paginas de Tristão Shandy ou da Viagem Sentimental de um humorista como Sterne, de quem Poppe parece haver herdado este profundo conceito da vida: "Estou firmemente persuadido de que o homem, quando sorri e, sobretudo, quando ri, sempre augmenta de um fio a trama brevissima da existencia.", ou aquelle outro de que "um homem que ri nunca é um homem perigoso."

E, sempre a sorrir, para dentro de si proprio, é que o chronista finissimo de Você me conhece? — irradia até os mais, até os que o lêem, através de suas palavras, seu sorriso de raio de sol brincalhão, carinhoso e quente como as manhãs luminosas que doiram Copacabana, na hora do banho, ou, mesmo, sombreado, indeciso, vago, quasi melancolico, como o das tardes cheias de sinos, que parecem rezar sob o velario mystico do crepusculo...

Em geral, porém, é claro, festivo, colorido — bizarramente colorido — o sorriso espiritual de Mario Poppe — o singular paysagista da alma, da natureza, das coisas, e de muitas cositas da Cidade Maravilhosa.

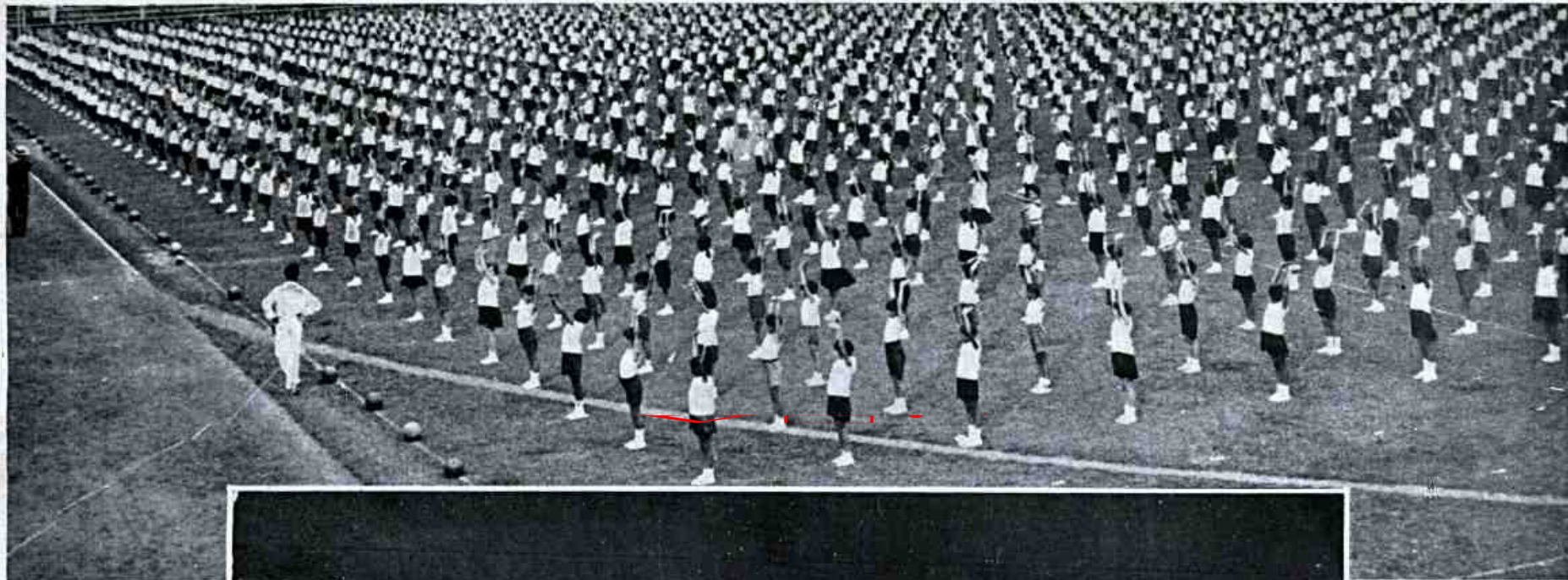
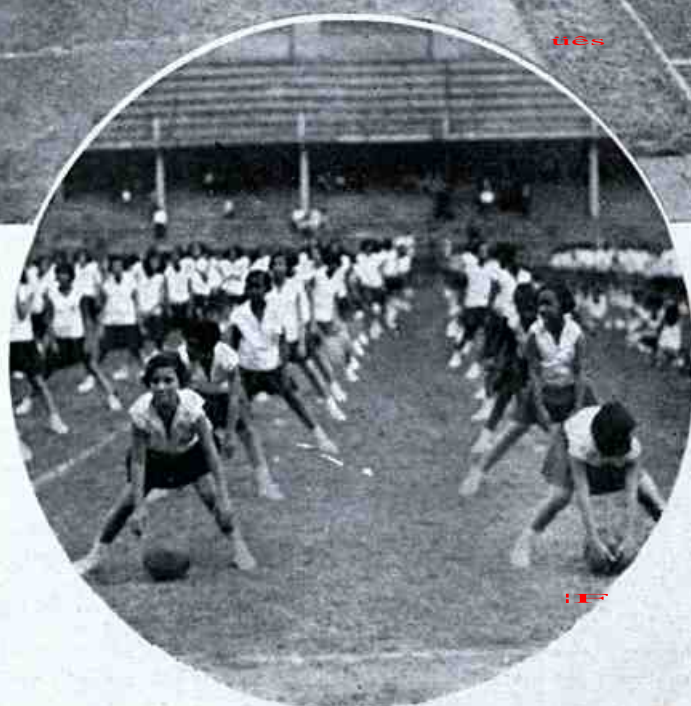
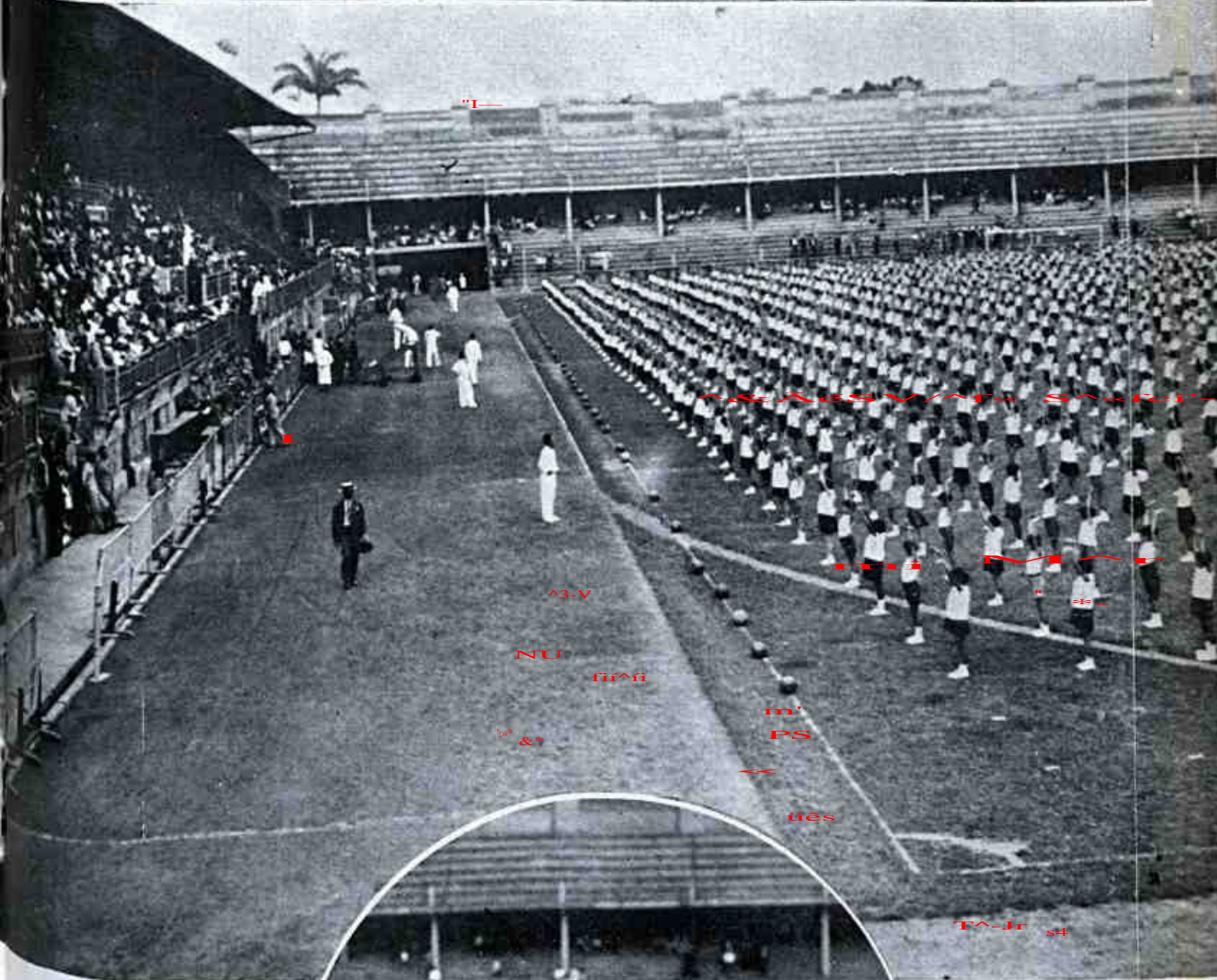
Mario Poppe... Mario Poppe não é só o nome do nosso querido companheiro de trabalho que, já ha tantos annos, vem illuminando as paginas de FON-FON com o brilho irradiante da sua primorosa intelligencia. E' o nome de um escriptor feito e consagrado pela critica indigena, justamente admirado pelos que têm o convivio do seu espirito, e, mais ainda, pelos que têm, tambem, o convivio do seu magnifico coração. Na chronica scintillante e cheia de verve da Cidade, bem poucos, hoje, o igualarão. Sua arte tem a fascinação e o encanto da seducção, porque Mario Poppe tem, a seu favor, o segredo e o sortilegio daquella «finesse d'esprit», eminentemente britannica, vasada no «humour», que faz a delicia, sadia e boa, das obras de um Sterne, de um Swift, de um Thackeray, de que Machado de Assis foi, até agora, entre nós, a mais forte e authentica expressão. E Mario Poppe, o chronista magnifico de «A Cidade do Amor» e de «Do que ellas gostam», acaba de nos dar mais um novo livro — «Você me conhece?», cujo apparecimento folgamos em registar, na antecipada certeza de que constituirá um novo triumpho para o autor e um novo successo de livraria.

Organizado por uma commissão de damas da alta sociedade carioca, e sob o patrocinio da senhorita Yolanda Pereira, realizou-se sabbado á tarde, no Beira-Mar Casino, um chá-dançante em beneficio dos pobres de Pelotas, a cidade de «Miss Universo», e de uma instituição de caridade desta capital. Foi uma festa elegante, que reuniu distinctos elementos do nosso mundanismo. No grupo que acima publicamos apparece a senhorita Yolanda Pereira entre as senhoras que formavam a commissão organizadora da festa.

Você me conhece? tem o encanto de uma caixinha de surpresas, em que o sortilegio da penna scintillante de Mario Poppe opera o suave milagre de fazer a gente sorrir com a delicia de quem saboreia bombons finos ou beijos de mulher bonita, que é quasi a mesma coisa...

Porque Mario é o suave, o "macio" chronista das mulheres, das lindas figurinhas, esbeltas e souples, que são a graça e a fascinação da "Cidade do Amor"..

E, por isso mesmo, Você me conhece?, como seus livros anteriores, registará mais um successo de livraria, como obra de arte e, tambem, de... galanteria...

Elcias Lopes

Outro detalhe do chá de caridade patrocinado por «Miss Universo», vendo-se ahi, entre outras, as sras. Gondolo Labouriau e Alfredo de Paula e a senhorita Yolanda Pereira.

Fazia parte do programma da Reunião Educacional, que se realiza nesta capital sob os auspicios da Federação Nacional das Sociedades de Educação, a demonstração de cultura physica promovida, quinta-feira penultima, no estadio do Fluminense, pela directoria de Instrucção Publica do Districto Federal. Nesse «meeting» sportivo tomaram parte cerca de tres mil crianças, alumnas das nossas escolas primarias. Assistiram pessoalmente aos exercicios escolares do campo da rua Alvaro Chaves o director da Instrucção Publica, dr. Fernando Azevedo, e outras altas autoridades do ensino municipal, além de muitas familias. A nossa pagina fixa dois aspectos dessa imponente demonstração.

FILIGRANAS

Ha dias cinzentos, abafados e doentes, que nos imprimem n'alma uma, não direi tristeza nem melancolia, mas covardia horrivel. Não se tem animo para nada. A descrença, a apathia nos invadem. E a vida se torna um espectaculo tão fastidiosa, que o espirito anseia para se vêr livre delle.

Esses dias cinzentos, abafados, doentes, suggerem suicidios, aconselham-nos, como que pegam na mão do individuo para que ella despeje o veneno no copo ou puxe o gatilho do revolver...

Outros detalhes photographicos dos exercicios realizados quinta-feira penultima, no campo de sports do Fluminense, pelas crianças alumnas das escolas municipaes do Districto Federal, vendo-se, tambem, ahi, parte da assistencia que enchia as archibancadas do estadio da rua Guanabara.

A tragedia da secca num romance de mulher

Por Beni Carvalho

A joven romancista cearense Rachel de Queiroz.

A literatura das sêccas do Nordéste é, incontestavelmente, copiosa e suggestiva.

No Ceará, Rodolpho Theophilo, Papi Junior e Antonio Salles; na Parahyba, **José Americo de Almeida**, para citar apenas [illegible] os de maior [illegible], e aqui, na metropole, Gustavo Barrozo, — todos têm, no livro, focalizado o phenomeno: estudando-o, romanceando-o, poetizando-o, apanhando-lhe os aspectos varios, fazendo-lhe, de resto, a historia atormentada e cruel.

De todos, porém, nenhum se ha dedicado mais a esses themas do que o sr. Rodolpho Theophilo, que é, por isso mesmo, e sem favor, o maior historiador e romancista das sêccas.

Os seus livros, que, de tão conhecidos, já aportaram, mesmo, á outra banda do Atlantico, são, em verdade, um indice perfeito dessas catastrophes, tanto mais impressionantes e assustadoras, quanto, até agora, os governos do Brasil não têm podido sequer neutralizar-lhes os effeitos.

Em *Violação*, n'*A Fome* e noutros volumes, tem elle fartamente pintado todos esses quadros, fixado todas essas scenas, na sua allucinante manifestação.

E o fez, sempre, de maneira completa, exhaustiva, talvez, até, enfadonha, sobretudo para aquelles que, na vida, ainda não tiveram ensejo de accommodar a visão á tristeza dos sertões abrazados e á monotonia da miseria.

Mas isso, até certo ponto, é, apenas, uma resultante do seu proprio processo artistico, requintado na minucia, no exame detido, na photographia exacta.

Ao lê-lo, pois, o espirito, por vezes, se enfastia; e o flagello, na sua culminancia, não consegue provocar uma emoção esthetica, correspondente á sua intensidade tragica.

Rachel de Queiroz, porém, uma menina cearense de 19 annos, nessa epoca perturbadora do *footing* e do *flirt*, acaba de operar um grande milagre de Arte. Escreveu um romance sobre um trecho em fogo das terras nordestinas, — o Ceará —, um livro que, de certo, dentro em breve, ha-de impressionar fundamente a mentalidade culta do paiz. Nessas paginas, ella realizou o que, na sua idade, no seu meio e na sua epoca, nenhum brasileiro ainda o fizéra — uma obra de analyse equilibrada, de agudeza, de simplicidade forte, de arte authentica e, sobretudo, de alta expressão social.

E a tudo isso alliou uma leveza encantadora, uma sobriedade quasi *anatoleana*, com que, em notas rapidas, sinistramente humanas, ella cria a Emoção e plasma a Belleza.

"O Quinze" — é o desastre climaterico do Ceará em 1915, quando a autora contava apenas quatro annos de idade.

Assim, pois, ainda mais avulta o valor das observações indirectas, a menos que, na profundeza absorvente dos seus grandes olhos negros, no subconsciente infantil, a *kodak* maravilhosa do seu espirito já, então, não houvéra apanhado o panorama commovedor daquelle incendio sertanejo. Quem lê essas paginas sente toda a alma do Nordeste se estorcendo, gemendo, trepidando dentro dellas.

Ninguem, antes de **Rachel** de Queiroz, conseguira, sem fatigar, contar, de modo empolgante, essa historia tragica, de que tanto se fala e que, em verdade, tão pouca gente conhece.

E fê-lo finamente, nervosamente, pondo, não raro, numa ponta subtil de ingenuidade consciente uma nota poderosa de acuidade e elevação.

Dentro em pouco, será ella, em verdade, um nome que o Brasil inteiro consagrará, como tantos outros saidos da fornalha do Nordeste, esmagados de sol e incendiados de sonho. Rachel de Queiroz offerece, com effeito, um exemplo singular nas letras brasileiras.

Estréa com um livro que não possue nenhum dos senões proprios dos que se iniciam.

Sua estylistica é sóbria, simples, nervosa, vertical.

No seu romance, nada existe de mais nem de menos.

Tudo nelle é harmonico, rythmico, preciso. Dir-se-á tratar-se dum autor experimentado, com uma technica psychologica, segura e perfeita.

As suas personagens vivem, realmente, dentro da vida e não, apenas, no dominio da ficção.

O seu falar, o seu sentir, a sua maneira de ser, ella os reproduz com uma fidelidade surprehendente, sem o menor exaggero, commummente observado nos que procuram expressar o linguajar sertanejo.

Por outro lado, a paisagem nordestina ahi resalta com toda a sua *facies* caracteristica, sem o improperio dos descriptivos fatigantes, nem a ousadia das metaphoras.

Não se julgue, entretanto, por isso, seja sua obra uma copia despersonalizada da natureza e do homem.

Rachel de Queiroz, ao contrario, os sentiu intensamente — o homem e a natureza do Nordéste. E, assim o fazendo, expressou-os através da sua personalidade artistica, ao calor da vibração da sua mocidade, no tumulto tropical do seu temperamento.

Todas essas exuberancias, porém, ella as soube ordenar, disciplinar, para produzir uma obra forte, mas serena, reflectindo o seu meio e a sua raça, trabalhada, secularmente, pelo martyrio dos céus e pela ansia delirante de renovação e de triumpho.

Sociologicamente, esse romance é o mais eloquente appello que se formúla ao paiz para a solução do problema nordestino, porque elle o põe em foco em funcção da Arte, que syntoniza as vozes da consciencia e suscita a sympathia social.

Quando meritos outros não tivéra, bastaria esse para assignalar uma obra de pensamento e de acção que vencerá o tempo e... viverá.

Flôres...

A moda pegou...

Agora, quando sahimos de casa, é fatal: encontramos, na rua, as meninas das flores.

Sempre uma linda creatura detém os passos dos transeuntes despreoccupados, collocando uma flor qualquer na lapélla do seu casaco.

O pretexto? Caridade...

Uma dá a flor, outra come a moeda, de modo que está estabelecida a caridade de curso forçado...

Não figuramos entre os que tomaram horror ás lindas destinadas a colher a moeda do nosso bolso. Acreditamos, antes, que é uma suave maneira de solicitar a caridade, trocando o dinheiro por uma flor qualquer.

Entretanto, dentro em pouco, será necessário inventar novas flôres, porque o anno tem trezentos e sessenta e cinco dias, e as casas de caridade pedintes são em maior numero...

Isto revela que o espirito de imitação assumiu um caracter espantoso, banalizando o gesto apreciavel de vehicular o dinheiro do nosso bolso, para o soccorro dos necessitados, em troca de uma flôr.

E a moda está irremediavelmente perdida, porque o instincto de defesa é innato no homem...

O carioca já não se deixa impressionar pelo sorriso matinal das meninas que collocam flôres na lapélla dos casacos, e, dentro em pouco, as lindas flores serão recolhidas vazias para a maior desgraça dos pobres, almas sem lares, aves sem ninhos...

Porque a obrigação de comprar flores, diariamente, tambem cansa...

O jubileu sacerdotal do padre José Maria Natuzzi foi brilhantemente festejado, quarta-feira penultima, pelos numerosos amigos e admiradores desse vulto illustre do nosso clero, orador sacro e conferencista de real destaque no mundo catholico brasileiro. Entre as diversas homenagens prestadas ao padre Natuzzi, sobresahiu a que se realizou no salão do theatro do Externato Santo Ignacio, sob a presidencia do nuncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella, e que consistiu numa sessão solemne, durante a qual o conde de Affonso Celso, interpretando os sentimentos dos amigos do homenageado, teve occasião de realçar as qualidades intellectuaes e as virtudes do venerando sacerdote. Falaram ainda os drs. Alcebiades Delamare e Alfredo Balthazar da Silveira e, por fim, o padre Natuzzi, que agradeceu, commovido, a manifestação dos seus amigos e admiradores. Eis dois flagrantes expressivos dessa homenagem.

Mentira

A MARTINS CAPISTRANO

Em face da incerteza que me espera,
Tenho um vago sorriso desdenhoso:
Quando passa por mim a Primavera,
Na flôr do prado vou sugar meu gozo.

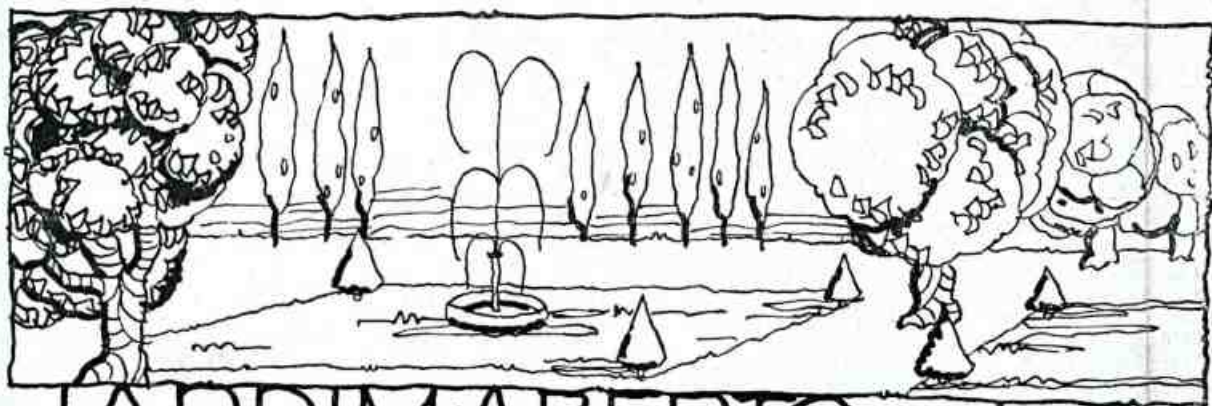
Como, ás vezes, em misera tapera,
Dorme o lyrio romantico e vaidoso,
Assim no manto azul de uma chimera
O espirito febril busca repouso.

Por isso, não cogito da sentença
Que sobre a convulsão de tantas ruinas
O tempo indecifravel traz suspensa.

Desprezo a luz de todas as doutrinas
E confundo na mesma indifferença
As mentiras humanas e divinas.

OSORIO DUTRA

JARDIM ABERTO — D. Jayme

UM CRITICO MODERNO

BENJAMIN CRÉMIEUX é um dos pioneiros das relações espirituaes entre os povos. Secretario Geral do Instituto Francez de Florença, aproveitando as inclinações nesse sentido de Julien Luchaire, seu director, trabalhou dedicadamente na organização dum programma de intercambio mental, cuja expressão definitiva é o Instituto de Cooperação Intellectual da Liga das Nações, ao qual já devemos a visita e a palavra de eminentes homens de sciencia e de letras.

A guerra interrompeu esse labor pacifico e util. Atirou-o ás trincheiras da linha de frente, onde defendia a civilização essa heroica infantaria franceza que fez calar na Europa inteira aquelle antigo aphorisma transcripto por Victor Hugo: *cavalerie turque, infanterie espagnole...*

Ao tratar de Jules Lemaitre, Anatole France escreveu estas palavras sabias e em certo ponto propheticas: "*La critique est la dernière en date de toutes les formes littéraires; elle finira peut-être par les absorber toutes. Elle convient admirablement à une société très civilisée dont les souvenirs sont riches et les traditions déjà longues. Elle est particulièrement appropriée à une humanité curieuse, savante et polie. Pour prosperer, elle suppose plus de culture que n'en demandent toutes les autres formes littéraires. Elle eut pour créateurs Saint-Evremond, Bayle et Montesquieu. Elle procède à la fois de la philosophie et de l'histoire. Il lui a fallu, pour se developper, une époque d'absolue liberté intellectuelle. Elle remplace la théologie, et, si l'on cherche le docteur universel, le Saint Thomas d'Aquin du XIXe siècle, n'est-ce pas à Sainte Beuve qu'il faut songer?*"

Mau grado um romance — *Le premier de la classe*, que lhe valeu o premio Blumenthal, mau grado um outro — *Une conspiration en 1830*, Benjamin Crémieux se fez notavel pelos artigos de literatura e sobretudo critica, apparecidos na Nouvelle Revue Française, e pelos folhetins, no mesmo genero, das Nouvelles Littéraires. Elle é o critico completo dentro do schema traçado por Anatole France. Producto duma sociedade altamente civilizada, rica de saber e de tradições, curiosa e polida, dotado duma cultura geral elevada e profunda, bebida no Lyceu Henrique IV., na faculdade de Grenoble, na Sorbonne, nas longas demoras na Italia, nas viagens, nas leituras e na observação, amante da philosophia e da historia, movendo-se num ambiente de completa liberdade espiritual, ainda tem a ajudal-o aquillo que Sainte Beuve denominava a collaboração do publico, isto é, a intima sympathia do leitor pelo assumpto tratado e pela maneira de tratar o assumpto — rectidão da julgamento, methodo, vivacidade de tacto, susceptibilidade de impressão.

Dahi o exito de seus magnificos livros — XXe. siècle, Du coté de Marcel Proust, L'esprit européen dans la littérature française d'après guerre. Dahi o exito de suas conferencias em diversos paizes da Europa, na Argentina e na Academia Brasileira. Dahi o seu fecundo trabalho de approximação intellectual da Italia e da França, traduzindo novellas e peças do theatro de Pirandello, traçando o Panorama de la littérature italienne contemporaine e transformando-se em verdadeiro agent de liaison entre as duas irmãs latinas.

Oswaldo Orico, nome conhecido em todo o Brasil, tres vezes laureado pela Academia Brasileira de Letras, autor de quatro livros de versos e cinco de prosa, conquistou, com «O Demonio da Regencia», que acaba de apparecer, e já está á venda em todas as livrarias, o premio de romance de 1929 da nossa mais alta sociedade literaria. Coelho Netto, relator do parecer concedendo o premio ao romance historico de Oswaldo Orico, escreveu sobre elle estas palavras, que valem pelo melhor elogio que se fizesse ao trabalho do victorioso poeta de «Grinalda»: «O biographo traça a vida exterior, o romancista penetra o intimo, observa a propria alma do personagem; dahi a superioridade do segundo sobre o primeiro, como demonstra André Maurois nos seus «Aspects de la biographie». A historia é rigida, inflexivel como a pedra e o bronze, as suas figuras são estatelares. Na obra em questão, si o typo foi trazido da Historia, tal prestigio lhe deu a Arte, que elle nos apparece vivo, tão agil nos movimentos como animado nas palavras, realizando o milagre esthetico que Miguel Angelo desejára para o seu «Moysés». Obra de artista, em tudo digna de louvor, tanto na narrativa, interessante em todos os aspectos, como na construcção, em vernaculo purissimo.»

O ENTERRADO VIVO

GUSTAVO BARROZO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

TRES homens atravessaram as solidões da margem direita do Paraná, tomaram uma canôa em frente a Itapua e, trazendo os cavallos, que nadavam, pelas rédeas, passaram o rio. Dois caboclos paraguayos remavam. Os tres guardavam o mais profundo silencio. Só se ouvia o rumor das pás dos remos ferindo rythmicamente a agua sobre que boiavam, com as narinas frementes, as formosas cabeças dos cavallos.

Um toque de corneta vibrou na tarde calma e, á sombra das poucas casas de Itapua, quando os tres homens desembarcaram, já estava formada, com as suas gandolas rubras e as suas barretinas de couro, a guarda paraguaya da fronteira. O official inferior que a commandava dirigiu-se a um dos recem-chegados:

— O general Artigas?

O interpellado deu um passo á frente. Nada mostrava no seu traje simples de gaúcho — chapéo desabado, poncho largo — a sua qualidade. Ella se adivinhava no seu porte senhoril, nas suas feições energicas, como que esculpidas no bronze.

— Sou eu, disse, sem levantar a voz, naturalmente.

A mão direita tomou alguma coisa sob o poncho amplo e surgiu com a espada, que entregou ao sargento. O paraguayo recebeu-a emocionado e falou:

— O general e seus companheiros passarão a noite em minha casa e seguirão amanhã para a capital.

Encaminharam-se os quatro para o quartel. A' frente, o "barbaro y tempestuoso" Artigas, com seu passo seguro, sozinho com "su propia fortaleza". Os dois negros que o seguiam eram os derradeiros amigos que lhe restavam.

A noite cahiu. Os vagalumes constellaram a escuridão. Na varanda da pequena casa do official paraguayo, solitario, Artigas olhava com os olhos da alma os dias do seu passado. Pelo pensamento, vivia o que se fôra, á luz azulada dos pirilampos e ao som da monotona cantoria dos batrachios que povoavam os pantanaes. Via-se acampado em Abalos, depois de expulso da Banda Oriental pelos brasileiros. Esperava, então, o resultado da campanha que mandara Ramirez emprehender contra Buenos Aires. Vencedor, prestigiado, poderia reunir todas as armas de Entre Rios e Corrientes para a reconquista da patria uruguaya, que a derrota de Taquarembó puzera de todo na mão de seus invasores. Depois, internara-se em Entre Rios. "Durante quatro mezes, o solo dessa provincia resoou martellado pelas batalhas. São quatro mezes de choques estupendos. O tropel dos cavallos corre de norte a sul. E de sul a norte as pugnas inverosimeis convulsionam incessantemente aquella terra. Artigas luta, então, pessoalmente, á frente de suas hostes, a cavallo. Agora tem de ser tudo: braço e pensamento".

O seu tenente Ramirez, enfatuado com o triumpho que obtivera contra Buenos Aires, vendido a seus inimigos, revolta-se contra o chefe. Artigas luta contra elle, dentro de Entre Rios. Bate-o a 15 de junho em Las Guachas. Persegue-o até o casario de Bajada, onde elle se entrincheira. Chegam soccorros a Ramirez: a infantaria de Buenos Aires, commandada por Mansilla. E, no primeiro combate, as cargas da gauchada, sem disciplina, do grande caudilho desfaziam-se nas baionetas dos quadrados portenhos.

Assim, a 24 de junho, nos arredores de Bajada, Artigas perdeu seu derradeiro exercito. "Ramirez perseguiu o heroe vencido, que retirou para o norte, para a fronteira do Paraguay, voltando a cara de quando em quando e combatendo em Sauce de Luna, em Las Tunas, em Juqueri e em Abalos..." Nessa fuga, ainda era tão grande o seu prestigio, que, atravessando Corrientes e Missões, escreve o coronel Cáceres, veterano das tropas de Ramirez, "salian los indios a pedirle la bendición y seguian con sus familias y hijos en procesión detrás de él, abandonando sus hogares".

Emfim, aproximou-se da fronteira paraguaya. Recusou um offerecimento de asylo feito pelo governo norte-americano, por intermedio de seu consul em Montevidéo. Corria o mez de setembro. Uma noite, á luz palpitante da fogueira do acampamento, Artigas reune os ultimos companheiros e communica-lhes que resolvera pedir guarida ao dictador Francia. Esperava resposta favoravel e iria viver no Paraguay.

— Estão todos livres, disse. Podem deixar-me quando quizerem.

Ouviram-no em silencio. Rompeu-o um de seus derradeiros blandengues negros, exclamando:

— Meu general, não o abandonarei. Seguil-o-ei ao fim do mundo!

Era Ansina, o seu ordenança. Outro soldado negro falou:

— Eu tambem ficarei comsigo, meu general!

Era Joaquim Martinez.

Todos os outros sellam os cavallos. O caudilho chama-os. Rodeiam-no. E elle:

— Como sabem, o coronel Cáceres aprisionou em Posta Sarandi o commandante Aniceto Gomez, depositario de nosso dinheiro. Perdemos 428 onças de ouro. Nada tenho, portanto, para distribuir com os amigos. Trago, neste sacco, commigo, somente quatro mil pesos. Na fortaleza da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, acham-se encerrados os nossos companheiros Otorgués, Lavalleja, Bernabé, Rivera e alguns mais. Quem jura levar-lhes fielmente o auxilio desta somma?

Depois de longo e pesado silencio, ouviu-se a voz de um simples soldado, Francisco de los Santos:

— Juro que entregarei o dinheiro, meu general!

Artigas deu-lhe o sacco, que chegou ao seu destino. Os gaúchos desappareceram através da noite. E, ao clarão da fogueira, no abandono, na solidão, unicamente ficaram o caudilho vencido pelo destino e seus dois negros fieis...

Todos esses quadros desfilavam pela lembrança de Artigas naquella noite calma e lantejoulada de tantos insectos luminosos que a terra parecia um outro céo. Na negra vastidão do firmamento, o Cruzeiro do Sul abria os grandes braços de luz...

Pela manhã, Artigas montava o seu cavallo picaço, seguido pelos dois ordenanças pretos. Vinte hussares paraguayos os circulavam. Sobre o peito de suas fardetas encarnadas trançavam-se alamares de torçal branco. Um pennacho preto tremulava nas altas barretinas de couro. A guarda da fronteira formara na frente de seu pequeno quartel. O commandante veiu apertar a mão do caudilho. A' margem do rio, os canoeiros olhavam aquella scena e ás portas de todas as casas assomavam cabeças curiosas. Um toque de corneta. Outro de clarim. Os hussares desembainham os sabres recurvos, que aluminam ao sol. E toda a tropa parte a galope, levantando a poeira vermelha do caminho.

Desta sorte, José Gervazio Artigas entrou no Paraguay de d. Gaspar Rodriguez de Francia, para nelle passar trinta longos annos enterrado vivo, para delle nunca mais sahir...

Ao chegar á cidade de Assumpção, Artigas foi recolhido ao convento das Mercês. "Francia não viu, não quiz ver o heroe cahido — assegura Zorrilla de San Martin — por mais que esse desejasse e solicitasse uma entrevista". E acrescenta: "Porém, tratou-o com tão grande e constante respeito, que até me parece supersticioso. Dir-se-ia que se sentia captivo de seu prisioneiro".

O despotismo de Francia era uma treva povoada de terrores. Elle preparou o Paraguay dos Lopez. Imperavam o medo, a espionagem, a intriga e a delação. Tudo se estagnara. As vozes eram abafadas, os desejos sopitados. "Cuando el doctor Francia pasaba por las calles de Asunción, los pocos transeuntes que sentian los pasos de su escolta se ponian de cara a la pared; la mirada del déspota era un espíritu que engendraba obsesiones perpetuas; nadie hubiera querido encontrarse con ella en el transcurso de la vida. Era célibe, sin familia alguna, sin un solo afecto ni bueno, ni malo; vivia encerrado; distribuia personalmente los cartuchos de fusil, bien contados, a sus hombres de armas; el grado militar más elevado en la nación era el de sargento; escribia los procesos de su puño y letra; inventaba suplicios".

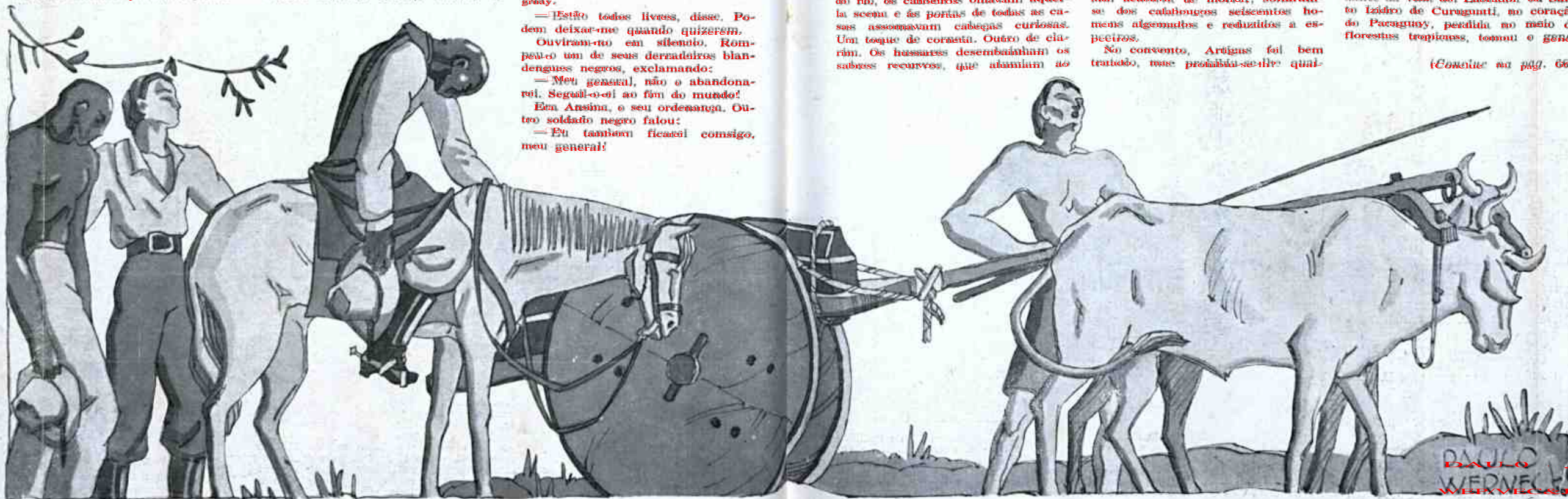
O Paraguay era um tumulo. Os estrangeiros que ali entravam nunca mais sahiam. Quando Francia não matava seus desaffectos, sepultava-os agrilhoados num cárcere. Mal acabava de morrer, soltaram-se dos calabouços seiscentos homens algemados e reduzidos a espectros.

No convento, Artigas foi bem tratado, mas prohibiu-se-lhe qualquer relação com pessoas estranhas. Entrara ali á noite, sendo logo recolhido a uma cella. Conta-se que, na cella vizinha, Francia passou muitas noites, afim de escutar o que poderia pensar em voz alta a aguia engaiolada... Seis mezes durou o encerramento do caudilho nas Mercês. Sempre calmo, triste, silencioso, impenetravel. O tyranno mandou que lhe recommendassem as praticas religiosas. Artigas submetteu-se docilmente a tudo: ouvia missas e sermões, confessava e commungava, orava e meditava. Renunciara definitivamente ao mundo. Pobre, humilde, só, nada lhe perturbava mais a tranquillidade...

No fim daquelles seis mezes, o prior do convento, que se impuzera já á confiança de Artigas, conseguiu que este manifestasse o desejo de uma vida mais livre, mais movimentada, mais consentanea com o seu temperamento de soldado. Conversaram no claustro, ao crepusculo, e, logo pela manhã cedo, o ajudante de ordens do dictador, que o visitava todos os dias, veiu dizer-lhe:

— Sua excellencia, attendendo ao seu justo desejo, resolveu transferil-o para um logar onde possa viver com mais liberdade do que aqui.

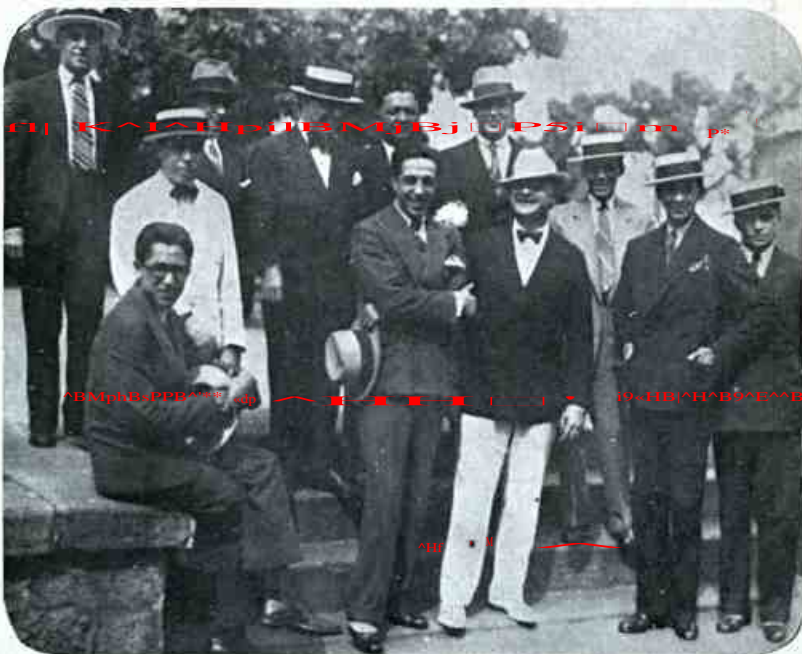
Na noite immediata, uma escolta de hussares, chefiada pelo commandante da villa del Labrador ou Santo Izidro de Curuguati, no coração do Paraguay, perdida no meio de florestas tropicaes, tomou o gene-

(Conclue na pag. 66)

Mario Cordeiro, nosso brilhante confrade de imprensa e figura merecidamente estimada na sua classe, recebeu, por motivo da passagem de seu anniversario natalicio, carinhosa e expressiva homenagem de um grupo de collegas e amigos, á frente dos quaes se achava o industrial Pedro de Souza, que é um dos directores da Editora Moderna. Consistiu essa homenagem num almoço de legitima cordialidade jornalistica, e que se realizou sob a presidencia do senador José Gaudencio, um velho profissional da imprensa e amigo do festejado. Houve os discursos de todos os almoços e houve, sobretudo, uma alegria simples, contagiosa, sem protocollo e profundamente jornalistica. Levantaram-se para saudar Mario Cordeiro, além do senador Gaudencio, e da distincta poetisa Hyldeth Favilla, os nossos collegas Ary Pavão, que apparece no medalhão, quando falava; Monteiro Teixeira, Mario José de Almeida, Raphael de Hollanda, Orris Barbosa e Miranda Reis. Mario Cordeiro foi, tambem, obrigado a proferir um discurso agradecendo aquella commovedora demonstração de sympathia e apreço dos seus amigos e collegas.

SOB AS PAGINAS DE VELHO LIVRO...

Foi sob as paginas de um velho livro de poesias sentimentaes e ingenuas que as nossas mãos, pela primeira vez, se encontraram... Isolados num canto do aposento alegremente illuminado, aquelle velho livro veio parar em nossas mãos. E elle falava de amôr...

A victrola, enlouquecida, grita va um samba na moda, e, na sala, os pares rodavam, sem treguas e sem cansaço... Eu não quiz dançar. Nem eu, nem você. Ambos possuidos do mesmo sentimento de isolamento e tristeza, fomos sentar-nos sobre o divan esquecido ao canto. Conversámos sobre frivolidades, sobre artes, sobre tudo, mas não alludimos ao immenso amor que nos enchia o coração...

E o livro de paginas amarellecidas, jogado, como uma coisa inutil, sobre o divan, chamou-nos a attenção. Tomei-o. Distraidamente, meus olhos pousaram nas paginas dos versos ingenuos que falavam de amôr... Você curvou-se sobre o livro que eu manuseava. E, num mesmo instincto de amôr e comprehensibilidade, as nossas mãos se juntaram sob as velhas paginas... E, ao contacto das suas mãos morenas, mãos energicas e cuidadosas de homem "raffiné", minhas mãos alvas e nervosas estremeceram longamente... Si você soubesse que minutos de casta embriaguez eu saboreei, que doce onda de ternura me percorreu todo o corpo, naquelle instante suave em que as nossas mãos, pela primeira vez, se encontraram!... Toda a minha sensibilidade exaltada de amorosa revelou-se, no

O nosso illustre confrade F. C. Scoville, director do Departamento de Publicidade da Light, ao desembarcar nesta capital, quinta-feira penultima, de regresso dos Estados Unidos da America do Norte, onde se achava, ha quatro mezes, em gozo de férias. Foram recebel-o no cáes de Mauá, onde atracou o «Northern Prince», vários jornalistas, entre os quaes o director da publicidade da Companhia Telephonica Brasileira, engenheiro Annibal Bomfim.

Inaugurou-se, na manhã de segunda-feira, a «Casa da Criança», que se acha installada no edificio numero 109 da rua São Clemente e se destina a acolher e prestar assistencia ás crianças cujos paes permaneçam no trabalho durante o dia e que se vejam, por esse motivo, impossibilitados de dispensar cuidados aos seus filhos pequeninos. Trata-se, como se vê, de uma instituição digna da sympathia e do apoio de todas as pessoas bem formadas. A cerimonia inaugural da «Casa da Criança» constituiu um acontecimento de grande expressão social, pela presença de figuras representativas da nossa «élite».

brilho incontido dos meus olhos tristes de esmeralda...

Mas, a hora da emoção passou... Calou-se a victrola. Os pares se aquietaram... E forçoso foi que desunissemos as nossas mãos, aconchegadas como dois passaros friorentos, em busca de um mesmo ninho cantante de ternura...

E você se foi... E você me esqueceu... E deixou-me soffrendo, soffrendo tanto, meu amôr, que muitas vezes a morte me appareceu como uma grande fada de braços maternaes, a se estenderem sobre o meu pequenino ser cansado e soffredor...

E você talvez nunca soubesse o que eu senti, amorosa e sonhadora, quando as suas mãos se encontraram, pela primeira vez, com as minhas mãos, sob as paginas amarellecidas de um velho livro que falava de amôr...

LUCIA DE MORAES.

Um detalhe photographico da inauguração da «Casa da Criança», solemnidade essa levada a effeito na manhã de segunda-feira.

O drama de Andrée nos gelos polares

Por BASTOS PORTELA

(Especial para o "FON-FON")

ADMIRAMO-NOS hoje, ao ler a noticia de que Marconi, o extraordinario inventor, com o simples manejo de um commutador, consegue, do seu yacht "Electra", em aguas italianas, accender as lampadas de um estabelecimento publico na Australia. Por meio do radio.

Admiramo-nos, ainda, de outras maravilhas creadas pelo engenho humano neste seculo de realizações avançadas, em que a chimica, a physica e a mecanica fazem assombrosos prodigios.

No dominio da navegação aerea — que tanto se deve ao nosso glorioso patricio Santos Dumont — não são menos admiraveis as proezas do homem moderno. Proezas essas que nos enchem de pasmo, quer se trate de um Gago Coutinho e Sacadura Cabral, de um Lindbergh ou de um Saint-Romain.

Vemos um "Graf Zeppelin", numa conquista soberba, sulcar os espaços e fazer a volta do mundo, com successo.

Mas que dizer da façanha de um Andrée, desse afoito sueco que, em 11 de julho de 1897, com mais dois companheiros ousados, se faz aos céos e ás surpresas do polo Norte?

Não esqueçamos que, ha trinta e tres annos, as condições de navegabilidade aerea não offereciam a segurança e o conforto de hoje.

Sem duvida, é extraordinaria a aventura de Nobile, atirando-se, num dirigivel, á exploração dos eternos gelos polares; mas a aventura de Andrée, no seu balão livre, "Aguia", com Strindberg e Fraenkel, é, innegavelmente, uma façanha sublime. Uma ousadia cyclópica.

* * *

E' sabido já o que foi essa desventurada viagem pelos ares.

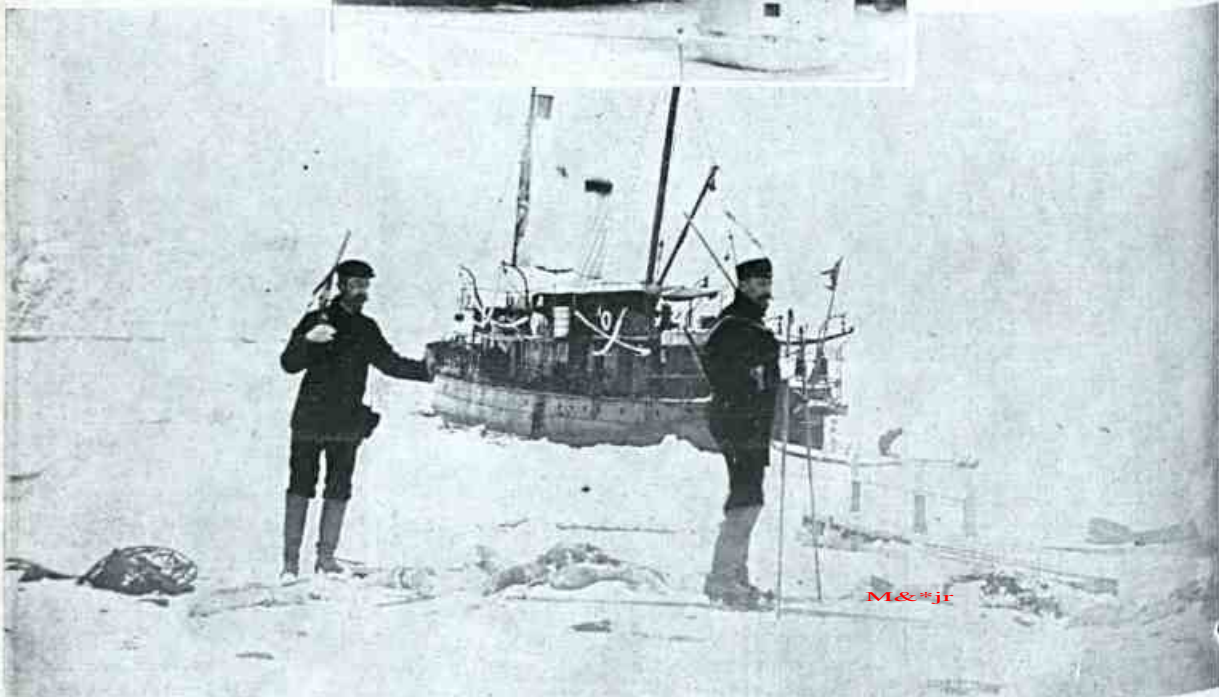
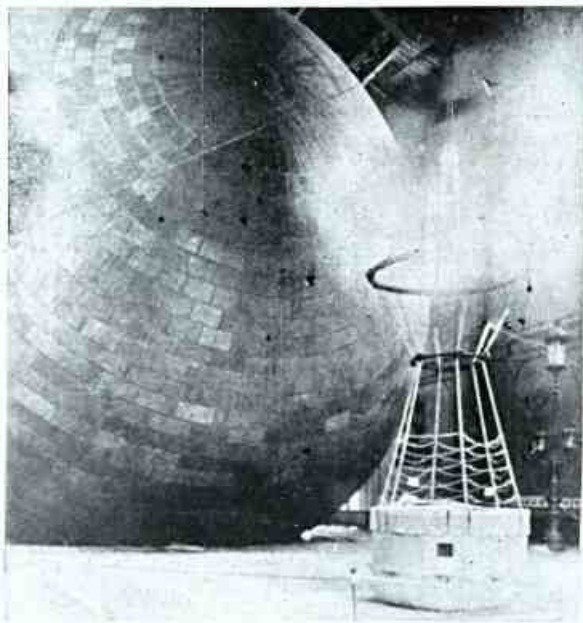
Segundo o diario de Andrée, encontrado, com os seus despojos e os dos seus companheiros, por exploradores noruguezes, os tres devassadores das regiões arcticas, sentindo-se perdidos, tiveram de travar uma luta sobrehumana com os gelos, o frio e a fome.

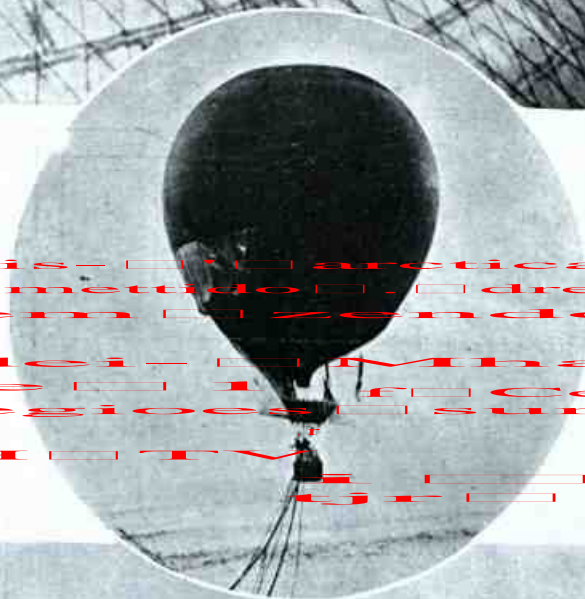
Antes de encontrar a morte na ilha Branca (archipelago de Francisco José), os tres infortunados exploradores tudo fizeram para conseguir salvação.

Exhaustos, tendo esgotado as suas provisões, mas sempre animados — narra o diario — iniciaram a construcção de trenós e, promptos estes, se puzeram a caminho, chegando, emfim, á ilha Branca, onde teve fim a impressionante odysséa.

A origem do desastre foi um incendio que se verificou na gondola do aerostato, tornando-o imprestavel para o proseguimento do vôo.

Do valor desses heroes e abnegados da sciencia, diz muito bem o caderno de annotações de Andrée, nesta commovida homenagem a Strindberg e Fraenkel:

"Com taes camaradas, pode-se conseguir fugir do perigo em qualquer circumstancia."

Em cima — O «Aguia», o balão livre que transportou Andrée e os seus companheiros ao Polo Norte. Em baixo — A canhoneira «Svensksund», que, em 1897, levou Andrée e os seus companheiros a Spitzberg. Acaba de ser encarregada, pelo governo sueco, de reconduzir os despojos dos exploradores á sua patria. Andrée é o que traz o fuzil sobre o hombro; o outro é Fraenkel.

A EXPEDIÇÃO DE ANDRÉE — Em cima: A vistoria a que foi submettido o balão, antes do vôo, em 11 de julho de 1897. Ao centro: O aerostato deixando a Ilha de Danois e rumando para as regiões arcticas. Em baixo: Andrée e seus camaradas, fazendo os preparativos para a viagem, ainda naquella ilha sueca. Ao fundo, vê-se a canhoneira «Svensksund».

Balcão Florido

MELANCOLIA

TUA caricia, feita de sombras, desce, a pouco e pouco, sobre mim. Meus olhos fecham-se, cerram-se lentamente, para receber a angustia irresistivel da tua visita.

Como tu inquietas e affliges a alma da gente! A alma e o coração...

Lá fóra, o espasmo, o delirio luminoso do sol, a exaltar a vida, a glorificar o amor que fecunda a terra, a natureza, os séres, as coisas...

Viver! Ser feliz!

Mas, tu sorris, indifferente ao meu clamor, e, cada vez mais, derramas sobre mim tua envolvente caricia, feita de sombras.

Tento repellir-te e não posso. Dominam-me já, inteiramente, os teus tentaculos de sêda, para o supplicio velludoso dos beijos de angustia, de saudade, com que, de quando em quando, quasi diariamente, fazes a inquietação de todo o meu sêr.

Por que? Porque não me poupas um pouco, tu que, ha tantos annos já, és a sombra mesma da minha vida, a projecção dolorosa de minha alma de só?

Por que?

Perdôa-me. Ficaste mais triste do que já és, minha pobre filha inquieta e afflicta.

Tens sido tão minha amiga, tão fiel e tão constante, na tua solicitude, no teu desvelo, no teu devotamento a mim, que, se, um dia, te fosses, para nunca mais voltar, seria eu quem te chamaria — quem clamaria pela tua volta!

E eu te magoei, num gesto de revolta contra ti, minha filha, minha triste e desconsolada amiga!

Melancolia, minha angustiada companheira de sempre, fica, não te vás, não, porque só tu, até hoje, me tens sido sincera, fiel, dedicada, constante...

Que importa que o teu sorriso seja sempre triste, que teus beijos sejam, ás vezes, tão amargos, que a solicitude de tua caricia seja, não raro, irritante?

Fica. Cerro os olhos, de novo, e lentamente, para a tua envolvente caricia, feita de sombras...

•

SOCIEDADE

Senhora Ide Blumenschein — Passageira do "Cap Norte", em transito para Santos, deu-nos o prazer de sua grata visita a conhecida e brilhante poetisa e escriptora patricia, Colombina, senhora Ide Blumenschein, distincta collaboradora de *Fon-Fon*.

Colombina, que regressa da Europa — onde, ha mezes, se achava, visitou-nos em companhia de sua gentil filha, Mlle. Lyse Blumenschein, que é, tambem, uma fascinante e culta intelligencia de mulher e encantadora poetisa.

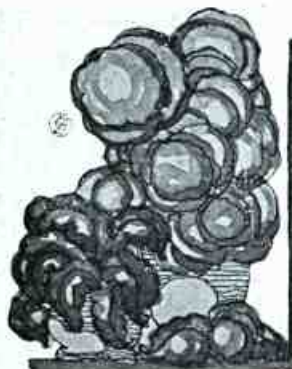
Mme. Doellinger da Graça pertence ao «grand monde» carioca. Destaca-se, assim, pelo seu alto prestigio social.

A MULHER CHIC ◇◇◇

Vestido de mousseline estampado em trez tons de azul

Luvas de pelica azul-marinho

Jean Patou

Especial para "Fon-Fon"

Faianças

Quando já se não ama...

QUANDO entre duas pessôas que se amam, surge essa phase de ventura, em que só se fala da felicidade presente, acontece, de quando em vez, que os amantes se preoccupam, sériamente, com o destino que possa ter o seu amor...

Então, é commum o que mais ama lembrar:

— Si algum dia nós rompessemos?...

Figuremos que é o cavalheiro aquelle que mais ama; ella, que é quem menos ama — já se vê — responde, vivamente:

— Nem é bom falar!

— Por que?

— Eu morreria de dôr!

— Não o creio...

— Não crês? — acode ella, vivace, mas já pensando em coisa mui diversa. Não crês, porque não sabes quanto vale um grande amor...

— Tolice! Quem mais ama, em nosso caso, sou eu. Eu, entendes?

Ella sorri, indifferente:

— Blague, blague...

E elle, agora mais grave:

— Pois vamos fazer um pacto de honra?

— Quando quizeres, amor.

— Agora mesmo.

Naturalmente, o scenario é magnifico para celebrações dessa ordem. Um parque cheio de sombras, cheio de aguas harmoniosas, como flautas e violinos. Rosas brancas. A areia dourada das alamêdas, chorando sob os sapatos...

Estatuas nuas. O luar, como uma camelia que dorme, dentro de um sonho... Bancos de pedra... Perfume, o silencio, um pouco de frio... E — o que é ideal — nem um passante, nem um guarda.

O luar está escondido...

Sabbado ultimo, a joven e formosa pianista Honorina Silva se fez ouvir, num recital de programma difficil, pela fina platéa do Instituto Nacional de Musica. Do successo alcançado pela nossa joven e graciosa patricia dizem bem os applausos e as flores que recebeu naquella tarde.

... Então, após uma ligeira inspecção em redor, as duas silhuetas se fundem numa só...

Ha uma asphyxia que os impede de falar. Silencio sobre silencio. Quando o luar reapparece, ha como que um balbucio entre elles, para que se recordem de que voltaram á realidade...

Ella sussurra:

— Mau!

Elle murmura:

— Bôa!

Risos. Mãos que se apertam.

Elle fala.

— Está sellado o nosso pacto de honra... E esse convenio consiste neste firme proposito: no dia...

Ella incita-o:

— Continúa... Vamos...

— No dia em que tivermos de romper, tu me dirás, francamente 'Sabes? já te não amo! Adeus'!! Concordas?

— Até a morte!

— Então dá-me um beijo, para termos a certeza de que não morreremos...

E' assim, quando duas creaturas se amam e transbordam de amor...

No emtanto, quando chega o dia do rompimento, elles já nem se recordam mais de que houve aquella noite, entre ambos, e aquelle pacto solemne...

Por que? Ah, o amor! Girardin disse: "O amor não póde viver sem o soffrimento; e cessa com a felicidade..." Será por isso que, depois de ser felizes, aquelles que se amaram e romperam passam, um pelo outro, como si fossem dois estranhos?

Falem os que amam...

Yves.

Qual dos nossos leitores não desejará ficar com sua vida segurada por

10:000$000?

No louvavel proposito de beneficiar a UM dos leitores de **FON-FON** *ou* **SELECTA** *com um premio util e vantajoso, de facil acquisição, esta Empresa resolveu combinar com a importante Companhia*

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

a instituição de um sorteio, que constará de uma **apolice daquella companhia de seguros sobre a vida, saldada e emittida independentemente de exame medico, no valor de dez contos de réis (10:000$)** *ficando estabelecidas as seguintes condições:*

Quem tomar uma assignatura ANNUAL de qualquer das nossas revistas, **FON-FON** ou **SELECTA**, ficará habilitado a concorrer, com o numero do seu recibo de assignante, ao referido sorteio, cujo premio corresponderá ao numero do 1º. premio da PRIMEIRA LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL, a extrahir-se em MARÇO DE 1931.

A importancia de **Rs: 48$000**, equivalente á assignatura, deverá ser-nos enviada, por vale postal ou carta registrada, indicando o endereço completo e a revista que desejar

Para maior facilidade, os nossos leitores que nos quizerem distinguir com a sua assignatura poderão encher o coupon abaixo, e para qualquer informação que desejarem, dirigir-se á

Empreza Fon-Fon e Selecta S./A.

Rua Republica do Perú, 62 — Rio de Janeiro

ou pelos telephones **2-4136** e **2-0377.**

COUPON DE ASSIGNATURA

Nome ....

Rua ....

Estado .... Cidade ....

Uma assignatura annual da revista ....

Idade (de interesse para a apolice de seguro) ....

Os Tres Ladrões

R. Magalhães Jor

HAROUN-AL-RASCHID, o poderoso califa de Bagdad, cuja vida foi um modelo de virtudes e um monumento de sabedoria, mereceu a maior estima e respeito dos seus subditos pela sua prudencia e rectidão.

O seu espirito de justiça jamais falseou na solução das questões e contendas que dependiam do seu elevado julgamento. Tão acertadas eram as suas decisões, tão sabias as suas sentenças, que o povo de Bagdad se reunia, com prazer, para ouvil-as e dellas tirar proveitosas lições para seu governo.

Para provar quanto era justiceiro o riquissimo e glorioso monarcha, relataremos o julgamento dos tres ladrões que, um dia, foram levados á presença de Haroun-Al-Raschid.

O primeiro ladrão era um homem do povo, de avançada idade, rosto macilento e pernas tropegas. O seu manto estava esfarrapado e sujo e as sandalias, rotas, só por milagre ainda se conservavam nos seus pés.

O segundo ladrão vestia um manto de purpura e trazia as sandalias bordadas a ouro. Era um homem de meia idade e parecia ter vida faustosa.

O terceiro ladrão era um rapaz de vinte e poucos annos, bem trajado, e que parecia ser um daquelles mercadores que transitavam entre Bassova e Mossoul.

O arauto apresentou o primeiro ladrão a Haroun Al-Raschid, e disse:

— Poderoso senhor! Este homem é um ladrão. Entrou na casa do nosso vizir e roubou um faisão que ia ser posto á mesa...

— Tendes alguma coisa a dizer em vossa defesa? — indagou o califa.

— Senhor! — exclamou o desgraçado. — E' bem verdade que roubei. Mas que poderia eu fazer? Procurei trabalho e ninguem m'o deu. Pedi uma drachma ao vosso vizir e elle mandou dar-me uma chicotada... Roubei, Senhor, para matar a fome, antes que a fome me matasse...

Haroun-Al-Raschid pensou por um momento e depois declarou.

— O meu vizir, com a sua usura, foi quem vos impelliu ao crime. E como elle acha que uma chicotada vale uma drachma, dar-lhe-eis trezentas chicotadas e elle vos pagará trezentas drachmas...

O povo applaudiu a sentença do monarcha e o homem que roubára o faisão beijou-lhe os pés, em signal de agradecimento.

Foi apresentado, em seguida, o segundo ladrão. Era o mordomo do califa, que havia furtado preciosas joias do thesouro do illustre soberano.

Haroun-Al-Raschid assim falou:

— Vós tinheis tudo quanto vos era licito desejar para o vosso conforto. Foi a vaidade que vos cegou! Tendes loucura pelas joias, pelo ouro, pelas pedrarias. Pois bem. Amanhã sereis adornado com as mais ricas joias, com todos os meus diademas, collares e anneis, e ficareis livre no meio do deserto. Vereis, então, se vos será dado conseguir um pouco de agua e de pão a troco de todas essas riquezas...

— Senhor! — implorou o mordomo. — Não dispediceis assim vossa fortuna. Seria mais prudente decidirdes de outra maneira...

— Não ha mal — replicou, severamente, o soberano. — Estou certo de que as hyenas pensam exactamente o contrario do que vós pensaes. Ellas não devorarão as joias. No dia seguinte mandarei recolhêl-as...

O joven mercador foi, então, levado á presença do califa.

— Este homem roubou uma donzella, para casar-se contra a vontade dos paes da raptada...

Haroun-Al-Raschid sorriu e, interrompendo o pregão do arauto, declarou:

Deixae que se casem. Quereis, acaso, maior castigo para o pobre moço?

Figuras literarias que tomaram parte na festa de arte realizada, ha dias, no Club Central, de Nictheroy, por iniciativa do bibliothecario daquelle gremio fluminense, dr. Jorge Abreu, e que resultou, tambem, numa bella reunião de mundanismo.

A recepção do padre dr. Assis Memória na Academia Carioca de Letras, realizada na noite de sabbado ultimo, foi uma solennidade que se revestiu de grande brilhantismo, pelo prestigio social e literario que cerca a figura illustre do autor de «Memorias de um cura». Como já adeantámos em nossa edição de sabbado passado, o padre Assis Memória foi eleito para a cadeira que, naquelle cenaculo, tem como patrono Odorico Mendes, fazendo o elogio do recipiendario o academico Modesto de Abreu. São dois aspectos dessa festa intellectual o que focalizam as nossas photographias, vendo-se, ahi, a mesa que presidiu á cerimonia, o padre Assis Memória lendo o seu discurso e sua revma. entre os seus collegas da Academia Carioca de Letras.

QUEM olhou, um dia, as pupillas ardentes de Martha de Hollanda, certamente terá descoberto o triangulo da sua psyché — talento, sensualismo, exaggero.

E depois deste prognostico, tudo se poderia esperar do espirito ardoroso dessa escriptora, que, si tivesse vivido numa grande metropole, teria feito ecoar em torno ao seu nome uma lidima sarabanda de applausos.

Mas, infelizmente, o destino dos artistas vive sob influencias geographicas.

A sua sagração depende, principalmente, do meio onde se agita a sua arte, e ahi se confina, ás vezes, toda a sua existencia.

Martha de Hollanda nasceu e viveu, até agora, numa cidade do interior de Pernambuco. E, de lá, da sua Victoria, manda-nos um livro que se intitula — Delirio do Nada.

A escriptora revela-se com esta legenda original: "O meu livro é o cartaz do meu Eu na esquina da geração que passa".

E' uma expressão inedita e personalissima a sua literatura. Um grito de amor e paganismo. Uma visão desenfreada de sensibilidade e de ardor.

A sua alma não resiste aos impulsos do seu instincto.

E tendo assimilado, talvez, A Exaltação, de Albertina Bertha, ou os estos aphrodisiacos e magistraes da poetica de Gilka Machado, Martha de Hollanda reuniu em volume todas as emoções do seu viver, — as mais impressivas e apaixonadas — para ingressar no mundo literario brasileiro.

Ha paginas admiraveis no seu livro.

Pensamentos de rara meditação.

Ha tambem paradoxos e verbalismo diffusos.

O livro todo resume anseios e canseiras de amor.

O livro é a psychologia de Martha.

Martha é a essencia do livro.

Estou a ouvir as suas confissões exaggeradas, os seus padecimentos de amor...

Recordo, com os olhos ennevoados, as tardes longinquas, em que nos escutavamos mutuamente as nossas revelações sentimentaes...

E do rio, das escarpas douradas, dos sinos entristecidos e languorosos, de toda parte, subia e descia até nós uma solidariedade anonyma e commovida que nos fazia pensar num vago mysterio de saudade...

Delirio do Nada resente-se de um defeito que prejudica levemente a belleza da sua concepção. Martha abusa dos vocabulos scientificos. O seu marido, que é medico, talvez lhe tenha insuflado essa terminologia arida á sua literatura.

Mais uma influencia do amor...

Ha trechos da sua prosa que nos fazem lembrar certas particularidades dos versos de Beaudelaire e de Augusto dos Anjos.

São previsões sinistras, odores nauseantes, e córvos e corujas que esvoaçam em ambientes tetricos. E, depois, vêem bacterias, cellulas, infusorios, craneos, hemoptyses e pericardios, numa "melange" esquisita, compondo o mecanismo da sua obra, toda emoção, toda nervos. Puro talento de um espirito borbulhante, mobilizado por correntes electricas de grande força, orchestrando uma symphonia vulcanica.

E' mesmo um delirio o livro de estréa de Martha de Hollanda.

Um delirio de sensações... Um delirio abyssal... Um delirio de abominações que lembra perfumes e lampejos e pedrarias, e miseria, e morte, e anniquilamento.

E em meio ás desgraças e aos fulgores, Martha suspira ternamente: "Meu amor, hontem... vesti-me com delicias, e, esvoaçante, toda de purpura, segui por uma estrada de perfume..."

Martha de Hollanda é uma grande amorosa, fascinada por todos os festins do amor. Ella nos conta:

"Passei por penumbras onde se celebravam festas pagãs de enleios. Estremeci ao ouvir o alarido delirante dessas festas de Volupia".

"Encontrei ventos nervosos trazendo recordações lendarias... incendios de beijos... festins de luz... noivados de lyrios... orgias de rosas..."

(Conclue na pagina seguinte).

E' assim que Martha sonha ter vivido... Incendiada de beijos, em orgias de rosas...

E essa deveria ser, realmente, a vida de todas as mulheres amorosas, dessas grandes perdularias de sensação que inscrevem legendas eternas na historia ignorada dos seus supplicios, dos seus extasis, dos seus delirios de amor...

Benditas as amorosas, cujos corações vertendo sangue, constróem os mais lindos monumentos de arte e de belleza sobre a fascinação do seu amor...

* * *

FILIGRANAS

Era um sabbado. A' esquina duma rua que ia ter á Avenida Beira Mar, meu omnibus parou á espera que passasse um longo e rico enterro. Só de corôas havia seis automoveis...

Na esquina immediata, outra parada. Agora era um casamento. Os noivos hirtos e encabulados no fundo do auto envidraçado. A guarda de honra em seguida. Exposição de mulheres gorduchas e faulhantes de joias nas limosinas caras.

Emfim, tudo passou e seguimos viagem, eu pensando na phrase profunda do poeta: "La vie est une perpétuelle rencontre de funérailles et de noces."

A posse do novo chefe de policia desta capital, dr. Pedro de Oliveira Ribeiro, foi um acontecimento que se revestiu do máximo brilhantismo. Figura de prestigioso relevo nos nossos circulos sociaes e politicos, o illustre substituto do dr. Coriolano de Góes Filho, actual ministro do Supremo Tribunal Militar, na chefia da Policia Central, já, ha muito, como 4.° delegado auxiliar, prestava áquella repartição os mais relevantes serviços. Sua investidura nas altas funcções que lhe foram confiadas pelo sr. presidente da Republica, foi, assim, um acto de inteira justiça, recebido com merecidos e legitimos applausos. A gravura acima focaliza um flagrante colhido na Policia Central, por occasião da cerimonia da transmissão do cargo ao novo chefe de policia, que ahi apparece ao lado do dr. Coriolano de Góes.

Em beneficio do Circulo de Paes da Escola Pareto, realizou-se, domingo passado, no Club Gymnastico Portuguez, uma festa artistico-dançante, na qual brilharam a graça e a intelligencia de varias figuras applaudidas dos nossos salões.

Foi um jogo sensacional e rumoroso, de resultado surprehendente, o que se travou domingo passado no campo da rua Figueira de Mello, entre os quadros principaes do Vasco da Gama e do Syrio Libanez. Deante de uma assistencia de milhares de pessoas interessadas nesse encontro, os jogadores do club cruzmaltino e do seu adversario de domingo desenvolveram uma luta violenta que por vezes alarmou os espectadores, e que terminou com a victoria do Syrio, determinando a perda provisoria, por parte do Vasco, do segundo logar na tabella do campeonato carioca de football. A nossa pagina focaliza um instante do «match» Vasco-Syrio e os dois «teams» que se defrontaram domingo no campo da rua Figueira de Mello.

O POETA DAS CORES

Ninguém viu ainda os seus trabalhos no Salão official, concorrendo a premios ou popularidade intra-muros. Ninguém quasi vê a sua assignatura em capas de revistas, cujas côres de cartaz gritassem o seu nome por toda a parte. Ninguém lhe vê illustrações de poemas ou contos espalhados pelos supplementos domingueiros dos jornaes. Seu nome parecerá a muitos pseudonymo.

E, no emtanto, quem lhe visitou a exposição pequenina do Palace Hotel ficou admirado de ter descoberto a si proprio um grande artista.

Esse adjectivo anda ultimamente apegado a muita coisa e a muita gente.

E é pena, porque senão Henrique Sálvio poderia orgulhar-se de o merecer integralmente.

Dos quarenta quadros expostos, nenhum é trabalho fraco, na justa accepção do vocabulo. Ao passo que mais de uma dezena delles é composta de trabalhos admiraveis. O Henrique Sálvio, com o seu sentido oriental, não é um pintor nacionalista: nada alli nos revela uma paleta verde-amarella. E' um delicioso artista, com os seus symbolismos, a sua combinação de côres vivas, a extraordinaria tonalidade que sabe emprestar ás tintas, aguando-as para fazer dellas véos que se vão perdendo, escurecendo-as para o jogo forte de sombras.

Seu motivo é sempre bizarro e exotico: «Aladino», «Supplicio Mongol», «Arlecchino», «Sangue do Volga», «Archeiro Japonez», «A Poesia do Danúbio», «Dança Malaia», «Mascara Brahmane», «Baile Zingaro», «O Bom Mandarim»...

«D. João Tenorio» é um quadro para ser concluído pela imaginação de cada um, tantas são as «intenções» que o pincel entremostra.

«A Alma da Noite» é um poema, um delicioso poema, em que se revela a grande capacidade de Henrique Sálvio pintar véos, sentindo-se-lhe a transparencia viva, quasi palpavel.

«Macula Alba» é um pedaço de nuvem em fôrma humana.

«Supplicio Mongol» é um trabalho forte, pintado com alma, dir-se-ia — com sangue.

«O Fogo», «Mascara Brahmane», «Baile Zingaro», «A Mulher de Véo» são magnificas concepções.

«O Destino» é obra-prima, dentro de seu symbolismo.

E' esse grande trabalho, que se intitula «As Parcas», completo, indiscutivelmente um trabalho de mestre.

Porque Henrique Sálvio não é somente o artista que sabe lidar, dispôr as tintas e emprestar-lhes a tonalidade precisa. E' também um artista de imaginação fina e fecunda. E, assim, um grande pintor-poeta.

Luis Paula Freitas.

No encontro Vasco da Gama-Syrio Libanez houve, a despeito do tumulto nada sportivo da peleja, phases como as que fixam os dois instantaneos desta pagina, e que empolgaram os verdadeiros conhecedores do football.

TREPAÇÕES

O nosso confrade Paulo de Magalhães, com os principaes interpretes de sua nova peça «Felicidade», que está fazendo grande successo no Trianon: Iracema de Alencar, Dulcina de Moraes e Olympio Bastos, elementos destacados da companhia que occupa aquelle theatro.

OS bellos olhos claros de *madame* têm o miraculoso poder de despertar as mais vivas paixões. Entretanto, *madame* vinha mantendo uma linha impeccavel de conducta, conservando á distancia a côrte de admiradores, desfazendo enthusiasmos, matando esperanças, ganhando fama de possuir um coração invulneravel.

Assim, não foi sem grande surpresa que, ha dia, vimos *madame* em um bonde, em situação evidentemente falsa, com um rapaz ao lado.

Cautelosa, ella mantinha discréta conversação com o joven, palestra interrompida quando o bonde, transpondo a *porta* do bairro, fez sentir a ambos que a deliciosa viagem havia chegado ao fim.

Quando *madame* saltou, o rapaz imitou-a no gesto e, ainda por algum tempo, ficaram na calçada, de mãos unidas, numa despedida classica de namorados que sentem angustiados a hora da separação...

Depois, *madame* partiu apressada rumo á casa, e o rapaz ainda ficou a contemplar o vulto que se perdia na curva da rua, mas, resignadamente, como quem espera a felicidade promettida para o dia seguinte...

E nós, que tudo vimos, temos agora a certeza de que o rapaz é de muita sorte, pois conseguiu tomar uma praça forte que parecia inexpugnavel.

Acabou-se o mysterio dos bellos olhos claros, olhos typicos, estranhamente enigmaticos, olhos de endoidecer um frade de pedra...

E' inconcebivel imaginar-se o ridiculo de um homem casado, com filhos, bastante conhecido na sociedade, andando atraz de meninas solteiras, pelas ruas, atropelando-as não sabemos com que propositos, uma vez que taes meninas não estão ao alcance das mãos de aventureiros.

Mas, esse homem existe, como exemplar da má educação da cidade dos nossos dias, a metropole cosmopolita de onde desertou todo o respeito que fazia o orgulho de uma sociedade de *gentlemen*, para se transformar no que ahi está, um centro de almofadinhas inconscientes e de velhos gágás deploraveis.

Já está conhecido, muito embora ainda não tenha ajustado contas com a policia de bons costumes.

E, si não perder a mania de atropelar, nas ruas, incautas meninas solteiras, certamente encontrará, um dia, pela frente, quem lhe applique o correctivo que merece.

Ou, então, será o caso de requisitar um medico alienista...

MADAME tem um temperamento interessante, quasi diriamos singular, paradoxal.

Presa de paixão pelo jornalista, não fazia questão de esconder o seu sentimento, antes o manifestava publicamente, como si não tivesse nenhum outro compromisso na vida, a respeitar.

O jornalista, tambem homem compromettido perante a sociedade, levado pelo enthusiasmo, envolvido pelo olhar quente de *madame*, acabou perdendo a linha, isto é, não fazendo questão igualmente de esconder a sua louca paixão pela deslumbrante dama.

Corria tudo muito bem, quando um intruso appareceu, arrastando azas a *madame*. O jornalista não gostou da coisa, *madame* protestou, mas, o nosso collega não viu clara a situação e, delicadamente, retirou-se do brinquedo...

Parecia que tudo devia acabar nesta altura, mas assim não aconteceu.

Guardaram ambos a melhor saudade das tardes roseas que viveram olhando para os poentes prolongados de Copacabana.

De vez em quando, *madame* vae ao telephone e mantém com o jornalista uma deliciosa conversa, cheia de promessas que nunca se realizam...

Ha uma pausa. Ella volta. Elle quasi acredita que a felicidade vae tambem voltar... Mas, qual! Não passa de conversa *fiada*, isto é, pelo telephone...

Madame terá o prazer de martyrizar o jornalista?"

AQUELLE caso já está chamando a attenção do elegante bairro.

A' noite, quando ha luar e mesmo quando o céo não tem estrellas nem lua, o cavalheiro apanha as duas mineiras, e vôa para os lados do Arpoador, na sua baratinha ruidosa.

A's vezes, o automobilista, que é um bello rapagão, detém a linda senhorita no carro; e, emquanto elles se amam discretamente, a outra, a irmã, se precipita para a praia, afim de catar conchas e algas ou então... — até parece anecdota! — se dá ao sport fatigante e inutil de contar as lampadas da longa Avenida Atlantica. Uma conta os beijos que recebe; outra conta candelabros!

Esse Rio tem coisas...

O galante menino Luiz Carlos Lemme, que aos dois annos já se mostra um decidido admirador do «football»...

Terra de Montezuma

Por Mario Sette

A quem corra a vista, mesmo de raspão, pelo novo livro de Fernando Pio, conhecendo um pouco as difficuldades e asperezas do romance, verá logo que a revelação do romance está feita.

Não é commum estrear-se no genero com o relativo equilibrio mostrado pelo joven plumitivo, maximé numa época em que o pretexto do modernismo abre portas ao desvario das esquisitices e ao arrojo das incomprehensões, por vezes encapando a impossibilidade de produzir coisa harmoniosa e clara.

Terra de Montezuma, não se dirá desse livro, sem exageros, que possa ser trabalho de grande realce, desses que impõem de um só jacto um nome de escriptor, porém dir-se-á, com inteiro senso de justiça, ser, isso sim, pedra de toque para avaliar a obra que o seu autor terá de realizar no campo da ficção.

Ha livros que surgem e vemos nelles um ponto final; outros, no emtanto, trazem na ultima pagina uma virgula, que é signal evidente de que o sentido artistico do escriptor será muito mais posto em relevo em outras paginas que se seguirão.

Ninguem desconhecerá no romance de estréa de Fernando Pio as caracteristicas do novellista no traçar dos quadros, no surgir das personagens, no movimento do entrecho, no armar os dialogos. E' de quem tem geito para a "historia"... O official do mesmo officio sente esse pendor e chega mesmo a admirar que numa obra inicial haja scenas tão intensas, tão medidos, tão naturaes.

Haverá, por certo, um vivo forte de mais em alguns coloridos, uma prolixidade em algumas exposições, um quézinho ainda de rebuscado em trechos de dialogos, mas isso tudo corre por conta da mocidade do autor, alma que ha pouco se enfrentou com os vinte annos, que vêem sempre em qualquer sujeição de limites, em qualquer aceno de disciplina, um jugo a que se obedece contrariado, quando não se pode desobedecer.

As lindes de synthese, a agua branca da naturalidade, o cilicio da medida, o risco discreto do desenho são recursos que terão de vir inteiramente depois, e, note-se, virão depressa em Fernando Pio, muito depressa, porque nesse trabalho de estréa elles já se promettem e já se revelam em varias passagens da acção. E ter-se-iam melhormente affirmado, talvez, si Fernando Pio houvesse escolhido para seu romance um assumpto nosso, de observação directa, desses que o romancista pinta sentindo-os, vendo-os e cheirando-os.

Elegendo para essa obra um scenario não visitado e uma época não vivida, teve de dar ensanchas á imaginação, teve de emprestar aos seus typos uma creação toda convencional, pondo-lhes nas boccas tambem um dialogar de supposição, mettendo-os, por sua vez, pela narrativa historica a dentro, aliás com bem habilidade. Personagens daquella natureza não podem ter um cunho accentuado de psychologia, e, entretanto, Fernando Pio procurou, e conseguiu, algumas vezes, mostrar-lhes, no embate de almas sentimentaes que traduzem as emoções aventureiras e temerarias da época — toda uma móla psychica de impulso para o mysterioso das terras que tantos seculos existiram sem que se soubesse que existiam.

Sem que visasse dar da região onde viveram os aztecas a sua grande e destruida civilização, um estudo historico, mesmo superficial, todavia traçou o romancista, em pinceladas largas, umas paizagens e costumes bem interessantes, como si quizesse, nesse palco de emprestimo, ensaiar as côres com que irá pintar, brilhantemente, num romance nosso, os ambientes que seus olhos conhecem. Poderiam ser citados aqui trechos que nem sempre saem de pennas de outros escriptores em identicas condições de um primeiro livro. Ha nelles um sabor de realidade, um rythmo de adjectivação, uma gradação de luz e de tons, um accentuado de contrastes, uma sonoridade de movimentos que suggerem perfeitamente ao leitor a zona áspera de montes, pujante de mattas, buliçosa de gentes, queimada de sol, ameaçada de vulcões, luzente de estrellas, que o autor escolheu para ninho de sua creação.

A paizagem de Fernando Pio, sobretudo, nesse seu livro, é excellente. Elle se trae um visual de grande acuidade, um fascinado pelas côres da natureza, um prosador digno dos themas maravilhosos que o tropicalismo do nosso paiz offerece á penna e ao pincel.

Outra virtude de alta estima do romancista de *Terra de Montezuma* é o não commum poder de interessar o leitor desde as primeiras linhas, levando-o captivo ao termino do livro. Isto, que ao profano talvez pareça uma banalidade, sabe-o quem escreve ser uma qualidade tão necessaria, tão valiosa, que... quem a possue finge desdenhal-a. Não se precisa dizer mais — esse desdem é typico.

Num trabalho do genero de *Terra de Montezuma*, de paladar meio historico, nem sempre do agrado da maioria, o interesse que despertam desde logo a acção, o scenario, as peripecias, o desenlace, com aquelle poemazinho de amor a perfumar o romance, numa dosagem discreta, afiança o romancista que ha de triumphar, que ha de fazer publico, porque tem o dom de escrever para todos, num estylo a que a simplicidade, longe de tirar realces, antes lhe empresta, generosamente, muita elegancia, muito colorido e muita vibração.

Fernando Pio póde estar satisfeito com o seu livro de estréa. Bastante satisfeito mesmo. Nas letras brasileiras, *Terra de Montezuma*, si não foi lançado com a dextreza e a segurança daquella flecha do azteca que Mario Tullio expressivamente desenhou na capa, vae, todavia, attingir um alvo muito além do que o seu joven autor, cheio de modestia e de timidez, talvez tenha visado.

Porque — convem repetir como nas conclusões mathematicas — o seu livro, a quem entenda um pouco da tarefa de contar essas historias que reflectem a vida, fornece logo a certeza de um romancista que nasceu.

ULTIMA VALSA

Dá-me a tua mão, menina,
e dancemos a ultima valsa do nosso amor
lyricamente fenecido...

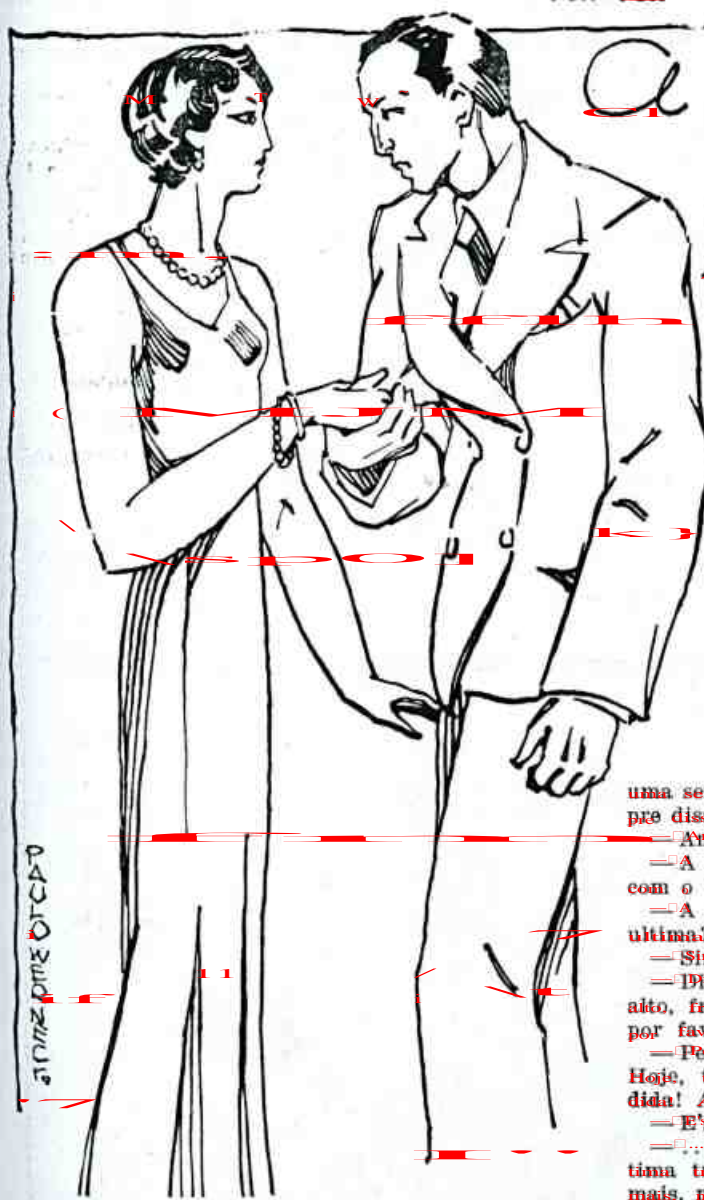
O rythmo dos nossos corações,
triste e lento,
unindo ao teu o meu lamento,
marcará o compasso romantico
da nossa separação...

Vês?
A natureza, na estagnação de um soluço,
derrama,
ante os funeraes do nosso amor,
as lagrimas tristonhas da lua sentimental,
crystallizando em luz a sua dôr!...

Recordas-te de quando passávamos os dois
pelas ruas da cidade,
juntinhos, quasi de braços dados?
Todos diziam:
— Como são jovens, e como são felizes!

E agora, a orchestração do Destino
nos impõe a ultima valsa...
a ultima valsa!...

Dá-me a tua mão, menina,
e dancemos,
num delirio de quem morre sorrindo,
dancemos a ultima valsa do nosso amor!...

MOZART FIRMEZA

A ultima entrevista

Noemi Pitança

— Anna!

— Doutor...

Elle a contempla, magoado e reprehensivo.

— Meu amigo...

— Consentes que te beije as mãos?

— Como antigamente? Já não é possivel...

— *Antigamente!* Como vês, jubilosa, perder-se na bruma da indifferença, o passado — hontem! Anna! Anna! Que queres dizer? Esqueceste-me. Abandonaste-me?...

— Não. Fiz de ti o camarada que merece a attenção do momento. Nada mais.

— E nosso enleio? Onde rola a lembrança, o pensamento, todo o ardor da nossa aspiração? Onde? Onde?...

— O ardor foi breve. A aspiração succumbiu...

— Regressaste da Fazenda, tão linda, tão fresca, tão... perversa!

— E's sempre o incorrigivel galanteador, o mesmo burilador de phrases que fascina as mulheres frivolas. Tens intelligencia, mas... falta-te sentimento... A sociedade, as convenções...

— Tua!

— Obrigada. Não tenho culpa de que tuas cartas promettam longe o que perto nunca poderás realizar...

— E si eu te dissér uma palavra má?

— Uma palavra má? Não será a primeira... Magoaste-me tantas vezes! Depois que cheguei — ha uma semana, apenas — colhi duas decepções... Sempre disseste que sou voluntariosa, despótica, egoista...

— Anna! Anna! Como estás linda, hoje!

— A mulher é sempre bella na ultima entrevista com o homem que um dia a julgou amar.

— A ultima? A ultima? (num éco doloroso) A ultima?...

— Sim, a ultima.

— Dize-me, Anna, e eu te perdoarei, dize-me bem alto, frente a frente: interessa-te alguem? Dize-me, por favor! Interessa-te alguem?

— Perdoar? Meu pobre amigo! Como te deploro! Hoje, tanto zelo, tanta afflicção pela ternura perdida! Amanhã... Meu pobre amigo!

— E's meu real interesse na vida...

— ... como teus negocios, tua clientela. Tua ultima transacção quando, cansado de attenderes aos mais, me reservas silencios e bocejos...

— Vingas-te, perversamente, porque faltei ao nosso ultimo encontro, porque...

— Sê generoso, Jorge! Bem sabes que te esperei mais do que deve esperar u'a mulher. Meu carinho fatigava-te. Minha ternura, sempre alerta, deixava-te um fastio de morte, não é assim? Meu espirito já não tinha som; já não ouvias meu pensamento... Morreu-te minha idéa... A vida é a illusão, dizem. Antes ficasse eu na fazenda, recebendo teus protestos vehementes, absorta nelles, tonta, perdida... Era sempre a consolação. Hoje...

— Anna! Tu gostas de alguem! Dize-me, exijo-te agora: quem é esse alguem? O nome, o nome?

— Com ciumes... tu?

— Eu te amo!

— Meu pobre Jorge! Devo esquecer-te, entendes? Preciso esquecer-te! Pensa o que quizeres: uma questão de egoismo, de vontade, de despotismo! Quero esquecer-te, entendes bem? Hei-de esquecer-te!

— Ficam-me, então, tuas cartas, teu retrato, tuas... mentiras, a pesar-me sempre? Tral-as-ei na primeira opportunidade, não é? E' verdade, dize!, que ainda nos veremos uma vez, que...

— Inutiliza-as... Solta-as ao vento... Como quizeres! As tuas... mandal-as-ei á sua sorte... Adeus!

— Anna! Anna! Eu te...

Seu olhar angustiado, fixo na porta, é uma dorida interrogação ao Destino...

UM DIA...

SENTADO no seu gabinete de trabalho, Rodolpho pensava. Tinha na mão uma carta — carta de mulher. Havia minutos, apenas, acabava de recebêl-a. Após a leitura, Rodolpho aspirou o seu perfume. Desde Verlaine, o "perfume é o eterno evocador"...

Elle, realmente, ao sentir o perfume antigo, evocou todo o seu passado — linda historia da sua vida, historia encantada, que principiou num crepusculo de verão. Rodolpho pensava ainda. Era, então, estudante e pobre, quando a conheceu. Norah, 25 annos, quando muito. Um corpo esculptural — perfil de medalha antiga. Espirito requintado. Mulher que lia Homero e executava Wagner. Rica, riquissima — independente! Elle a vira pela primeira vez em um recital, recital Chopin. Ficou empolgado. Seguiu-a incognito por muito tempo. Um dia, conheceu-a. Falou-lhe, sentiu o seu perfume, o seu espirito e teve mêdo dessa mulher, verdadeiro pavor — e foi esse pavor que a conquistou. Ella estava acostumada a ser requestada; todos a queriam. Elle, tambem, a impressionára sobremodo e não sabia. Fugiu. Ella, superior, dando expansão ao seu sentir, consciente da sua belleza, do seu espirito, foi buscal-o. Não o achou commum. Todos os homens, quando vêem uma mulher bonita, se banalizam. Elle foi differente. Fugira...

E viveram três annos na voragem de um amor allucinado, phantastico, sublime, desordenado, emfim um amor que não raciocinou; — foi por isso que elle não morrêra. Foi um sonho de três annos. Um dia — "um dia" tem sido o punhal assassino de muitos amores — Norah falou-lhe em casamento. Elle, assustado, perguntou-lhe si queria matar o seu amor. Ella insistiu. Queria têl-o sempre a seu lado, queria-o seu, exclusivamente seu em todos os momentos. Elle, digno, pediu-lhe que esperasse: precisava primeiro firmar a sua vida. Formára-se ha tão pouco tempo... Ella, sublime, desordenada, falou na sua fortuna. Elle sorriu — não acceitou. Ella, forçando a sua recusa para o lado peor, partiu. Dois dias, e ella cae doente, muito doente. Elle corre a vêl-a. Ao entrar no seu quarto, não pode reprimir profunda emoção: ella está quasi morta. Elle, ajoelhado, jurou ter vindo para dizer-lhe que dentro de alguns dias estariam casados. Ella, intelligente, comprehende tudo, sorri e nada diz. Elle volta seguidamente, e ella melhora. Uma tarde, elle não a encontra mais — havia partido sem um adeus, sem uma palavra.

Passado um anno, elle sabe noticias de Norah: iria casar-se com outro. Rodolpho levanta-se, vae á sua mesa e de uma caixa de velludo azul retira um papel. E' a copia de uma carta que elle escrevêra quando soubéra da noticia do casamento de Norah. Leu-a:

"Minha bôa amiga. — Acabo de receber a noticia do teu casamento. Uma dualidade de sentimentos paira sobre o meu cerebro: um, que se caracteriza em ficar privado para sempre da minha bonissima companheira; outro, pela grandeza de uma satisfação em ver que a tua situação vae ficar em completa calmaria. O destino é implacavel — tinha de ser. Uma vez me propuzeste todos os teus instantes. Não os quiz. Naturalmente, fui alvo das maiores recriminações. Foste energica — a prova justifica-se pela noticia que acabo de receber. Julgo, minha bôa amiga, que a tua energia foi exaggerada. Pensei muito, muitissimo mesmo, na situação que se nos apresentaria no futuro e peço-te perdão do que pensei naquella epoca. Atacado de realismo doentio, julgando chimerico o romantismo, fiquei com medo de ti — verdadeiro pavor!

Perdão mais uma vez. Nas minhas concepções, via-te horrivelmente irritada, encontrando-se em uma casinhola dos suburbios ou em alguma casinha de uma cidade de interior. Infelizmente, seria o que eu te podia dar. Estavas acostumada no "grand monde", vivias no luxo, frequentavas os chás-dançantes, as temporadas lyricas. Os ultimos modelos dos vestidos Jean Patou eram sempre teus. Tudo isso me horrorizava de maneira assustadora. Não te quiz scientificar as minhas argumentações. Houveste por bem separar-te de mim, que sempre te quiz muito. Adoeceste gravemente: corri a visitar-te. Encontrei o teu corpo tão doente, que fiquei dolorosamente compungido. Sem hesitação, abandonei todos os preconceitos, inteiramente inclinado a uma ligação perenne. Foste scientificada da meu projecto, sorriste e acceitaste. De repente, sem eu mesmo o querer, operou-se em mim uma transformação subita. Fiquei romantico, falei comtigo com absoluta e plena convicção. Deixei a tua casa cheio de contentamento e segui para o interior. No caminho, a minha retina esteve occupada: — a causa dessa occupação era a tua silhueta tão doente, tão encantadora. Voltei. Ansioso, corri ao telephone. Tua creada attendeu e communicou-me a tua partida sem um adeus... sem uma despedida... Então, comprehendi tudo: era tarde demais...

Não te recriminei. O culpado fui eu. O primeiro momento, confesso, foi de franca revolta. Concentrei meu pensamento e deduzi que havias partido sem dizer-me um triste adeus, porque tiveste pena de mim. Como és bôa e como desejo tua felicidade!

Durante um longo anno não soube noticias tuas. Ha pouco, recebi a nova do teu casamento. Sê feliz; tu és bôa e mereces muito, muito — muitissimo...

O culpado fui eu! — Rodolpho".

* * *

São passados dez annos; só agora Rodolpho recebeu a resposta.

Relê, então, a carta que havia recebido ha momentos:

"Orgulha-te, homem adorado, porque a tua alma é grandiosa e o teu physico o de um Apollo. Não poderia consentir que creatura tão perfeita se prendesse a senhora de um ciume indomavel.

Homem altivo e nobre nos menores gestos — amo-te ainda e, emquanto existir, mas não quero, nem de leve, o teu contacto — por te querer de mais, simplesmente. Procurei mil e uma fantasias, todo capricho de que é capaz um espirito de mulher, quando tem labias, para esquecer-te, e não o pude. Juro-te. Consegui, apenas, poder vegetar longe de ti, porque viver, só quando ha união de espiritos gemeos, e eu não quero mais viver. Morreria de amôr ao teu lado. Prefiro ir vegetando... — Norah".

* * *

Elle, mergulhado no "mapple", na tristeza de sua casa de celibatario, recorda. "Ella teve razão e eu tive razão. Matámos o nosso grande amôr... E agora estamos condemnados ás galés perpetuas da saudade..."

REYNALDO BARRETO.

GARÔA.

Voltar...

LA' longe, muito longe, um pedaço de terra mais linda que todas as terras, um pequenino trecho do mundo, uns braços saudosos que nos esperam...

Ouvir de novo uma lingua que canta em nossos ouvidos a melodia que nos embalou o berço... Tornar a ver ruas conhecidas, physionomias amigas... Voltar!

Estar outra vez em casa, após tantos mezes de estrada de ferro, de quartos de hotel, de cabines de vapor. Como é bom voltar!

Mas tambem aqui em terra estranha ha corações amigos.

Tambem aqui, nesta Europa tão materializada pelas consequencias tremendas da ultima guerra, floresce aqui e ali essa flor maravilhosa que tem o nome de amizade.

Como seria bom voltar, si a gente não tivesse que dizer adeus a ninguem!

Por que não pode o coração humano palmilhar indifferente o caminho do destino? Por que o sensibiliza uma gentileza recebida, por que o commove a angustia de outro coração? Por que o scepticismo que avassala o universo, de norte ao sul, deixa, aqui e ali, uma clareira onde a emoção e a ternura podem levantar a sua tenda, feita de velludo e de arminho? Por que, no deserto da vida, o homem, eterno beduino sedento de affecto, precisa sonhar com o oásis que elle talvez nunca encontre? Ha dias em que invejo os scepticos, para os quaes tudo é inutil, tudo é sem valor e indifferente.

Para elles, a vida não é um continuo dizer adeus, e partir ou voltar tem apenas uma significação material.

No diccionario da vida delles não existe a palavra saudade. Para elles, a distancia não significa incerteza, nem a separação se envolve num véu de amargura...

Felizes os scépticos, que nada esperam, que nada sonham!

Os desenganos não os ferem; as ingratidões não os attingem.

Mas não. Sentir a vida é vivêl-a melhor. E todos os soffrimentos têm as suas compensações, nem que seja apenas a triste compensação de haver soffrido.

E quantas vezes um lenço branco, acenando adeus, se transforma num ponto luminoso, quanto mais nos afastamos delle, quanto mais escura vae ficando a estrada que percorremos!

Não invejo os scepticos; não. Elles não conhecem a doce tortura da saudade, nem a gloria de esperar por alguem...

Depois, é mais bonito guardar dentro do peito um canteiro de goivos, que um trecho de terra arida onde nada viceja...

Voltar...

Amanhã, quando o dia abrir o seu cortinado de névoas, um grande navio estacionará no cáes desta cidade engarôada que tanto lembra a minha cidade natal, lá longe, do outro lado do mar.

E esse navio levará, sob a protecção da sua bandeira tricolor, o meu pequenino eu, transido de ansiedade, palpitante de emoção, através do oceano immenso, como o affecto que para lá me chama...

— Volta breve.

Você o disse? Ou eu sonhei?

Não sei. Essas duas palavras, tão simples, resumem para mim todo um mundo de esperanças, todo um grande e inenarravel thesouro de ternura.

Sonho que você me espera...

Sonho que os seus olhos se alongam até aquelles morros azues, ansiosos pela fumaça branca da locomotiva que nos ha de trazer...

Sonho que as suas mãos se estendem para as minhas mãos ausentes e que nos seus labios palpita o beijo que me ha-de dizer tanto da sua saudade e do seu bem-querer...

No entanto, você não me espera...

Eu já nada sou para você, lá longe, nessa linda cidade que a garôa salpica de diamantes e onde as glycinias devem estar em flor.

(*Conclúe na pagina seguinte*).

Elle. — Pois é isso: jogo muito o *football*. A senhorita entende alguma coisa de *football*?

Ella. — Não entendia nada... até o momento em que dancei com o senhor...

*

A mãe. — Esta manhã havia duas maçãs na fructeira, e agora ha, apenas, uma! Como se explica isso, Luizinho?...

O menino. — Muito simplesmente. E' que a sala estava meio escura, e eu só vi uma...

*

— Parece-te que o orador tenha posto bastante fogo no seu discurso?

— Certamente. O mal está em não ter posto muita coisa do seu discurso no fogo.

*

O turista (ao pastor). — Disse-me chamar-se Manzoni? E' um nome famoso, sabe?

O pastor — Acredito. Ha vinte annos que apascento o gado neste valle.

*

No collegio.

— Como é isso, Arthurzinho? — pergunta o professor. — Sua composição sobre "O cão" é exactamente igual á de seu irmão!

— Pois está certo, professor — responde o alumno: — o nosso cão é o mesmo...

*

Na escola.

O professor. — Supponhamos que aqui estão doze asnos.

Um alumno. — Engana-se, professor: somos treze.

O professor (irado, tendo comprehendido a metaphora). — Saia immediatamente da sala, seu malcreado!

O alumno, resignado, sae em direcção á rua, mas volta, de repente, e, abrindo a porta, diz com voz melliflua:

— Tem razão, professor: são mesmo doze.

*

O joven escriptor — Então, agradou-lhe o meu artigo? Que ha de bom nelle?

O director do jornal. — As citações de Carducci.

*

— Casei com minha mulher, porque era differente de todas as outras mulheres que tinha encontrado até então.

— Differente de todas? De que modo?

— Porque, entre todas as mulheres, foi a unica que não me recusou.

*

— Acredita possivel a paz no mundo?

— Emquanto minha mulher viver, não!

Citam-se casos surprehendentes de catalepsia, e alguem conta ter conhecido uma mulher que, considerada morta, despertou durante a cerimonia dos funeraes, ao ruido dos cantos sacros.

No fim de alguns instantes, escutam os presentes as palavras de um cavalheiro, que não julgava estar pensando tão alto: "Para minha sogra, farei dizer uma missa em surdina."

*

A mãe (satisfeita). — Estou resolvida a dar uma bôa educação artistica a este menino.

Um amigo da familia. — Elle demonstra alguma tendencia especial para essa profissão?

A mãe. — E grande! Imagine o senhor que póde passar até tres dias sem comer!

*

O doutor X... é o homem que menos gosta de ser incommodado durante a noite.

Uma vez, quando acabava de deitar-se, o telephone tilintou. Ergueu-se furioso do leito e perguntou o que queriam.

— Venha depressa, doutor! Meu filho engoliu um rato.

— Pois bem! Faça com que elle engula agora um gato! — respondeu.

E desligou.

*

E' teu parente aquelle Bianchi?

— Sim; parente afastado.

— Muito afastado?

— Bastante: elle é o primeiro de quinze irmãos e eu sou o ultimo.

*

O pequeno escreve ao avô a habitual carta de felicitações de entrada de anno.

— Por que — pergunta-lhe a mamãe — desejas ao avô somente 99 annos de vida?

— Porque o anno passado desejei cem.

GARÔA.

(CONCLUSÃO)

trazendo no seu perfume suavissimo a mensagem da primavéra que não tarda... Lá longe, onde um arranha-céo côr de rosa dá ás ladeiras que o cercam um cunho de altaneria e de progresso.

Lá longe, onde os dias têm mais sol que aqui, nesta Europa tão fria, lá longe, onde as noites têm mais estrellas...

Amanhã, aquelle navio, ancorado ali no porto, me levará para longe destas plagas onde vim buscar um pouco de esquecimento para qualquer cousa que a gente não esquece.

Amanhã cêdo, na prôa daquelle grande barco, eu direi adeus a Hamburgo e partirei, mar em fóra, em busca de você...

Voltar...

Como seria bom voltar, si você me esperasse, si lá longe, do outro lado do mar, eu adivinhasse os seus braços abertos para mim!...

COLOMBINA.

Notas de Arte — Oscar D'Alva

NICOLINO MILANO — Depois de uma longa ausencia de mais de cinco lustros, reappareceu no Rio, nas vesperaes de arte do theatro Lyrico, na tarde da penultima mercuridia, quarta-feira, 24 de setembro, o grande violinista brasileiro Nicolino Milano. Tendo partido no inicio da juventude, volta no começo da madureza, em plena segunda mocidade, revelando, a par dos naturaes progressos technicos, aquella mesma espontaneidade e exuberancia de talento, que a magia do seu arco espalha a mãos cheias, qualquer que seja o violino em que toque.

Foram horas de intenso gozo espiritual as que passámos ouvindo o extraordinario violinista interpretar: *Concerto*, de Max Burch; *Humoreske*, de Dvorak - Kreisler; *Tambourin Chinez*, de Kreisler; *Sonata*, de Grieg; *Nocturno, op. 27*, de Chopin-Sarazate; *Moto Perpetuo*, de F. Ries; e as composições do proprio violinista: *Allegro appassionato*, *Romance pathétique*, *Mater dolorosa* (berceuse) e *Caterêtê* (dança brasileira), sem falar em *Zamacueca*, cuja audição impressionou de modo tal, que se não soube o que mais admirar, se a belleza da composição, se o esplendor da interpretação.

O violino de Nicolino Milano produz nos que o ouvem as mais deliciosas emoções de prazer espiritual. Acalenta e enthusiasma; extasia e arrebata. E para conseguil-o não precisa ser um Guarnerius ou *Stradivarius*, mas qualquer, do mais vulgar dos fabricantes. E' do violinista, e não do violino, que provém toda a magia da interpretação, ouvindo o invulgar artista. Parece-nos quasi impossivel admittir que haja outros capazes de produzir mais intensas emoções tocando a *Humoreske* de Dvorake-Kreisler, o *Movimento perpetuo*, de Ries; a *Zamacueca* e a *Sonata*, de Grieg.

Compositor, e compositor que se não deixa levar pelo movimento retrogrado do ultrapassadismo, que dá pelo nome de futurismo, Nicolino Milano revelou-se especialmente inspirado no *Romance pathétique* e em *Mater dolorosa*, que foram alvo da mesma abundancia de applausos com que o publico, mais uma vez, saudou enthusiasticamente os esplendores do *Zamacueca*.

Com o grande violinista brilhou tambem o joven e já notavel pianista Mario de Azevedo, que, como acompanhador não vulgar, contribuiu para o exito dos sólos de violino e foi mesmo elemento de especial destaque na *Sonata* de Grieg, cuja execução pode considerar-se um *duo* de violino e piano. Mario de Azevedo foi então digno emulo de Nicolino Milano. Com justa razão, o violinista repartiu com o pianista a messe de applausos.

HONORINA SILVA — Perante auditorio relativamente numeroso, realizou a senhorita Honorina Silva, na tarde do ultimo sabbado, no grande salão do I. N. M., um recital de piano, onde se fez ouvir em: *Preludio e fuga em lá menor*, de Bach-Liszt; *Tocata em dó maior*, de Schumann; *Ballada em lá menor*, *Barcarolla* e *Polonaise, op. 44*, de Chopin; *Dois Estudos*, de H. Oswald; *Jeux d'eau*, de Ravel; *Dança macabra*, de Saint-Saens-Liszt.

Iamos ouvir apenas a primeira parte do concerto, para chegar a tempo de ouvir tambem o pianista Claudio Arrau, que na mesma hora estreava no theatro Lyrico; mas foi tal a nossa impressão da grande pequena pianista que resolvemos ficar e ouvir ainda a segunda parte.

Grande-pequena pianista, dizemol-o, porque Honorina Silva não impressiona só pela correcção com que interpreta os autores, observando as regras prescriptas pela arte e traduzindo, com mais ou menos emoção, os poemas sonoros, tudo compativel com a sua idade de menina que apenas adolesce; mas porque revela individualidade propria, um temperamento invulgar de musa do teclado. Quando toca, todo o ambiente se sonoriza e envolve a pianista numa atmosphera musical em que, instrumento e instrumentista, concorrem juntos para commover e empolgar. Sente-se que a pianista se transfigura, esquece o publico e se entrega toda á poesia dos sons, provocando enthusiasmo e arrebatamento.

Impressionou-nos vivamente tudo o que ouvimos. Impressionou tanto, que a propria arte de Claudio Arrau, que pouco depois admirámos e applaudimos, não nos pareceu ficar muito acima da de Honorina Silva, dada a differença da idade e da cultura de ambos.

Não sabemos quaes as peças em que mais sobresahiu a juvenissima pianista, mas, a não ser a *Barcarolla*, de Chopin, todas as outras se nos afiguraram primores de interpretação.

E' possivel que os technicos da arte não subscrevam as nossas impressões, mas as formulamos porque, bem ou mal, as sentimos. Para nós, Honorina Silva é, para a sua idade, uma extraordinaria *virtuose* do piano. Repetimos: é uma grande pequena pianista.

CLAUDIO ARRAU — Graças aos esforços, dignos do mais justo louvor, de Nicolino Viggiani, tem o Rio a ventura de estar ouvindo summidades da arte musical contemporanea, especialmente pianistas. Hontem, Alexandre Brailowsky, Carlos Zecchi, Iso Elinson, Walter Rummel, Antonietta Rudge Miller; hoje, Claudio Arrau.

Ouvimos o grande pia-

(*Conclue na pag. seguinte*)

Antonietta de Souza, a illustre cantora brasileira, applaudida pelo publico e pela critica do Rio, Buenos Aires, Roma, Madrid, Paris e Londres, e que vae reapparecer, na semana proxima, nas vesperaes de arte do theatro Lyrico, com um variado programma, em que figuram as peças de maior successo dos seus ultimos concertos.

tal no convento e transportou-o para ali.

Entre laranjaes perfumosos e jatubys alegres, num plano alcatifado de verde, em pleno deserto, longe de qualquer outro povoado, miravam-se nas aguas do Curuguati as casas singelas da villa. O velho sacerdote Fidel Maiz, irmão do padre Francisco Ignacio Maiz, vigario de Santo Izidro e victima de Francia, conta o seguinte: "El dictador Francia le hacia dar mensualmente una onza de oro sellado, cantidad que, atenta la abundancia de aquella villa, era bastante para sus necesidades".

Na paz e no esquecimento, em companhia de seus dois negros e de um cão, viu o vencido de Taquarembó o lento desfile dos annos. Um a um, elles passaram, embranquecendo-lhe de todo a cabeça altiva. Com a permissão de Francia, que lhe mandou dar arado e bois, lavrou, como simples camponio, a terra do exilio. Plantou mandioca e milho, semeou feijões, criou aves e animaes. E o que colhia do seu penoso trabalho distribuia em esmolas. "Cuando pisó el Paraguay, Artigas contaba cincuenta y seis años, tenia el cabello gris. Trabajó hasta tener sesenta, y setenta, y más de setenta".

Francia morreu em 1840. Alguns chefes militares se apoderaram do governo, occultaram a morte do poderoso "dragón sagrado" e mandaram prender e algemar Artigas, com medo que o povo o puzesse á sua frente. E aquelle velho, que o arado curvara, foi mettido numa enxovia, com grilhões nos pés e sentinella á vista. Ninguem, até então, comprehendera no Paraguay que elle era espontaneamente um enterrado vivo. "Algum tempo depois — conta o autor da "Epopeya" — quando Mariano Roque

O Morto Vivo

(Conclusão)

Alonzo e Carlos Antonio Lopez, successores de Francia, se firmaram no poder, que o segundo tomaria para sempre, Artigas foi posto em liberdade e, depois de ouvir, sem grande interesse, algumas explicações do commandante, que de todo o tranquillizaram, volveu a jungir os seus bois e continuou o sulco interrompido".

Annos antes da morte de Francia, um viajante, que o acaso levou a Santo Izidro, conversou com Artigas, contou-lhe por meudo as lutas da Cisplatina, a paz de 1828, a independencia do Uruguay, e offereceu-lhe um exemplar da constituição promulgada em 1830. O velho caudilho tomou o livro nas mãos tremulas e beijou-o chorando... E, quando o governo oriental enviou uma embaixada a buscal-o, respondeu que não desejava mais sahir do seu voluntario desterro.

Em 1845, o presidente Carlos Lopez mandou trasladar Artigas para Manorá e, depois, para Ibiraí, perto de Assumpção. Recebeu-o pessoalmente, conversou muito tempo com elle, hospedou-o em boa casa, construida especialmente com esse fim nos terrenos de sua chacara, na vizinhança de sua familia e de Pimenta Bueno, ministro do Brasil.

O negro Ansina já tinha morrido. O cão tambem. Restava-lhe somente a companhia do negro Joaquim. Durou ainda cinco annos. Lopez dava-lhe tudo, sua familia visitava carinhosamente o velho caudilho e toda a gente do logar o chamava, segundo seu proprio desejo — narra Lamy Dupuy, no livro "Artigas en el cautiverio" — Don José. Ainda montava a cavallo e passeava pelos bosques e campos que marginavam o rio Paraguay. Longas horas do dia passava a pescar á sombra fresca de frondoso ibirapitá, até hoje conhecido na redondeza como "el arbol de Artigas". E seu filho José Maria, que deixara menino, foi visital-o em 1846, com quarenta annos de idade. Era como um estranho. Debalde supplicou ao ancião que voltasse á patria.

Em 1847, o coronel brasileiro Beaurepaire-Rohan foi vel-o. Encontrou-o curvado, apoiando-se a um bastão. Quando lhe falou de sua gloria, seus olhos brilharam. Indagou:

— Então, fala-se de mim no seu paiz?

— Sim, respondeu o official brasileiro.

E elle:

— E' tudo o que me resta!

O general Paz tentou-o para uma de suas aventuras politicas em Corrientes e Rozas desejou a sua prestigiosa companhia. O velho protector dos povos livres, como se intitulava, sorriu e continuou no Paraguay.

Numa tarde silenciosa de setembro, em 1850, no dia 23, Artigas fechou os olhos para sempre, tendo recebido o santo viatico das mãos do vigario da Recoleta, padre Cornelio Contreras. Depois da communhão, ergueu-se no leito, com esforço. Começou a delirar. Estendendo as mãos, exclamou:

— Tragam o meu cavallo!

E morreu.

Tinha oitenta e seis annos. No dia seguinte, levaram o esquife numa carreta de bois. Dez ou doze pessoas a acompanhavam. Entre ellas, montado no cavallo do general, no Morito, o negro Joaquim, chorando...

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

nista chileno, vencedor, em 1927, do primeiro premio do Concurso Internacional de Genebra, em Chopin — *Ballade em fá menor*, tres *Estudos*, *Scherzo em dó sustenido menor*; Debussy — *Reflets dans l'eau* e *Menestrels*; Liszt — *Sonata 123*, *Petrarca*, *Rhapsodia hespanhola*. Não me foi possivel ouvil-o na primeira parte do concerto — constituida pelo *Preludio e fuga em dó sustenido maior*, de Bach, *Rondó em sol maior*, de Bethoven, e *Variações sobre um thema de Paganini*, de Brahms — porque na mesma hora se realizava no I. N. M. o recital da pianista brasileira Honorina Silva. Mas das audições a que assistimos podemos concluir o valor excepcional do artista.

Possue o *virtuose* chileno invulgares dotes de interprete. Sem esforço, vence todas as difficuldades. Seus dedos são de aço para as passagens de grande bravura e de vertiginosa velocidade, e de velludo e arminho dedilhando phrases de doce e melancolico lyrismo. As suas mãos têm alma. Parece que só dellas provém a magia do interprete. Pois o corpo, o tronco, entrega-se a movimentos que parecem contrariar a musica das mãos. Mas o resultado final é a emoção profunda que deixa no auditorio, empolgado pelos esplendores lyricos-épicos dos poemas sonoros dos Chopin e dos Liszt, redivivos ao magico toque do grande pianista.

Sem querer especializar, não se pode, comtudo, deixar de assignalar toda a belleza expressiva com que Claudio Arrau cantou a *Ballada de Chopin* e o maravilhoso fulgor que deu á *Rhapsodia* de Liszt, onde a vertiginosa velocidade das oitavas só encontra paridade na assombrosa bravura do pianista russo Iso Elingon, chamado que Glausinoff Liszt redivivo.

AOS HOMENS QUE AMAM SUA ESPOSA

Algumas palavras ao coração e á razão.

A prova maxima de carinho que o Sr. pode dispensar a sua esposa e filhos, é acautelal-os contra incertezas do futuro. Na agitação da vida actual, não se sabe que surpresas nos reserva o Destino. Um Seguro de Vida na SUL AMERICA evitará as desastrosas consequencias da falta de previsão.

Si por enfermidade ou accidente vier o Sr. a ficar incapacitado permanentemente para o trabalho, o nosso Seguro de Vida o porá a coberto das necessidades. Quando o Sr. desapparecer, o Seguro evitará que sua esposa soffra privações e miserias, pois ficará protegida pelo Seguro de Vida, permittindo-se, assim, que ella eduque os filhos de modo que perpetuem com honra o nome do pae e que os encarreire no caminho do bem e da felicidade. Não importa saber quanto ganha o Sr. Ser-lhe-á sempre possivel segurar-se na SUL AMERICA, nas condições que mais convenha aos seus recursos.

Solicite informações e folhetos, SEM COMPROMISSO DA SUA PARTE, remettendo-nos, devidamente preenchido, o coupon abaixo.

SUL AMERICA

CIA. NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Para Seguros contra Fogo, Maritimo, Accidentes pessoaes e Responsabilidade civil, dirija-se á SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACCIDENTES

Sob a mesma administração da Sul America

5

Queira enviar-me, SEM COMPROMISSO, informações acerca do seguro que me conviria.
SUL AMERICA - CAIXA POSTAL 1946 - RIO

Nome ....

Edade .... Profissão ....

Somma que poderia economisar annualmente ....

Rua ....

Cidade .... Estado .... F. F. — Rio

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E... DETESTAVEL

MARIANNE

DA METRO

Cinema ODEON — Guerra, guerra, guerra, sempre guerra. Já lá vae longe. Este filmé da Metro não se desenvolve precisamente durante o momento critico do grande prelio. E' fragil como enredo, e banal como realização. Motivos cansados, quadros já apreciados em filmes do mesmo ambiente. A interpretação é agradavel, mas não se impõe á mediocridade da pellicula. Excellente a parte technica, que não chega a salvar o naufragio.

Cotação — SOFFRIVEL

O PAIZ SEM MULHERES

DA UFA

Cinema RIALTO — O thema principal deste argumento já andou em filmes americanos. Mulheres trazidas para as colonias, onde os homens se sentem sós. Se não estamos em erro, já foi isto, nos inicios de Roma, a razão do rapto das Sabinas. Em torno dum motivo tão material, a Ufa traçou um thema sentimental, embora duma sentimentalidade em traço grosso. O desempenho e o trabalho technico é que são bons. Aproveitadas situações de relevo emotivo. Conrad Veidt produziu um trabalho bellamente pormenorizado.

Cotação — BOM

AMANTE DE EMOÇÕES

DOS ARTISTAS UNIDOS

Cinema ELDORADO — Um interessante romance de amor com um final bem americano, daquelles finaes em que *tout est bien qui finit bien*. Para este genero de trabalhos Ronald Colman é o homem ideal, do tempo em que para se sêr um admiravel artista de cinema não era preciso sêr canario belga. O argumento é um tanto *demodé*. Genero filme policial. Mas a direcção é boa e a interpretação muito para elogiar. O filme vae ter uma carreira de pleno agrado. O publico anda saudoso destes artistas e desta especie de cinema.

Cotação — BOM

HOMENS SEM MULHERES

DA FOX

Cinema GLORIA — Este filme devia ter sido imaginado e realizado, quando a guerra civil chineza estava no seu auge. E' um filme em que a parte mais saliente, de mais valor, de maior effeito, é uma parte propriamente scientifica. O argumento não tem quasi enredo sentimental, considerando por esta palavra a influencia da mulher no desenvolvimento do enredo. O *cast* é bom e a parte technica surprehendente de effeitos, de *trucs* verosimeis. Só por este aspecto o filme vale, que por outros não se recommenda.

Cotação — BOM

Quem falla
de bellos dentes,
diz: Dentol...
O DENTOL (agua, pasta, pó, ou sabão) é um dentifricio ao mesmo tempo poderosamente antiseptico e dotado de um perfume muito agradavel.
Creado segundo os trabalhos de Pasteur, dá firmeza ás gengivas.
Em poucos dias, dá aos dentes uma alvura excepcional. Purifica o halito e é particularmente recommendado aos fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.
O DENTOL encontra-se á venda em todas as boas casas vendendo productos de perfumaria e em todas as pharmacias.
Dentol
DENTOL
Deposito geral:
Maison FRÈRE, 19, rue Jacob - Paris
BRINDE. Para receber, franco de porte, uma amostra de pasta DENTOL, basta devolver o presente annuncio do "Fon Fon" aos Srs BARENNE & C., 263 rua Buenos-Aires

ALFREDO era um ladrão...

— Que pena, Senhor, tão lindo moço!...

E todos o apontavam, impressionados, quando elle passava lentamente, acompanhado pelo padre, a caminho da forca.

Foi no tempo da Regencia. Tempo em que predominava o cadafalso, como castigo para as menores culpas, tempo dos maus poderosos e tambem das maiores injustiças.

Alfredo era filho unico de um riquissimo casal de fazendeiros maranhenses.

Desde muito criança, acostumara-se a desobedecer e a impôr somente a sua vontade, ao que os paes acquiesciam da melhor fórma e com grande satisfação, embora fosse a coisa mais absurda do mundo.

Seu pae, o sr. Rosas, boa índole, despreoccupado, bonachão, estremecia aquelle filho, e nada havia que elle não fizesse para satisfazer aos seus mais insignificantes caprichos... Sua mãe, a bondosa senhora d. Mathilde, possuia um coração de ouro e tambem nada sabia negar ao filho, que disso se aproveitava para exercer quasi que uma exploração para com os paes.

Entretanto, o pequenino tyranno ia crescendo e cultivando com esmero os seus maus instinctos. E, menino ainda, já os tinha tão apurados na arte de praticar o mal, que nada ficava a dever ao peor malandrim.

Todos o desprezavam. Os vizinhos odiavam-no, e as outras crianças de sua idade delle se afastavam...

As reclamações e as queixas avolumavam-se dia a dia, á porta do honrado fazendeiro, que não soube educar seu filho e que jamais tivera coragem para reprehendel-o pelos seus malfeitos e arruaças diarias.

Raro era o dia em que não apparecia com dinheiro nos bolsos e, ao ser benevolamente interrogado por seus genitores da procedencia do mesmo, respondia com grande calma: *Achei-o na rua.* E por isso ficava e o assumpto era dado por terminado.

Alfredo já era um homem e nada sabia, não tinha instrucção, sem nenhuma cultura, pois nunca pegára num livro; era ocioso e mau; sabia, apenas, ter verdadeiros requintes de perversidade. Tinha elle a volupia de tudo desperdiçar, até mesmo a sua propria felicidade. Poz toda a sua intuição ás ordens da mais ultrajante das baixezas: o roubo.

Alfredo fôra accusado de um grande roubo, fôra mesmo preso e encarcerado.

Seu pobre pae não poude resistir a tamanho choque. Morreu, depois de ter comprehendido a sua enorme culpa, pelo que estava acontecendo a seu filho querido.

....

Ao meio da praça, estava armada a forca e já o carrasco preparava o nó apavorante, que iria cortar uma vida que mal desabrochára, quando, por condescendencia, pergunta ao joven si não deseja despedir-se de sua velha mãe, ao que elle respondeu affirmativamente.

A multidão agglomerava-se, acotovelando-se, para a tudo assistir.

Cambaleando, approxima-se do filho infeliz a boa senhora, estendendo-lhe os braços. Elle, porém, num arranco de fera, salta sobre sua mãe e, com os dentes, corta de uma só vez, grande parte de sua orelha, ao mesmo tempo que diz:

— Isto eu faço, para que saibas que és a unica culpada do que agora me acontece.

E, no paroxismo da cólera, elle a indica á multidão e, sobretudo, ás mulheres que vêm assistir á sua morte.

— Tomae-a para exemplo e lembrae-vos sempre, senhoras, que, dos paes, e muito mais das mães, é que depende o caracter e o futuro dos filhos! Vou morrer por culpa dos meus paes, que não me souberam crear nem educar.

E assim terminou uma vida em flor e uma alma que, de certo, nascera inclinada para o bem.

UM GOLPE DE MESTRE

AS contrariedades eram algumas vezes duras nas viagens, mas Mr. Hemmingway, divertia-se agora com um certo detalhe interessante da travessia. Dava a impressão de não se encontrar, de nenhum modo, desconcertado com a presença a bordo de um tal Conklin, que sabia, fóra de qualquer duvida, ser um detective da *Revenue Service*, e um passageiro com o unico e particular proposito de vigiar-lhe os passos.

Mr. Conklin, por certo, compartilhava da suspeita official de ser elle um contrabandista, e, além disso, tinha certeza o mesmo Mr. Hemmingway de que o detective fôra particularmente destinado a deitar mão ao *thesouro* de *Slipery Jim*, expressiva, senão desagradavel alcunha atirada sobre Mr. Hemmingway, alguns bons annos antes.

Não obstante, a despeito do conhecimento passado e do facto de ter embarcado no Havre carregando diamantes no valor approximado de quatro mil libras, sobre os quaes, a julgar por sua reputação, não tinha a mais leve intenção de pagar imposto, Jim Hemmingway parecia mais divertido do que alarmado.

O grande navio, atravessando velozmente Nova Yorkward, precisava ainda de um dia para completar a sua jornada dos nove através do Atlantico.

Mr. Hemmingway deixou a sua cabine e começou a passear pelo tombadilho, com ambas as mãos nos bolsos do "ulster" cinza. Por debaixo da aba pontuda do *bonnet* ligeiro, os olhos pardos, com um vislubre de escarneo nas pupillas, dirigiram-se para Mr. Conklin.

O detective apoiou rapidamente os cotovelos á grade, á approximação do passageiro, e poz-se a fixar a superficie agitada das aguas, que, verdade seja dita, se assemelhava ao seu rosto perturbado e inquieto.

— Que embaraço agora! — exclamou, com os seus botões, Conklin. — Elle sabe perfeitamente que não sou nenhum commerciante de quinquilharias de Chicago, dil-o a attitude escarninha que mantem e que me irrita.

Voltou-se, então, inopinadamente, e encontrou-se face a face com Slippery Jim. E elle olhava-o com o mesmo exacerbante sorriso, de dentes á mostra.

— A's nove horas da manhã, mais ou menos, Mr. Conklin — falou Hemmingway, jovialmente — teremos á vista Nova York. Presumo que se sentirá bastante satisfeito ao encontrar-se de novo em casa, no seio de sua familia, em Chicago, parece que é isto, não?

E sublinhou a interrogação com um riso breve, que inflammou de colera o detective.

— Saiba, Mr. Conklin — proseguiu Mr. Hemmingway — que tenho andado por este mundo a fóra muitas vezes e que prezo de conhecer soffrivelmente os homens á primeira vista. Eu não me encontraria na pista verdadeira, absolutamente, se o tivesse na conta de algum negociante da cidade. Minha opinião a respeito — perdão, se o offendo, Mr. Conklin — é que não passa de um detective.

Conklin poz de parte o incognito.

— Ora! — grunhiu selvagemente. — Eu não imaginava que pensasse em querer descobrir alguem. Pensei, desde o primeiro dia de viagem, que soubesse quem eu era. Então, descobriu-me, Mr. Slippery Jim Hemmingway; e eu o descobri. Como procedem, habitualmente as partes contrarias?

CONTO DE CHRISTOPHER BOOTH

— Muito honestamente, Conklin — respondeu o outro, rindo ás gargalhadas. — Admiravel, justamente, admittindo-se a nossa — supponho que podemos dizer — a nossa mutua suspeita. Notei-o desde o momento em que subia o pranchão no Havre, trazendo comsigo a persuasão de que eu tinha em meu poder diamantes no valor aproximado da quarta parte de um milhão de dollares e de que um de seus collegas se poria tambem na minha pista.

Conklin não se dominava já. A affronta daquelle homem que alli estava, de pé, calma e friamente, admittindo possuir as pedras preciosas, punha-o fóra de si.

— Que! — exclamou, com voz abafada e rouca. — Admitte na minha presença trazer os diamantes, admitte-o na minha frente?

Slippery Jim Hemmingway sorriu, divertido.

— Que acha de tão estranho nisso, Conklin? — mofou elle. — Naturalmente, meu caro, que eu não me ia pôr a girar em torno do navio, fazendo proclamação publica do facto de estar a viajar no dito navio com diamantes no valor de quarenta mil libras nos bolsos... Mas, qual é o senso de negativa para você — você, meu caro Conklin, que já sabe agora que os tenho?

O detective ficou profundamente perturbado com a intelligente réplica.

Hemmingway pareceu alegrar-se com a visivel confusão do outro, e continuou a sorrir.

— Meu caro — murmurou — você compartilha da impressão de que entrei no negocio do contrabando de pedras preciosas; de que sou, em summa — um contrabandista.

— Espero que não esteja a procurar negal-o — explodiu o detective, em altas vozes.

Hemmingway suspirou e ergueu as mãos.

— Qual o proveito que se tira negando uma coisa em que alguem tão firmemente acredita? Se lhe agrada, e aos seus superiores tecerem fantasticas theorias concernentes aos seus innumeros giros por ahi além, que o continuem. Penso que, se tivesse de experimentar provar, pelo espaço de dez annos, uma theoria qualquer, ter-me-ia desenganado.

— Experimente-o! — vociferou Conklin. — Conhecemos o seu jogo, e conhecemos a você tambem; mas não nos escapará agora com elle e tudo, Slippery Jim. Temos um novo inspector e...

— Um novo inspector? — interrompeu Hemmingway. — Sim, ouvi dizer que Tom January foi promovido ao posto de inspector. Valha-me Deus! Supponho que o inspector January já foi avisado de que me vou aproximando da minha praia natal, e que ha de querer, sem duvida, ser o primeiro homem a chegar á mesma praia quando a embarcação do policiamento maritimo deslisar ao longo do navio.

— Tem toda a razão — é este o desejo delle — respondeu o detective, asperamente.

— Que gente desconfiada! — murmurou Hemmingway, com uma gravidade de tom desmentida pelo continuo piscar dos olhos pardos. — Somente porque aproveitei a opportunidade para comprar os diamantes do duque Boris por um preço razoavel, e porque os trouxe através dos mares para revendel-os com algum lucro na America, todo mundo parece suppôr que tenciono passal-os como contrabando pela alfandega, sem pagar a taxa habitual de vinte por cento.

Um golpe de mestre

(Continuação)

— Quer dizer — zombou Conklin — que se vae corrigir e pagar direitos sobre os diamantes?

As sobrancelhas de Slippery Jim suspenderam-se, em signal de surpresa.

— Ter-lhe-ia eu admittido pensar estarem os diamantes em meu poder? Pareceria razoavel para mim, meu caro Conklin, admittir semelhante coisa a você, se eu tivesse a mais leve intenção de passal-os como contrabando?

Conklin admittia que semelhante coisa era — por assim dizer — extraordinaria, e por tal motivo, Hemmingway levou a effeito umas tantas coisas surprehendentes, e ninguem soube nunca se fôra verdade ou não que elle tencionava embolsar espontaneamente alguma coisa assim como oito mil libras de diretos aduaneiros...

Hemmingway estendeu a mão e tocou com ella o braço do detective, num gesto emphatico:

— Tenho os diamantes — disse, com uma voz subitamente grave. — Tenho-os justamente aqui, no bolso do sobretudo; vinte diamantes perfeitos, diamantes de um azul de aço, de que cada um me custou quarenta mil libras. Como sabe, e como o inspector January já foi avisado, comprei-os em Amsterdam de um commerciante que se portou como um adelo, relativamente ao duque Boris, um russo nobre, tombado na desgraça. São diamantes admiraveis — exclamou, enthusiasmado. — Talvez quizesse vel-os, não? Tenho-os exactamente aqui; não é preciso incommodar-se para tal.

Conklin balançou a cabeça, pensativo. Tinha necessidade de saber com que cara ficaria o inspector January quando soubesse que Slippery Jim declarara pertencerem as pedras preciosas ao duque Boris, como poderiam pertencer a outro qualquer respeitavel personagem, a um importador que acatasse as leis.

Mr. Hemmingway, mettendo a mão dentro do sobretudo, tirou de lá uma caixinha de couro vermelho, e de um pequeno bolso uma chave delgada. Em seguida, apoiando-se á grade do tombadilho, introduziu a chave na fechadura.

— Acho que seria melhor entrarmos na cabine para isso — observou Conklin.

O cordão que envolvia a caixinha foi desatado, e, immediatamente, a tampa saltou. O corpo de Slippery começou a balancear como um pendulo. Elle agarrou-se com uma das mãos á grade para sustentar-se em equilibrio. O sol reflectiu-se, então, sobre uns objectos brilhantes no interior da caixinha de couro vermelho. E, a um balanceado mais forte, elles foram arremessados no ar, saltaram por cima da grade, desapparecendo dentro da espuma branca, lá em baixo.

Desenhou-se no rosto de Slippery uma expressão de horror, seus olhos não piscavam agora zombeteiramente; estavam muito abertos para dentro da caixinha de couro, vasia, apenas com uma pedra de um azul de aço, que, tendo-se prendido a um amarfanhado da pelluccia, scintillava em sua bella luz cambiante.

— Céos! — exclamou elle, com voz rouca. — Foram-se todos, com excepção deste! Duas mil libras cada um! Cerca de quarenta mil libras para, afinal, cahirem no mar!

Por um momento apenas, o detective Conklin tragou a coisa e admirou-se; seu rosto tomou tambem um aspecto de inteiro desgosto, como o de Mr. Hemmingway; mas logo depois assaltou-o a suspeita. Olhou para a caixa de joias; não podia haver a menor duvida a respeito da pureza e do valor da pedra solitaria nella contida.

— Ha um embuste qualquer nisto tudo — rosnou elle. — Não se chama você Slippery Jim á tôa; não queira divertir-se commigo; ha velhacaria ahi, e velhacaria grossa.

Mr. Hemmingwy sorriu levemente.

— Arre! Mas que desconfiado é! — exclamou.

* * *

Quando, ás duas horas daquella tarde, o radiogramma de Conklin alcançou a Alfandega, o inspector January **tinha a mesma suspeita que assaltara o espirito do detective e havia collocado tudo nos seus** verdadeiros termos.

Tres vezes franziu as sobrancelhas sobre a mensagem, e depois rugiu furiosamente.

— Ha nisto um ardil qualquer!

Sua bocca tornou-se dura, com um rictus desagradavel; cerrou o punho e bateu pesadamente sobre a secretária.

— Haja ardil ou não haja, deitarei a mão, desta vez, a Hemmingway! Deixal-o fugir com duzentas mil libras em diamantes! Nem pensar em tal.

— Elle já fez isto, inspector — disse o auxiliar Clarke, melancolicamente. — Não com diamantes no valor de tantas libras, mas com coisa identica; alguem veiu, por ordem sua, informar-se a nosso respeito, e quando pensavamos que estava seguro, adeus!

— Vou fazer Slippery Jim cahir agora no laço, Clarke! — exclamou, num transporte de colera, o inspector January, e leu o radiogramma de Conklin pela quarta vez.

— Adivinho o que está a pensar, inspector — accrescentou Clarke — pensa que os diamantes que voaram do tombadilho para o mar eram falsos, o que não deixa de ser uma velhacada, uma nova pirataria de Hemmingway.

— Sem duvida que se trata precisamente de um embuste.

— E ? — replicou Clarke — não posso perceber o que espera ganhar com elle, principalmente se adquiriu diamantes pequenos, inspector.

— Não pode perceber, heim? — rosnou o inspector January. — Está bem; mas eu posso perceber tudo claro, claro bastante. E nada vejo de complicado no caso. Jim Hemmingway comprou os diamantes do duque Boris em Amsterdam, vinte pedras perfeitas, de um azul de aço, adquiridas num adelo por quarenta mil libras. Verei tudo isso de perto, quando Hemmingway se approximar do caes, procurando descer á terra com os diamantes do duque Boris nos bolsos ou na bagagem.

— E elle dirá: — Sinto muito, cavalheiro; é verdade que os tive, mas estão no fundo do Oceano Atlantico. O seu Mr. Conklin viu-os saltar ao mar. — falou o agente Clarke.

— Não acreditarei em tal cantarola, e o proprio Hemmingway não espera que nella possamos crer; ella lhe dá, porém, um alibi — replicou o inspector January.

O agente Clarke sorriu, pensando na costumada sagacidade de Slippery Jim.

— Sim, comprehendo, inspector — disse elle. — Mas, acreditando ou não, se não encontrarmos com elle os diamantes, que faremos?

Tom January deu um murro na secretária e seus olhos tornaram-se duros.

— Nós os encontraremos, Clarke! — rugiu — aos vinte diamantes.

— Dezenove — corrigiu o agente Clarke, com um sorriso forçado. — Elle terá que pagar direitos sobre um delles. E' o que o radiogramma de Canklin me deixa perceber.

— Sim, dezenove, é esta a sua opinião. Dezenove diamantes de quilate sufficiente para valerem duas mil libras cada um, e que enchem o concavo de uma mão. Não podem ser escondidos debaixo dos dedos, como vê; Slippery trai-os-á comsigo e vencel-o-ei, com grande vantagem, desta vez.

(Continúa no proximo numero)

Não abandone os esportes

no seu periodo de indisposição. ◆ ◆ ◆ A toalha sanitaria Modess proporcionar-lhe-ha protecção efficaz. ◆ ◆ ◆ O seu chumaço é mais absorvente que o de qualquer outra; a parte exterior é impermeavel; os suaves flocos que a formam e a gaze acolchoada que a envolve, tornam-na incomparavelmente commoda e suave.

Experimente-a

MODESS

A TOALHA SANITARIA HYGIENICA

É um Producto de JOHNSON & JOHNSON

Um pequeno detalhe . . .

muito importante!

Ainda que um homem se vista á ultima moda, se deixar que as pontas do collarinho molle se abram excessivamente, ou se dobrem e se amarrotem, produzirá uma impressão de descuido.

É indispensavel manter o collarinho em sua melhor posição. Os alfinetes KREMENTZ, além de prenderem bem, são artisticas joias de ouro laminado.

KREMENTZ

Quando o coração envelhece

NESSA casa, em que, todos os sabbados á noite, se jogava o *bridge*, Antonino Levral teve uma viva surpresa, quando um dos seus adversarios, Mauricio Leverdier, lhe disse, de repente, batendo com as cartas na mesa:

— A proposito, meu caro, alguem me falou a respeito. Esse *alguem* é minha prima, Germana Duvauchel. O seu nome de familia, pronunciado por mim — eu acabava de elogiar as suas porcellanas persas — espicaçou-lhe logo a curiosidade. Minha prima pretende tel-o conhecido. Era, nesse tempo, mlle. Reboul.

— Mlle. Reboul!... Era encantadora.

— Ella o é sempre, mas de um outro modo. Mora em Versailles. Se lhe agrada, apresental-o-ei. Tres quartos de hora de auto, não é para desanimar.

— Causar-me-á o facto muito prazer até — acquiesceu Levral — mas Duvauchel inquieta-me um pouco.

— Farçante! Confessa assim um *béguin* da mocidade. Vou socegal-o já. Duvauchel morreu. Era um bom homem, um pouco estabanado, porém. Germana vive em embaraços. Sae-se bem delles, aliás. As pessoas arruinadas vivem, apesar de tudo.

Levral apertou os labios e, com um pouco de tristeza na voz:

— Então está combinado... terça-feira, 22, se não é incommodo para você.

— Bom, tomo nota do dia. Virei buscar-te ás duas e meia.

E deu uma gargalhada. Levral riu tambem. Um quarto de hora depois, sentia-se menos alegre. Elle podia, sem duvida, tomar o auto-omnibus e ganhar a rua d'Assas nesse meio rapido de conducção, mas o ar estava puro, as estrellas brilhavam e, como outróra, quando joven, esse homem, desdenhando os vehiculos publicos, desceu a pé os Campos Elysios.

Revia Germana em vestido de lustrina, com uns olhos muito azues num rosto pallido, e duas tranças pesadas descendo até á cintura. Vizinhos de sacada, numa rua estreita, trocaram, primeiro, timidos sorrisos, depois, com o tempo, as familias se ligaram. Cresceram quasi lado a lado. Talvez devesse ter desposado Germana. Os paes Reboul contavam com semelhante casamento e a filha, sem duvida, esperava-o tambem. Ella, porém, não era dessas pessoas ardilosas que forçam com intrigas o destino. E quando uma herança que não era esperada, em absoluto, enriqueceu subitamente, a familia Levral, essa estranha moça, longe de impôr-se, marcou a distancia que os separava por uma discreção que elle não comprehendeu. No anno seguinte mudaram-se, e suas relações, espaçadas no começo, no fim de alguns mezes romperam-se por si mesmas.

Pouco tempo depois, Germana casou-se. Elle proprio desposou a filha de um banqueiro. Viuvo, com cincoenta annos e pae de dois filhos casados, por sua vez honrosamente, encontrou-se sozinho, rico e solitario. O amor dos *bibelots* occupava-lhe a vida. Era esta, então, a sua unica paixão.

Levral poz-se a andar mais depressa. Uma brisa aspera cortava-lhe o rosto. Respirava a plenos pulmões os frescos odores da selva que ascendiam no ar.

— E' curioso — pensava — a pequena Reboul de outro tempo surgir agora. Ella tem quarenta e

De Pierre Villetard

seis annos, mas revejo-a mocinha. Que natureza deliciosa! Conheci muitas mulheres em minha vida, algumas mais bellas e mais seductoras, sem duvida; nenhuma tinha porém, a sua delicadeza.

O tempo trouxe-lhe esta revelação. Experimentou assim como um vago remorso.

— Estou velho agora... Poderia dizer-lhe... Mas, admittindo que tenha tido resentimentos, por que iria eu reviver uma antiga ferida? Melhor será guardar silencio. Nós nos comprehenderemos.

E esse homemzinho secco, de cabellos grisalhos, soffreu alguns dias de melancolia. Mas, como comesse bem e dormisse melhor ainda, essa tristeza, suave e superficial, não lhe alterou o bom humor e remoçou-o até.

Leverdier veiu buscal-o na data combinada:

— Germana nos espera — annunciou elle.

Fazia um bello dia; a relva enchia o ar de perfumes e, na temperatura branda de uma primavera prematura, Levral, emocionado, por detraz do pára-brisa, aspirava, como um joven, os odores sylvestres. Versailles appareceu. O carro metteu-se por uma ruazinha, depois parou bruscamente deante de uma grade azul.

Levral inquietou-se. Estas experiencias não são, ás vezes, perigosas? Não ia ter alguma desillusão? Mas o honrado Mauricio não mentira. Germana, sem duvida, não possuia mais vinte annos, esbelta e graciosa, porém, em seu *tailleur* negro, conservava, ainda, o talhe de moça e os olhos azul cinza, de uma pureza de crystal, lembraram a Levral a época da sacada, quando trocavam ambos os primeiros sorrisos.

— Como a gente se encontra!... — disse ella, gentilmente. Dirijo a Mauricio todos os meus agradecimentos.

Xenhum embaraço. Era melhor assim. E mme. Duvauchel apresentou a filha, uma menina de doze annos, que se lhe assemelhava, menos bonita, todavia, e com um ar de rapaz em seus cabellos cortados e nos gestos bruscos. Tomaram uma chicara de chá no pequeno jardim, e Levral viveu ahi duas horas deliciosas.

— Madame — perguntou elle, no momento de partir — permittir-me-á repetir a visita?

Germana Duvauchel teve um fino sorriso:

— Certamente, senhor Levral... e dar-me-á prazer.

Voltou, então, sozinho, muito emocionado desta vez, e cheio de respeito por essa viuva tão digna. Ella retivera-o para jantar, sempre simples e boa, depois, em seguida ao jantar, contou-lhe a sua vida. Os tempos estavam duros, não era rica e seu pequeno capital diminuia dia a dia.

— Deus meu — disse Levral — é doloroso.

E perguntava a si mesmo: "Que posso fazer por ella?" De facto, essas confidencias perturbavam-no muito. Desposar Germana era o mais simples. Sua velhice seria, as-

(*Conclúe na pag. seguinte*).

sim, menos triste. Mas lembrou-se dos filhos, que haveriam de mostrar-lhe má cara. Não, reflectindo bem, não era livre.

— Em que posso auxilial-a? — perguntou elle, afinal, a Germana.

Esta corou, muito embaraçada:

— Oh! senhor Levral, não lhe peço nada... Mas tenho alguns bibelots de que me desejava desfazer. Elles têm, não o ignoro, um certo valor. Conhecerá o senhor alguem que nos queira comprar?

— Compro-os eu — respondeu vivamente Levral.

Deu uma somma respeitavel por algumas velharias; depois, na semana seguinte, tendo voltado, adquiriu generosamente duas estatuetas de marfim. Germana confundiu-se em agradecimentos. Fazia negocios excellentes. Esses horriveis objectos, sem nenhum valor, Levral comprava-os por puro devotamento, mas tinha, assim, o prazer de obsequiar Germana, e era elle sempre a fixar os preços. Foi, desde então, um habito que adoptou. Entretanto, no fim de um mez, Levral assustou-se. Nessa pequenina casa, que lhe parecera vazia nos primeiros dias, surgiam pratos e vasos de porcellana por toda a parte. Fez, de prompto, a conta: quinze mil francos de horrores...

Quando o coração envelhece

E todos esses horrores, elle precisava revender. Deshonravam o seu appartamento.

Assim, todas as semanas, quando o tempo estava agradavel, Levral dirigia-se, como um fim de passeio, a uma loja do "boulevard" Raspail. Era ahi que cedia, a preços miseraveis, os objectos comprados em casa de sua querida Germana. Errava, em seguida, pelo estabelecimento, sempre á procura de uma curiosidade qualquer, ou de alguma novidade. Um dia, seu olhar cahiu sobre um velho e pequenino cofre. A peça era falsa, mas bem imitada e a pastorinha pintada na tampa tinha uma certa graça, que não lhe desagradou.

— Mas a mim não enganam — disse elle, em voz alta.

Teve, porém, no dia seguinte, uma surpresa quando, ao penetrar em casa de sua velha amiga, percebeu o pequenino cofre sobre o aparador.

— Ah! o senhor o está observando — falou Germana, brandamente. — Sempre o vi em nossa familia. Meu pae herdou-o de uma tia avó.

— Não se deve separar delle — aconselhou Levral, muito sombrio.

— Ah! mas é preciso... em minha situação...

— Bom, compro-o... duzentos francos, não é?

— E' extraordinariamente bondoso — suspirou Germana.

Levral hesitou. Devia revoltar-se e espatifar o pequenino cofre? Reflectindo melhor, resolveu guardar silencio. Não voltou, porém, nunca mais, á pequenina casa de Versailles. Germana, mulher de negocios, era o fim de tudo. Ella revendia-lhe os objectos comprados na lojazinha do "boulevard" Raspail.

Sentiu uma tristeza profunda e a vida, agora, pareceu-lhe bem melancolica...

Sentimental, guardou, comtudo, o pequenino cofre e quando, por acaso, vinha visital-o algum amigo, Levral dizia-lhe, levantando a tampa:

— Tenho muito apego a esta pequenina coisa. Lembra-me uma mulher muito delicada... Mas a historia se perde na noite dos tempos.

Ornamento dando tambem

Efficiencia

á sua secretária

Duplamente util é este bello Jogo de Canetas Parker para secretária.

A Parker Duofold de escripta suave para uso na secretária, pode ser convertida num instante em caneta para a algibeira.

A titulo gratuito é fornecida uma tampa com presilha. Dest'arte, pode-se ter uma Parker para secretária e uma Caneta Parker Duofold para trazer no bolso—ao preço de uma só—duas canetas em uma unica.

Unico Distribuidor no Brasil:

A. Cardoso Filho,

Rua Buenos Aires, 208,

Rio de Janeiro

Parker Duofold

Porta-Canetas Para Escrivaninha

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Secca instantaneamente.

2.° Não mancha nem racha as unhas.

3.° Resiste á lavagem, mesmo com agua quente.

4.° Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.

5.° E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.

6.° Dá um brilho e colorido inegualaveis, que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal, 1379 — São Paulo

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139

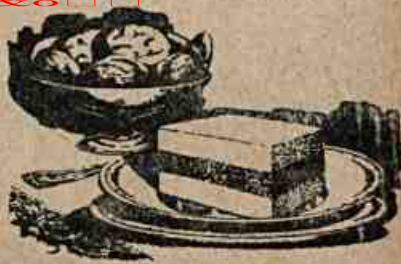
(Copacabana)

Tel. 7-2407

VENUS DE MILO PADRÃO DE BELLEZA

JUVENTUDE ALEXANDRE

PADRÃO DOS TONICOS PARA BELLEZA DOS CABELLOS SEM SUBSTITUTO CONTRA CABELLOS BRANCOS

O Complemento de Uma Boa Refeição

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gózam. Da proxima vez que V. S. tiver convivas, ou que prepara uma refeição para a familia, experimente o seguinte, saboroso

MINGAU DE MAIZENA

2½ Taças de leite quente
1 Colher de extracto de baunilha
1 Pitada de sal
6 Colheres rasas de Maizena Duryea
½ Chicara de assucar

Misture-se a Maizena Duryea com ¼ da taça de leite frio. Deite-se o sal e mexa-se bem, addicionando o resto do leite quente aos poucos e o assucar para lhe dár o sabor desejado. Leve-se ao banho-Maria por 12 minutos, mexendo-se constantemente, até engrossar. Accrescente-se a baunilha, misturando-a bem. Em seguida verta-se tudo numa fôrma mergulhada em agua fria, até endurecer. Enfeite-se com fructas da estação.

Esta receita foi extrahida do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & C.
C. Postal 2938
RIO

MAIZENA DURYEA

LEIAM

"SELECTA"

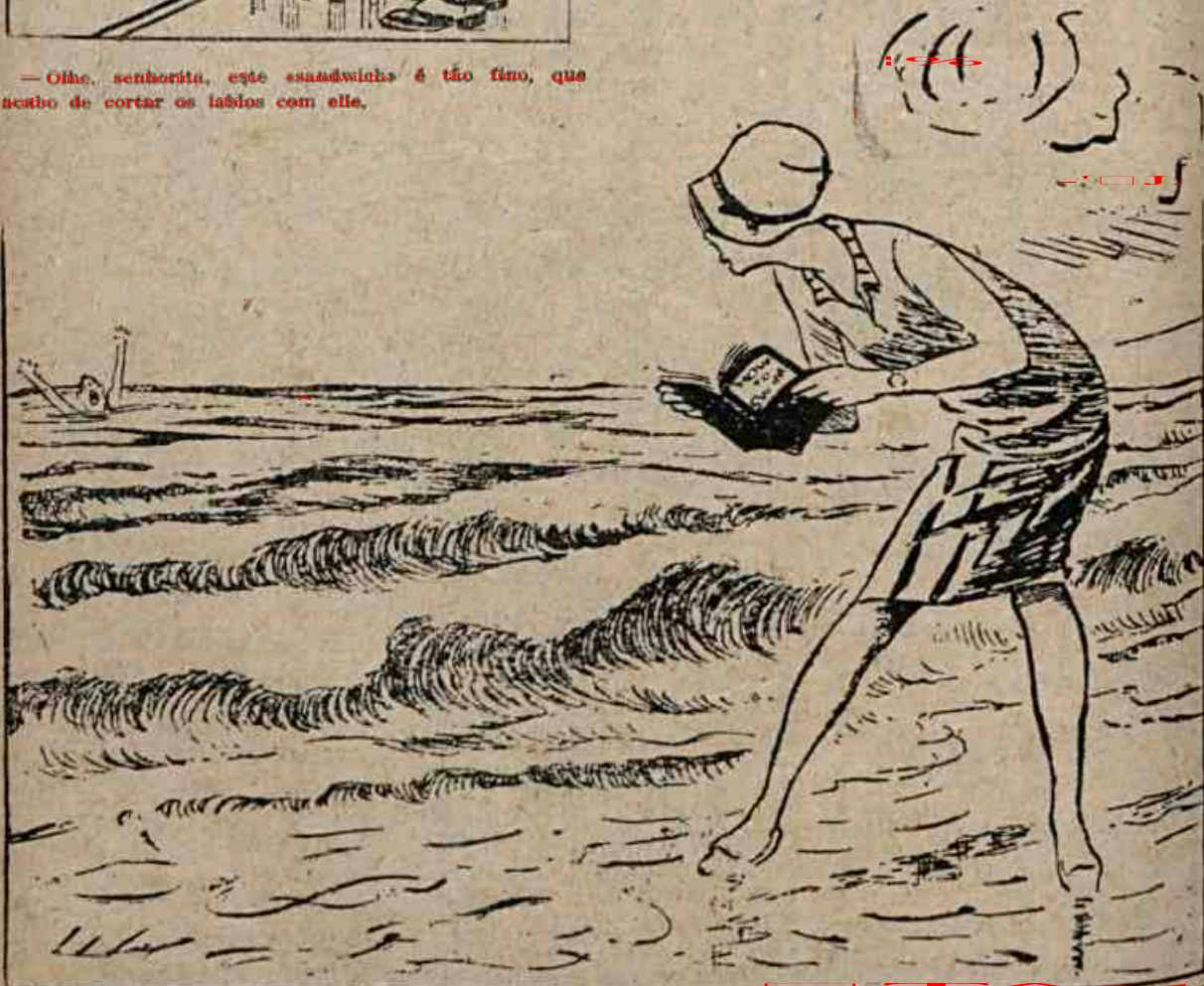
A melhor revista cinematographica

completamente remodelada

ESPIRITO ALHEIO

— Olhe, senhorita, este «sandwich» é tão fino, que acabo de cortar os labios com elle.

O senhor, ébrio (ao guarda, que o levou até em casa):
— Olhe, seu guarda; deixe-me, ao menos, telephonar a um amigo para que me venha tirar, mediante fiança...

FLEUGMA

A esposa. — Resiste um pouco, Francisco, que vou ler-te o capitulo que trata do que deve fazer todo nadador em caso de perigo.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

BANHOS DE MAR

Os mais modernos e elegantes modelos das afamadas roupas de banho americanas

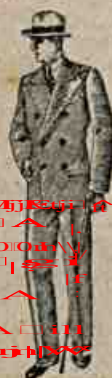
JANTZEN BRADLEY GANTNER

Toucas, salva-vidas, sapatos, lenços, tampões para ouvidos, bolas e brinquedos para praia, encontram-se na

CASA SPORTSMAN

a melhor e mais antiga casa de artigos para todos os sports.

RAUL CAMPOS

Rua dos Ourives, 25 Tel. 3 - 2225 — Rio

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE

DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO

DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

VERSOS

Excelsior

A' SENHORITA YOLANDA PEREIRA

"Miss Rio Grande do Sul"
"Miss Brasil"
"Miss Universo"

Guarda em teu coração mimoso e puro,
Linda rival de Venus, Juno e Pallas,
Estes versos despidos de aureas galas,
Nos quaes, querendo ornal-os, me torturo.

Guarda, guarda meu canto, embora obscuro,
Desse illusão no enlevo em que te embalas;
Que, si vês do Presente as curvas alas,
Eu, como um vate, a luz do teu Futuro.

Mais tarde, em teu declinio, ó Senhorita,
Has de sentir, ao ler-me, encantos novos,
Volvendo á gloria actual, dando-lhe adeuses...

Vêras no mundo, então, que ora se agita,
Teu Passado — insculpido pelos povos,
Teu Porvir — invejado pelos deuses!

BENEDICTO SALGADO

Searas e sóes

Teu olhar, assim meigo, assim tranquillo,
E' um deus radiando amor numa centelha,
— Deus tyranno, em que, fraco, eu me anniquillo,
— Glauca centelha, em que, a sorrir, se espelha.

Tua bocca mellifica e vermelha
E' de aliferos beijos doce asylo,
— Céu de carne, ante o qual Amor se espelha
— Constellações de beijos, a cobril-o...

Teu olhar, tua bocca, — fontes puras
De célicas, refrigeras doçuras, —
Fal-os taes para mim piedoso numen...

No olhar, um sol que a minha vida aclara,
Na bocca, de almos gozos uma seara,
Searas e sóes universaes resumem!

(Do livro "Aljôfares").

OTHONIEL BELLEZA

Symphonia do Amor

A MARIA DE SENO

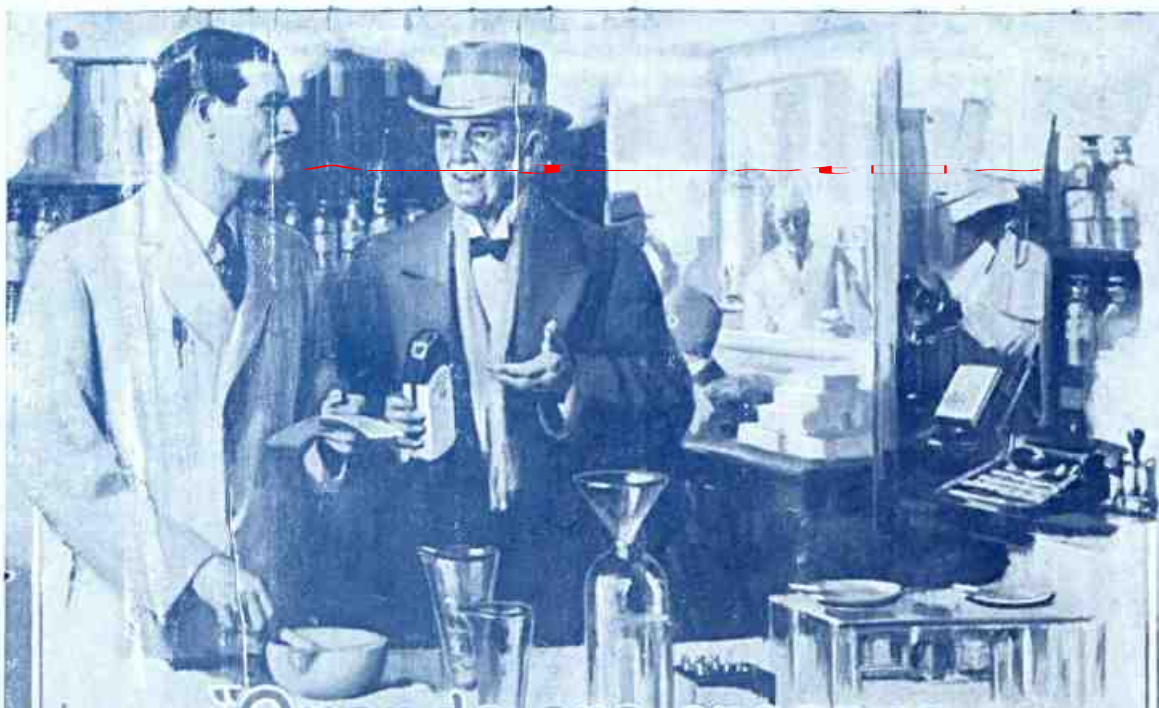
Na primavera em flor dos tempos de creança
Nunca pensei no mal nem mesmo na ventura!...
Porque não ha veneno e idéa assaz escura,
Quando, cheio de paz, o coração descança!...

Como um beijo de mãe ou como a brisa mansa,
Minh'alma era bondosa e envolta de candura
E como um brando luar de amor e de ventura
Foi balsamo e prazer das almas sem bonança!...

Porém, no céo azul de nossa mocidade
Um genio, bom ou máu, nos trama um sonho infindo
E em nosso coração se assenta e nos governa!...

Pois, como um sol de abril que a terra inteira invade,
Tu foste o archanjo bom que Deus me deu, sorrindo,
Para encher de fulgor minh'alma doce e terna!...

JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES NETTO

(Do livro "Evangelho do Amor", inedito).

QUAL herança preciosa, o **LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS** transmittio-se, atravez dos annos, de geração em geração. Não existe producto algum semelhante, capaz de offerecer uma garantia tão valiosa, nem tão eloquente, comparavel á de haver merecido a confiança implicita das familias, durante mais du meio seculo.

Nada o supera, na correcção da acidez excessiva do estomago, nada que o exceda, em brandura e em efficacia, como laxante. Por este motivo, não tem egual. nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA DEPOIS DAS REFEIÇÕES
ERUCTAÇÕES · AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

O melhor existente, para tornar assimilavel pelas creanças o leite de vacca, e evitar as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil, e costuma provocar irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para não se exporem aos perigos duma imitação, exijam o envolucro azul, e verifiquem a presença do nome PHILLIPS, *impresso sobre o mesmo.*

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo